

Alberto Seabra

# O Problema do Além e do Destino

Terceira Edição

Direitos reservados da Empresa Editora "O Pensamento"

EMPRESA TYPOGRAPHICA EDITORA "O PENSAMENTO"

RUA RODRIGO SILVA Nº 40 — SÃO PAULO — 1927

## APRESENTAÇÃO

*Oferecendo ao público uma nova edição, correta e melhorada, da presente obra, temos em vista tornar mais conhecidas as conclusões a que chegaram os sábios de vistas mais largas no estudo do problema multissecular do além e do destino humano.*

*Conquanto, como expõe o autor, as conclusões a que se chega ainda sejam hipóteses, estas são necessárias para o progresso da ciência, porquanto são como que o alimento de que se sustenta o estudo e a investigação.*

*A hipótese é como a crença que conduz ao saber. Porém só este destrói as dúvidas e nos faz ter a certeza daquilo que nos parece razoável ou provável. É no campo da hipótese que a ciência e a fé se dão a mão, se abraçam carinhosamente, no caminho ilimitado que as leva ao infinito; e, assim entrelaçadas, novos raios de luz iluminam os horizontes longínquos para os quais se dirigem. É que, sem o auxílio da ciência, a fé claudica e cai no abismo da superstição e do fanatismo, ao mesmo tempo em que a ciência sem a fé tem os olhos vendados à maravilhosa beleza da vida que nos cerca e nem mesmo merece o nome de ciência.*

*Nesta obra, o autor, seguindo os princípios da verdadeira ciência, apresenta à consideração dos estudiosos uma série de observações que tendem a demonstrar a existência da alma humana e sua sobrevivência ao corpo.*

*Prova, também, que os princípios da fé tradicional, iluminados por novos dados da razão, podem perfeitamente enquadrar-se nas hipóteses da ciência espiritualista. Recomenda-se, por conseguinte, esta obra não só à meditação dos sábios, mas também à daqueles cuja missão está na orientação nobre e elevada das consciências humanas.*

*Profundos ensinamentos tirarão de suas páginas o leitor, para sua conduta na vida.*

A EMPRESA.

## CAPÍTULO I

### Os fenômenos psíquicos e o mistério universal. — Os “raps”. — O raio.

O estudo que vamos fazer está erizado de dificuldades.

Dificuldades provenientes da complexidade dos fenômenos, de sua árdua interpretação; dificuldades oriundas do estado de incultura relativa de nosso meio intelectual e científico; das prevenções e preconceitos populares; da leve credulidade de alguns; do amor ao maravilhoso, sem o corretivo eficaz do espírito crítico ou de um largo preparo filosófico; do ceticismo exagerado de outros, ceticismo que se orna com as cores de uma ciência sólida e que não é, no fundo, senão preguiça mental, incapacidade de refletir sobre os fatos, de elaborar segundo as forças do seu próprio intelecto, hábito de receber como escravo o resultado da ciência oficial, de assimilar o bocado preparado.

São muitas as dificuldades, mas estamos dispostos a empregar esforços sinceros, leais, procurando a verdade com independência, seguindo-a para onde quer que nos leve, sejam quais forem os interesses feridos ou os preconceitos lesados.

Os fenômenos recentes, passados em uma casa de pensão e denunciados ao público pelo *Correio Paulistano*, aguçaram a curiosidade de muitos e lhes despertaram o desejo de saber o que há de verdade nos fenômenos psíquicos.

Foram-se desde logo classificando os fatos entre os de ordem psíquica. Haveria razões para isso? A fraude é muito comum e desliza facilmente por entre aqueles fenômenos. Mas porque a fraude existe, não se segue que não existam fatos autênticos, como a moeda falsa não prova a ausência da moeda legítima, como a histeria simulada não prova a irrealidade da histeria, como a simulação da loucura não prova que a psiquiatria seja uma ilusão.

Segundo a narrativa do *Correio*, fenômenos estranhos e anormais se davam junto e perto de certa senhorita; ouviam-se pancadas aqui, ali, acolá; objetos lhe eram arrebatados das mãos e caíam ao chão, obliquamente.

“Uma botina, no momento de ser calçada, caiu e deslizou no assoalho. Peças de roupa, ao serem retiradas da mala, voavam para debaixo da cama, ou para qualquer outro lugar do quarto. Um fortíssimo pente, na ocasião de ser usado, caiu aos pedaços. Em resumo, objetos vários e em várias ocasiões saltavam-lhes das mãos e, em verdadeiros voos, iam parar longe, em direção oblíqua”.

Não prosseguiremos na transcrição. Consultem os interessados vários números do *Correio Paulistano*, a partir do dia 13 de outubro deste ano (1909).

Perdeu-se uma bela ocasião de observar, cientificamente, um fenômeno interessante e, porventura, cheio de ensinamentos.

Tudo que foi feito esteve abaixo do critério científico, e tal é a razão por que não há vantagens em transcrever a narração de acontecimentos que não foram bem autenticados.

Um dos narradores põe-se, desde logo, a formular a teoria diabólica para explicá-los. Outro, sem nada ter observado pessoalmente, acha excelente pretexto para dissertar sobre a histeria e considera, previamente, como fraude histórica a totalidade dos fenômenos. Encaixa-os no quadro das neuroses, sem se dar ao trabalho da mais insignificante investigação pessoal. Fica, então, comprovado que, em seu entender, fatos desta ordem nunca podem ser autênticos, mas simulados.

É o gesto clássico de Lavoisier ao revoltar-se contra os aerólitos: “Não há pedras no céu, como quereis que elas caiam na terra?”

É o estado mental de Bouillaud, agarrando pelo gasnete o representante do fonógrafo de Edison: “Miserável! pois havemos de ser vítimas de um ventríloquo?”

Outros se congregam e vão fazer sessões de espiritismo.

Finalmente, cada um compareceu com as suas prevenções, com as suas ideias preconcebidas, com as suas concepções previamente elaboradas. Cada um levou o seu partidarismo, o seu espírito de seita, de classe ou de profissão.

Ninguém se apresentou em atitude estritamente científica. A primeira condição seria observar o fato com o maior rigor, a fim de lhe estabelecer a autenticidade ou a irreabilidade.

Eis aí por que ninguém pôde extrair daqueles fatos o ensinamento que lhes é próprio. Tentamos, em vão, observá-los pessoalmente; mas, com o isolamento da doente, a prescrição médica já havia trancado as portas ao estudo imparcial.

Ainda que o seu número venha aumentando continuamente, contudo não é ainda avultado o dos sábios que se entregam sem temor a estas investigações: afugenta-os o seu caráter estranho, esquisito, misterioso, com se estes qualificativos não coubessem igualmente a todos os fatos, aos mais constantes, aos mais banais, aos mais frequentes. Que haverá de mais estranho, esquisito e misterioso do que estes átomos e este éter, que não são vistos, nem palpados nem pesados, e que não caem sob um só de nossos sentidos, sob um só de nossos instrumentos técnicos e que são, no entanto, indispensáveis para a compreensão do mais simples fenômeno psíquico?

Todo o universo psíquico-químico repousa sobre o invisível.

Invisível é a força que atrai partículas de papel para o vidro levemente atritado. Da familiaridade com o fenômeno nos advém a ilusão de que o compreendemos, e, do hábito, a convicção da ausência de mistério. Na realidade, o fato é tão misterioso quanto o da atração do ferro pelo ímã, quanto o da acumulação da eletricidade no vapor d'água e consecutiva descarga sob a forma de chuva, quanto o mais simples movimento de

nossa mão. Que sabemos da natureza da força que opera no ímã, na gota d'água, na célula nervosa? Nada sabemos; nem como elas operam, nem porque os fatos se passam assim e não de outro modo.

O que a ciência fez, e já é muito, foi catalogá-los, classificá-los nesta ou naquela categoria, apreender as condições em que eles se realizam, observar a sua constância e repetição em tais e tais condições, a que chamou *leis*. Uma vez conhecidas estas leis, tais forças caem sob o domínio humano e são aproveitadas pela indústria, que as faz trabalhar em nosso benefício.

Na realidade, porém, nem mesmo a cabeça mais genial que a humanidade tenha conhecido, nunca compreendeu o mais simples fenômeno físico.

Todo o universo repousa sobre o invisível: invisíveis são o átomo, o éter, as forças físico-químicas de que se vai a ciência apossando. Somente os efeitos dessas energias invisíveis é que caem sob a alçada dos nossos sentidos e dos aparelhos por nós inventados, e que são aperfeiçoamentos dos ditos sentidos. Tudo nos é incompreensível; mas do estudo da natureza resulta o conhecimento de relações constantes entre os fenômenos, donde a possibilidade da previsão, — e tal é o objeto da ciência.

E já agora se patenteia a razão capital que afugenta tantos sábios da investigação dos fenômenos psíquicos. É que tais fatos estão em revolta aparente contra as leis naturais, contra as relações constantes já catalogadas e reconhecidas, e isto apresentaria a natureza como sujeita a irregularidades, a caprichos, a fantasias de mágicos.

Há no fundo destas razões ilusórias uma confissão da estreiteza de nosso horizonte mental. Não há fatos contra fatos, nem leis naturais contra leis naturais, nem verdade contra verdade. Os fenômenos da capilaridade e do ímã não se opõem aos fenômenos da gravidade.

Como dizia Richet, “admitamos que os fenômenos conhecidos pelo nome de *raps*, e que são vibrações sonoras da madeira ou de outras substâncias, sejam um fato e que, em certos casos, ouçamos pancadas inexplicáveis pela ação de qualquer das forças mecânicas conhecidas; porventura estaria, por isso, a física por terra? Será simplesmente uma força nova desprendida da madeira e que exerce poder sobre a matéria; mas nem por isso as forças antigas deixarão de manter todo o seu poder, e é até provável que a transmissão desta vibração na madeira operada por uma força nova se faça segundo as mesmas leis de transmissão das outras vibrações: a temperatura, a pressão, a densidade do ar ou da madeira exercerão as mesmas influências. Só haverá de nova a existência de uma força até agora desconhecida”.

Observadores têm descrito o que há de extravagante, de singular, de estranho nos efeitos do raio. Tudo que há de esquisito na ação daquele agente físico prova que ele não pôde ser ainda perfeitamente integrado no quadro das leis conhecidas. Ora, se fosse justificada a atitude dos homens de ciência que se põem a negar os fenômenos psíquicos, simplesmente porque ainda não os puderam incorporar na ordem das leis

naturais, eles deveriam, por necessidade lógica, proceder de igual modo negando autenticidade aos fenômenos do raio.

Vejamos se não parece um mundo fantástico:

“Aqui, por exemplo, o raio vem bater numa pessoa que se inflama com um punhado de palha; ali ele reduz mãos a cinzas, deixando as luvas intactas; solda os elos de uma corrente de ferro como no fogo de uma forja e, ao lado mata um caçador sem fazer disparar a arma que trazia consigo. Funde um brinco sem queimar a pele, despe alguém, sem lhe fazer mal algum ou, então, contenta-se de lhe tirar o calçado e o chapéu; fotografa no peito de uma criança o ninho que ela tirava do alto de uma árvore fulminada; doura as peças de prata de um *porte-monnaie*, galvanizando-o completamente sem que o seu dono seja atacado; esboroa instantaneamente um muro de seis pés, ou cai num castelo secular ou numa casa de pólvora sem a fazer explodir”.

(CAMILLE FLAMMARION — *L'inconnu et les problèmes psychiques*).

Estudemos os fenômenos psíquicos com larga tolerância e curiosidade, mas façamo-lo sem artifício, sinceramente, afastando a verdade da impostura, afugentando a ilusão e procurando o real, selecionando os fatos autênticos, procurando extrair-lhes a seiva e rejeitando os que forem de duvidosa autenticidade.

## CAPÍTULO II

### As “mesinhas” que se movem e “falam”. — Física transcendente. — O “od” de Reichenbach.

Vamos começar pelo estudo das mesinhas que se movem e falam. É um fato que entra no grupo dos chamados fenômenos físicos do espiritualismo. Dizemos do espiritualismo e não do espiritismo.

Mais ou menos conhecido esporadicamente, desde a alta antiguidade, em várias nações, dos homens de grande saber, o fenômeno das mesas se apresentou no século XIX, com sorte vária, desprezado pelos sábios, amado pelo povo, onde se alastrou como epidemia. E deu origem ou, melhor, despertou uma dupla corrente social: — no seio das turbas, uma impetuosa agitação, mais religiosa do que científica, que se chamou espiritismo; — entre os homens de ciência, um movimento mais científico do que religioso, em torno dos fenômenos psíquicos e que a princípio se formou lentamente, a contragosto, mas que vai aumentando cada vez mais, à medida que se lhes vão compreendendo o interesse e o alcance com a mais ampla verificação de sua autenticidade.

O fenômeno das mesas (*tiptologia*) é uma realidade; é um fato de física transcendente, que dispensa, por supérflua, a hipótese espírita para explicá-lo.

O movimento das mesas sem contato é um fato certo, amplamente comprovado por investigadores de mérito. Claro está que não daremos aqui o transunto destas experiências, por longas em demasia. Apenas será lembrado que a *Sociedade Dialética de Londres*, que reúne os sábios mais notáveis da Inglaterra, procedeu do seguinte modo:

Os experimentadores ajoelharam-se em cima de cadeiras, apoiaram os braços em seus espaldares e mantiveram as mãos a algumas polegadas acima da mesa. Pôs-se a mesa em movimento e verificou-se, ao mesmo tempo, que das mãos dos experimentadores saíam nuvens fosforescentes.

“Em suma, a Comissão da Sociedade verificou mais de cinquenta movimentos sem contato, em oito sessões que efetuou nas casas dos sócios, e tendo as mais minuciosas precauções que pôde imaginar.”

A este propósito diz Crooks: “Tive confirmação repetida da experiência considerada como concludente pela Comissão da *Sociedade Dialética de Londres*, isto é, obtive o movimento de uma mesa pesada, em plena luz. As cadeiras tinham as costas voltadas para a mesa e estavam à distância de um pé, e cada pessoa ajoelhada numa delas tinha as mãos postas no espaldar, sem tocar na mesa. Isto se passou enquanto eu passeava em torno, a fim de verificar se todos se conservavam em seus lugares.”

A substância fosforescente de que falam é o *od* do barão de Reichenbach; é a força que põe a mesa em movimento.

É de suma importância para quem penetra o labirinto das investigações psíquicas travar conhecimento com esta força, que nos serve de chave para a explicação de muitos fenômenos. O investigador que a rejeita ou a desconhece vê-se enredado numa trama de fatos que se lhe afiguram estranhos, maravilhosos, sobrenaturais, e fica coagido a formular as mais diversas hipóteses.

O conhecimento do *od* tem ainda a vantagem de ser alguma coisa mais do que uma simples vista do espírito, um ente de razão necessitado para envolver no mesmo quadro de física transcendente os fenômenos de exteriorização da sensibilidade e da motricidade, da levitação do corpo humano, da varinha divinatória, etc.

Ainda mesmo que esta força não pudesse ter sido objetivada, a sua concepção como hipótese estaria plenamente justificada. Não é possível aos homens de ciência dispensar as concepções hipotéticas da afinidade, da coesão, do éter, sem as quais as ciências físico-químicas não fariam o mais insignificante progresso. E, no entanto, ninguém jamais conseguiu isolá-las. Não acontece assim com o *od*, que tem existência objetiva, real, autêntica.

Mais ou menos conhecido no passado por *Guilherme Maxwell*, em 1679, ele foi afirmado um século depois por *Mesmer* e seus discípulos *Tardy de Montravel*, *Deleuze*, *Charpignon* e pelo dr. *Despine*.

Foi, porém, o barão de Reichenbach o primeiro que instituiu experiências estritamente científicas e o incorporou ao conjunto dos fatos naturais mal conhecidos. Ultimamente, as memoráveis experiências do coronel De Rochas e de Durville têm forçado o misoneísmo das corporações científicas oficiais a reconhecerem-lhe a realidade.

Aquilo que Pitágoras chamava o *carro da alma*, que na Idade Média era conhecido pelo nome de *espírito vital*, e que era designado pelos magnetizadores como *fluido mesmérico*, corresponde ao *od*.

É visto pelos sensitivos em todos os corpos da natureza, mas aqueles cujas moléculas são dispostas simetricamente são os que mais o desprezam.

O corpo dos animais está envolvido em uma nuvem ódica. No homem, a emissão deste fluido se dá mais copiosamente pelas extremidades dos dedos e dos órgãos dos sentidos. O *od* que escapa dos corpos vivos, dos cristais, dos ímãs e de outros corpos, não produz nos sensitivos a impressão de uma e sempre a mesma cor; não. Há cambiantes e matizes que individualizam os corpos. A luz proveniente do lado direito do corpo é azulada; a do lado esquerdo, amarelo-avermelhada.

“Levemos um sensitivo à obscuridade, onde haja um gato, um pássaro, uma borboleta, vasos de flores. Passadas algumas horas, ouvi-lo-emos dizer coisas curiosas:



as flores sabem da escuridão que as envolve e se tornam perceptíveis; a princípio, saem da treva geral sob a forma de uma nuvem pardacenta isolada; pontos mais claros ir-se-ão formando; formas aparecerão cada vez mais claras. Um dia, eu pus um destes vasos diante de *Endlicher*, distinto professor de botânica, que era de mediana sensibilidade: ele exclamou, num misto de admiração e terror: “É uma flor azul, é uma gloxínia.” Era, efetivamente uma *Gloxinia speciosa*, variedade “cerúlea”, que ele tinha visto na escuridão absoluta e que reconheceu pela forma e pela cor.”

Aqui está o que nos conta Reichenbach; mas já a incredulidade se desenha na fisionomia do leitor. Pretende-se demonstrar o que há de natural no fenômeno do movimento à distância, do movimento sem contato, e apela-se para uma força invisível, para experiências talvez ilusórias, pensa ele.

Não nos intrigue o espírito esse famoso invisível sobre que repousa tudo que vemos.

Reichenbach verificou que as mesas só se movem com pessoas sensíveis, que se movem fracamente com sensitivos e não sensitivos reunidos ao redor delas, e que o movimento só é vivo, nítido, quando são os sensitivos unicamente que colocam as mãos em cima. Notou mais que a carga óptica é favorecida pelo calor, pelo aquecimento do quarto e da parte superior da mesa, e que as doenças diminuem a emissão daquela força.

Para dizer em uma palavra o resultado de várias experiências, acrescentemos que o “od” e o magnetismo animal são uma e a mesma força. E cabe aqui a experiência feita pelo Dr. *Pleischke*, de Praga, referida por *Karl du Prel*: “Eu tentei mover um dos membros de nossa sociedade em vez da mesa. Um deles foi cercado em cadeia, isto é, pondo nós nossas mãos nas suas costas, nas espáduas e no peito. No fim de algum tempo, sentiu ele uma sensação inexprimível, uma pressão indescritível, à qual obedece a parte superior do corpo, segundo o eixo do comprimento, e moveu-se lentamente de oeste a leste. Um de nós rompeu a cadeia por detrás, sem avisar o paciente, e reformou-a logo depois. Ele percebeu imediatamente e o declarou, porque a pressão cessou de um lado no mesmo instante, e sentiu logo uma pressão correspondente na direção oposta.

Repetimos a experiência, servindo cada um alternativamente de paciente e sentimos todos a mesma coisa”.

E o autor declara que, em rigor, podiam resistir ao impulso, mas uma vez que se conservassem passivos, o movimento se dava.

E para que se não lembre alguém de invocar a sugestão como meio explicativo, digamos que o Dr. Longet fez experiências em cadáveres, com êxito completo.

É o *od* a força que opera movimentos à distância, sem contato direto do operador, e o fenômeno das mesas, longe de implicar a hipótese de seres espirituais, não passa de um fenômeno de física transcendente.

E quando os físicos de amanhã travarem conhecimento com esta força ainda mal definida, as mesas giratórias que deram lugar a tanto ruído e a tão poucas indagações sérias, serão incorporadas às experiências da física oficial e o movimento que fazem será tido por tão natural como a dança das rãs, que amargou os dias de Galvani, seu descobridor.

E como a força que ali se achava a desatar o movimento da rã morta e o riso presunçoso da meia ciência, era a eletricidade com todas as suas promessas, não admira que nessas mesas que se movem por forças invisíveis, onde uns veem almas dos mortos e outros fraude e má fé dos vivos, a ciência de amanhã descubra a força que nos há de dar a chave para a compreensão do destino humano.

### CAPÍTULO III

#### **O “od” e o invisível. — Relatividade da visão. — As vibrações desconhecidas e o sonambulismo. — O “od” e o coronel De Rochas.**

Dúvidas se levantam sobre a realidade objetiva do “od”, esse fluido universal que parece ser o verdadeiro agente de comunicação entre os vivos e os chamados mortos, o laço material, a substância plástica que liga os dois mundos.

Intriga-nos o seu caráter de invisibilidade ou, melhor, a sua visibilidade suspeita, porque, geralmente, desconfiamos dos sensitivos e sonâmbulos.

O mundo físico repousa inteirinho sob a ação de forças invisíveis. É no invisível que o homem, que se reputa a obra-prima da natureza, tem o movimento e o ser. Invisível é o que temos de melhor e de mais nobre: a consciência, a vontade, a inteligência, a sensibilidade, a memória. Mas vamos às forças físicas.

Invisível é o vapor d’água, de tão notória influência em climatologia. Invisíveis — o calor, a eletricidade, o som, os raios químicos.

Se colocarmos uma placa fotográfica à direita do espectro, além da zona violácea, a placa se impressiona e verificaremos a presença de raios químicos muito ativos e que são invisíveis para nós.

Quanto vai de relativo e de subjetivo neste caráter da visibilidade dos corpos e das forças! Corpos invisíveis podem tornar-se visíveis. Assim, o urânio, o sulfato de quinina, se tornam visíveis na obscuridade sob a influência das radiações ultravioleta. O hidrofânio, que é uma rocha silicosa opaca, torna-se transparente quando metido dentro d’água. Uma folha de papel ficará translúcida se for untada com qualquer corpo gorduroso.

Todos os corpos invisíveis podem tornar-se visíveis ao condensar-se; e, vice-versa, dilatando-se, os corpos visíveis podem tornar-se invisíveis.

É o que acontece à água, alternativamente visível e invisível, conforme se condensa em gotas ou se dilata em vapor. E o que se dá com os corpos, relativamente ao seu grau de visibilidade, também se dá com relação às propriedades que afetam os demais sentidos.

A própria água nos dá um exemplo disso.

“Experiências feitas em usinas hidroelétricas mostraram que uma coluna líquida de dois centímetros de diâmetro, caindo por um tubo de 500 metros, não pode ser cortada por um golpe de sabre dado com violência. A superfície do líquido resiste à lâmina como o faria um muro. Se a velocidade da coluna líquida for suficientemente maior, uma bala de canhão não a poderá atravessar. Uma placa de água de alguns centímetros de espessura, animada de grande velocidade seria tão resistente aos obuses,

como a couraça de um couraçado.” (G. LE BON. — *La naissance et l'évanouissement de la matière*, págs. 14-15)

É lícito induzir que o corpo mais sutil pode tornar-se palpável até dar a ilusão de um corpo sólido, desde que as moléculas que o compõem sejam animadas de grande velocidade. Ora, claro está que, se esse corpo adquirir solidez, se tornará ao mesmo tempo geralmente visível.

Consideremos, fato demonstrado pela física, que os únicos sons perceptíveis ao ouvido humano oscilam entre dois extremos: 16 vibrações duplas por segundo, no mínimo e 37.000 no máximo, no mesmo intervalo de tempo.

Vejamos, agora, como a luz atua sobre nós. Para termos qualquer impressão de luz são necessárias vibrações do éter que oscilam de 483 trilhões por segundo, para a cor vermelha, a 736 trilhões para a cor violeta.

Atendamos a este intervalo enorme, que vai de 37.000 vibrações, limite máximo do som perceptível, a 483 trilhões de vibrações, limite mínimo necessário para recebermos a impressão da luz.

É um mundo inteiro de fatos, de coisas, de impressões, inteiramente desconhecido para nós. Que se passa neste horizonte impenetrável?

Façamos aqui um raciocínio analógico, lembrado por *Karl du Prel*, e aplicado a considerações de outra ordem, mas que vem a calhar neste momento. Suponhamos que temos apenas quatro sentidos em vez de cinco, — que nos falte o olfato.

Nestas condições, se entre nós se apresentasse alguém com mui delicado olfato, teria noções que se nos afigurariam inexplicáveis, conhecimentos que reputaríamos transcendentais, e praticaria ações que classificaríamos de fantásticas. É assim que, levado ao jardim com os olhos fechados, poderia, no entanto, designar as flores; saberia se o almíscar está contido nesta ou naquela caixa fechada à chave, e seguiria pela pista alguma pessoa ausente, com a segurança de um cão de caça. Os sábios, habituados a rejeitar os fatos que julgam contrários às leis naturais, tê-lo-iam por charlatão fraudulento e os ignorantes o considerariam como feiticeiro.

Pois bem, é o que acontece aos sonâmbulos e sensitivos, gente em quem os sentidos se afinam até à percepção do “od”; e o que aconteceria a todos que tivessem conhecimento do mundo das vibrações que ficam entre 37.000 e 483 trilhões.

Sim, esse mundo existe necessariamente, inevitavelmente. É uma conclusão lógica, inexorável. Estamos imersos nesse meio, sem lhe conhecermos as coisas, os fatos, as impressões e os seres.

Portanto, não nos deve surpreender que, o *od* seja visível. E não faltam provas autênticas da existência dele.

Conta o Dr. *Fugairon* que *Fusierini*, *Bizio* e *Zantedeschi* reuniram grande número de fatos que tendem a provar que quase todos os corpos, em condições normais, deixam escapar emanações materiais.

*Raul Pictet*, físico de grande fama, provou que até mesmo em temperaturas mui baixas os metais desprendem vapores que formam em torno uma verdadeira atmosfera. Experiências de René Colson provam que os vapores emitidos pelo zinco e o alumínio em estado sólido e a frio têm a propriedade de impressionar a placa sensível. As emanações dos corpos odoríferos depositam-se no brometo-gelatina (*gélantino-bromure*) da placa sensível, do mesmo modo que os vapores dos metais. Eles se fixam igualmente em outros corpos.

Estes fatos, recentemente conhecidos, referidos pelo Dr. *Fugairon* na obra — *La survivance de l'âme*, sugerem que as emanações de tais corpos são um fenômeno geral, e até universal. Não sabemos se podem elas ser identificadas com o *od*, ou se estamos em presença de novas forças mal conhecidas.

Como quer que seja, são fatos que provam, mais uma vez, que o invisível nos envolve por todos os lados e que nos abrem o espírito à compreensão da existência do *od* nos termos em que escreve De Rochas:

“Há, sem dúvida, na natureza um *quê* de infinitamente sutil que os sensitivos percebem, e cuja essência não é conhecida. É qualquer coisa que se parece com uma chama e que escapa dos corpos. As propriedades desse agente demonstram que ele difere dos agentes dinâmicos conhecidos, tais como a eletricidade, o magnetismo terrestre, o calor, a luz. E essa coisa, que apresenta ao exame propriedades variadas, quer quanto à própria maneira de ser, quer quanto ao conjunto dos fenômenos que com ela se relacionam, foi designada pelo nome de *Od*. O *od*, essa incógnita, que os sentidos podem perceber, é necessariamente de essência material, mas de uma materialidade extremamente sutil, visto que atravessa o vidro e penetra a água, onde se incorpora e se condensa. Ignorado até agora em física e em fisiologia, inerente a todos os corpos, o *od* permite que eles atuem à distância, uns sobre outros, e é um dos principais fatores no conjunto complexo das energias chamadas *forças vitais*; domina-as, determina as formas, governa a matéria, toma parte no desenvolvimento de todas as funções e acompanha a vida animal e espiritual no estado de saúde e de moléstia, até que ela se extinga”.

Passemos às provas objetivas da existência do *od*, que é o agente por meio do qual se processam os fenômenos de física e de psicologia transcendente.

## CAPÍTULO IV

### A hipótese materialista. — Existência objetiva do “od”. — Ação dinâmica.

Mal nos pomos a caminho, procurando esclarecer e interpretar os fenômenos mais simples da física transcendente, e já percebemos que o leitor se revolta, acusando-nos de viver em um mundo de ilusórias fantasias e hipóteses imprestáveis. É que o saber corrente recebe como fatos certos, autênticos, somente os acessíveis a nossos sentidos, e como ciência genuína, as interpretações que resolvem os ditos fatos nos termos da matéria, do movimento ou da força. Esse modo de pensar é que nos parece ilusório: meia ciência essa, em que se debate a quase totalidade dos sábios contemporâneos.

Convém não esquecer que a explicação materialista dos fenômenos é também uma pura hipótese, hipótese insuficiente e nunca demonstrada. Os átomos, que são em última instância os fundamentos da construção materialista, não passam de entes de razão, nunca vistos, tocados, medidos ou pesados, que se furtam a todos os sentidos, a todos os aparelhos. E assim sendo, a ciência e a filosofia materialista reduzem os fatos da experiência aos termos de uma solução que escapa à experiência, isto é, a uma pura hipótese.

Existirá, porventura, a luz? — A luz é a sensação produzida em nosso nervo óptico pelas vibrações do éter compreendidas entre 400 e 736 trilhões por segundo, ondulações em si obscuras.

Existirá o som? — O som é a sensação produzida em nosso nervo auditivo pelas vibrações do ar, silenciosas em si mesmas, compreendidas entre 16 e 37.000 por segundo. O mesmo acontece com o calor. A ciência conhece apenas a aparência sensível dos fenômenos, os efeitos recebidos pelo organismo por intermédio dos sentidos. O real foge-lhe da retina e da razão; o real é, por natureza, suprassensível. E como identifica ela, ousadamente, mas com ingenuidade, o real do mundo objetivo, que não conhece, com o real do mundo subjetivo, que menos ainda conhece?

Assim sendo, insistamos mais um pouco sobre o *od*, cujo conhecimento é da mais alta importância para quem quer que seja e que tenha vivo desejo de se conhecer a si mesmo.

Quem quer que se proponha a estudar estas coisas há de encontrar frequentemente as seguintes expressões: o *telesma* de Hermes, o *Enormon* ou *Ignis subtilissimus* de Hipócrates, o *Akasa* dos hindus, a *Luz Astral* dos cabalistas, o *Pneuma* de Galeno, o *Blas humanum* de Van Helmont, o *Alkahest* de Paracelso, a *Copula* de Boerhave, a *Quinta-essência* dos alquimistas, a *Materia subtil* de Descartes, o *Spiritus subtilissimus* de Newton. Importa saber, para evitar indagações e fadigas, que se trata sempre do mesmo *od*, entrevisto aqui, adivinhado ali, conhecido e manejado acolá.

O *od* é uma força objetiva, real, sujeita como as demais forças físicas à influência de certas condições naturais. É assim que ele se quebra segundo as leis da reflexão da luz, sendo o ângulo de incidência igual ao de reflexão. Pode ser concentrado

por meio de lentes e exercer ação sobre a agulha imanada. Concentrado na água sob a forma de magnetismo animal, pode fazer desviar a agulha de um reômetro, uma vez que tenham sido mergulhadas no líquido as pontas de platina do condutor ou reóforo. Quando alguém é submetido à influência de magnetizadores, postos em pontos diversos, o indivíduo se agita no sentido da diagonal do paralelogramo das forças. Já vimos que esta é a força que põe em movimento as mesas à distância, sem contato direto.

Na esfera da clínica médica, no campo das aplicações terapêuticas, um futuro cheio de promessas está reservado a esta força. Isto, porém, quando os médicos se compenetrarem da impotência do materialismo estreito e funesto em que se revolvem com grande dano para seus doentes.

Em 1885 (*Revue scientifique*, 3 de janeiro), o professor Armand Gautier fazia ver que percebemos os corpos por suas vibrações e não por sua massa, que a substância, propriamente dita, não é mais do que um intermediário que serve para comunicar-nos o movimento vibratório das forças; que não é, portanto, à especificidade química das substâncias medicamentosas que se deverão atribuir as reações fisiológicas exercidas sobre o organismo, mas sim aos movimentos vibratórios que essas substâncias transmitem.

Como acabamos de ver, por esta citação, a ciência oficial, pela boca dos seus luzeiros, começa a perceber a realidade da ação dinâmica.

E que maior dinamismo que aquele que se manifesta no *od*? Força universal, ele está em todos os corpos. Cada corpo tem o *od* que lhe é próprio.

O mundo científico já teve demonstração experimental deste asserto pela ação dos medicamentos à distância. Mas, porque não soubessem seguir pela pista a nova força manifestada, e porque o espírito humano dificilmente se desapega desta convicção cândida, — que a ciência atual contém quase todo o saber possível e quase todas as forças naturais, em vez de se multiplicarem as experiências de Bourru e Burot, de Luys, de Dècle, de Charzin, de Encausse, de Dufour, fez-se a conspiração do silêncio em torno delas, ou preferiu-se atribuir os fatos à sugestão.

Estes experimentadores determinaram o aumento da sensibilidade, chamado hiperestesia, por meio da hipnose, e notaram que, neste estado, cada medicamento produz o efeito que lhe é próprio à distância, ou colocado externamente sobre o doente. Assim, o álcool embriaga e o amoníaco dissipa a embriaguez. Posto na mão, o cloral, substância ignorada pelo paciente, provoca-lhe o sono. E assim por diante, tremores, convulsões, etc., foram obtidos conforme a ação natural do medicamento empregado.

É de crer que, em experimentos tão delicados, sugestões inconscientes, involuntárias, escapem, às vezes, à argúcia do experimentador. Foram, talvez, incidentes excepcionais e que não constituam a regra nas referidas experiências, cuja leitura é muito recomendável.

Onde buscar a chave para a interpretação das experiências de *Babinski* e *Luys* sobre a transferência de certas moléstias? Estas experiências memoráveis tiveram a mesma sorte que as referentes à ação dos medicamentos à distância; foram negadas. Mas há uma enfermidade que acomete a todos, ignorantes e sábios: negar aquilo que não compreendem. E é uma moléstia muito velha; cada um de nós toma o seu próprio intelecto para medida de todas as coisas.

Apenas se fará referências aqui a uma única das experiências de *Luys*, no Hospital da Caridade, em Paris. Pôs ele uma coroa imantada na cabeça de um doente hipocondríaco, acometido de visões terríveis. Mais tarde, passados dias, pôs ele a mesma coroa na cabeça de um homem que sentiu os mesmos males que o hipocondríaco e os descreveu nos mesmos termos. Que se passou? A coroa registrou o *od* do indivíduo doente e o transmitiu a um homem são. *Luys* verificou que, passados 18 meses, ela conservava ainda a impregnação do *od*.

Se estas coisas nos parecem fantásticas, é porque a nossa ciência está ainda no *a b c* é porque p saber acadêmico não transpôs um milímetro além de nosso corpo físico. Ora, o homem é mais do que o seu cadáver. Tudo que constitui o homem transcendente não está nos órgãos, nos seus tecidos, nas suas células. O “eu” é anterior ao homem terrestre e sobrevive ao seu instrumento orgânico. É isso que todas as religiões afirmam como um ato de fé. Este é o seu ponto de encontro, o *abstractum* comum a todas elas. E é exatamente o que procuramos demonstrar cientificamente. Para conseguir este fim, precisamos não perder de vista o *od*, que é o meio em que se banham os dois mundos, o visível e o invisível, o aquém e o além, e que é a força que já em nossa condição terrestre, opera como veículo da sensibilidade, da inteligência e da consciência. O que há de revolucionário em tais afirmativas será comprovado pelos fatos.



## CAPÍTULO V

### O sistema nervoso e os sentidos. — Exteriorização da sensibilidade. — A múmia. — O envoltamento. — Uma página de Karl du Prel.

Se alguém dissesse que o pensamento não é função do cérebro, que a memória e a vontade não são propriedades da matéria nervosa, que a sensibilidade não está na pele nem nos nervos, que a audição não está no ouvido, nem a visão no olho, nem a olfação no nariz, nem a gustação na língua, nem nos centros cerebrais correspondentes, avançaria uma proposição universalmente repelida pelo senso comum e por todas as afirmações da fisiologia. E, no entanto, assim é. A matéria nervosa e cerebral não passa de um instrumento temporário para o exercício da inteligência, da vontade, da memória, da sensibilidade, como o ouvido é simplesmente o órgão da audição, a vista da visão, etc. Na realidade, porém, nenhuma daquelas funções é propriedade da matéria orgânica, como a eletricidade não é propriedade do fio elétrico. Elas lhe preexistem e lhe sucedem ao arranjo atômico temporário.

A harmonia musical não está nas cordas do violino, nem nas mãos que o executam, mas não se pode manifestar senão por aqueles intermediários, e, antes de ter passado ao mundo objetivo, ela existe de fato no espírito que a concebeu. Assim acontece com as faculdades de nossa psique.

Provaremos estas proposições começando pela sensibilidade. Basta considerar que a sensibilidade se exterioriza, conforme resulta das notáveis experiências do coronel De Rochas, repetidas pelo Dr. Luys, verificadas pelo Dr. Paul Joire que soube variá-las, e prolongadas por Durville até à separação do duplo etéreo, do fantasma humano.

O primeiro daqueles experimentadores pôs várias pessoas em sonambulismo, estado em que se manifesta a anestesia. E verificou que a ausência da sensibilidade cutânea não implica perda de sensibilidade, mas simplesmente exteriorização. Forma-se em torno do corpo uma série de camadas concêntricas, sensíveis aos eflúvios ódicos magnéticos.

“Se o magnetizador agir sobre esta camada de qualquer maneira, a sonâmbula experimenta a mesma sensação que experimentaria se a ação fosse exercida sobre a pele, mas nada sente ou quase nada, se a ação for exercida em outra parte; nada sente se a ação emanar de uma pessoa que não esteja em *relação* com o magnetizador.

Se a magnetização for profunda, forma-se em torno da sonâmbula uma série de camadas equidistantes, separadas por um intervalo de 6 a 7 centímetros, que representam o dobro da distância da primeira camada à pele, e a paciente não sente os contatos, as picadas e queimaduras senão nestas camadas que se sucedem, algumas vezes, até 2 ou 3 metros, que se penetram e se entrecruzam sem se modificarem, ao menos de maneira apreciável, diminuindo a sensibilidade delas proporcionalmente ao afastamento do corpo.

No fim de um tempo variável, geralmente depois da terceira ou quarta fase de letargia, as camadas concêntricas apresentam dois máximos de intensidade, um ao lado direito e outro ao lado esquerdo da paciente e aí se formam como que dois polos de sensibilidade.”

A introdução de certos objetos materiais no campo assim determinado, como, por exemplo, um copo d’água, dá o seguinte resultado: a sensibilidade exteriorizada (o *od*) deposita-se na água, onde se conserva durante algum tempo. E a prova está em que a paciente percebe os menores contatos exercidos sobre o líquido sensibilizado, e sente as mesmas impressões que sentiria no estado normal, por contato direto. E eis como a água representa verdadeiramente a *múmia* da sonâmbula, o que prova que a concepção dos antigos alquimistas não era um devaneio de imaginação desregrada e pobre de saber exato.

Somos, assim, logicamente levados, por uma indução legítima, a conceber a realidade das antigas práticas do *envultamento*. Encontramos nas experiências de De Rochas as bases físicas da magia negra dos antigos feiticeiros.

Vejamos o que há de real e de científico nestas velhas bruxarias que os homens de *espírito* forte e de juízos apriorísticos consideram pura superstição.

Como os antigos feiticeiros, De Rochas fez uma figurinha (“Vultus”) de cera e a colocou na camada exteriorizada ódica sensível. Pois bem. Todas as vezes que essa estatueta era tocada por uma agulha, a sonâmbula se queixava de dor nas partes do corpo correspondente àquelas de onde emanara a camada ódica. Cabelos da sonâmbula foram metidos na nuca do figurino de cera, que foi, em seguida, retirado da sala de experiência. O experimentador despertou a sonâmbula e pôs-se a conversar com ela, que, num dado momento, levou a mão à nuca, dizendo que lhe puxavam os cabelos. Era exatamente o que haviam feito na estatueta de cera.

Outra experiência. Meteu-se uma placa fotográfica na camada ódica exteriorizada, que ficou, assim, impregnada da sensibilidade da sonâmbula. Depois tiraram o retrato da paciente e por duas vezes riscaram a fotografia com uma agulha. A sonâmbula deu um grito, perdeu os sentidos e, ao voltar a si, apresentava nas costas da mão direita dois riscos vermelhos correspondentes aos da mão direita do retrato.

Não daremos a sùmula das outras experiências de De Rochas relativas aos fatos que se prendem à exteriorização do *od*, como as referentes à separação do fantasma e conseqüente perda dos sentidos pelo corpo físico, sentidos esses que acompanham o duplo fluídico e nele se manifestam. Seria demasiado longo. Sejam breve, procurando de preferência a interpretação dos fatos e selecionando aqueles que foram bem autenticados. Ora, neste particular, relativamente à exteriorização do fantasma humano, De Rochas foi excedido por Durville, que acaba de fazer um belíssimo estudo experimental sobre o fantasma dos vivos. Adiante virá um resumo de suas experiências.

Nada também diremos relativamente às práticas da magia branca e negra, cuja base física o leitor inteligente terá entrevisto pela luz que dimana dos fatos já referidos e interpretados.

Importa perceber a realidade do *od*, que não é, simplesmente, uma hipótese, mas uma força fluídica, real, objetiva, o veículo da nossa sensibilidade, como vimos.

As palavras do profundo pensador Karl du Prel deixam entrever, por analogia, o modo por que a influência magnética desata as faculdades transcendentais do homem.

“O coração da natureza escapa em essência à nossa análise. Admitimos perfeitamente que a água se cristaliza em certas condições, em outras condições se muda em vapor ou se transforma em gás. Sabemos, pela experiência e pela experimentação, que é esse o fato, mas não lhe podemos dizer o porquê. Todos os objetos da natureza possuem forças latentes que se relacionam com a própria essência de seu ser, e quando fazemos surgir estas forças pela experimentação, tais objetos mostram novas qualidades, e nos podem revelar relações novas com o conjunto da natureza. Quando, por exemplo, fazemos passar uma corrente elétrica através de um condutor, este se torna magnético e até fica polarizado magneticamente, isto é, fica em relação com o todo terrestre, com o magnetismo terrestre. O homem, soma de todas as forças da natureza, seu mais alto produto, deve conter as mais consideráveis potencialidades. Se o pusermos em estado de sonambulismo por meio do magnetismo animal, ele mostrará novas faculdades, novas relações com a natureza, em contradição aparente com todas as leis da fisiologia.

Estas relações são mágicas e podem manifestar a transmissão do pensamento, a clarividência, a vista e a ação à distância. Não são milagres, mas expressões de um sexto sentido que, latente em nós, aparece então. O magnetismo mineral não produziria mudanças tão notáveis nos corpos, se não penetrasse mais profundamente seu ser íntimo do que outras forças que agem principalmente na superfície. O magnetismo animal não evocaria tão maravilhosas faculdades no homem, se lhe não penetrasse a própria essência. Eis aí por que a descoberta de Mesmer é tão importante para a solução do enigma humano. Ela nos revela, não somente tudo o que é latente no homem, como, ainda, sua natureza transcendental, que a luz de nossa consciência não chega a penetrar”. (KARL DU PREL — *La Magie*, pp. 62-63)

## CAPÍTULO VI

### As experiências de Durville. — Separação do fantasma. — O fantasma, os sentidos e a inteligência. — A morte do materialismo.

Vamos resumir, com a possível clareza, as experiências de Durville. Nove são as pacientes que se prestaram aos seus curiosos experimentos. São mulheres de sensibilidade mui notável e que foram progressivamente submetidas à ação magnética. E, coisa que nos apraz registrar, — não são médiuns. Apenas uma delas se tem nesta conta e uma segunda se apresentou a ensaios experimentais em grupos espíritas. As outras, geralmente, ignoram que coisa seja o espiritismo; uma delas descrê até da autenticidade dos fenômenos.

Se registramos com prazer o desconhecimento do fenômeno espírita pelas pacientes de Durville, é porque no decurso deste estudo temos afastado de propósito os fenômenos mediúnicos. Entendemos não ser preciso recorrer ao seu rico celeiro para demonstrar que a morte do corpo não é a morte do *ser*.

Já vimos que, pela influência magnética, a sensibilidade se exterioriza sob a forma de camadas fluidicas. Insistindo e prolongando os passes, o professor Durville conseguiu exteriorizar cada vez mais a força ódica. A princípio mais ou menos difusa e informe, ela vai, pouco a pouco, diminuindo de volume e se tornando mais luminosa e, ao mesmo tempo, a forma humana se vai esboçando. Com o progredir da condensação o duplo se forma, o fantasma, que é a reprodução exata da pessoa física, e cujos traços mais nítidos e exatos se apresentam na parte superior, principalmente na cabeça, que fica mais luminosa. Neste estado, o fantasma se comporta como duplicata do corpo físico, reproduzindo todas as atitudes e gestos.

Será um fenômeno objetivo este que acabamos de narrar? Sim, e a prova é que o fantasma é refletido pelo espelho, se refrata passando de um meio a outro e pode ser, algumas vezes, fotografado.

Levanta o experimentador o braço da paciente: o fantasma faz a mesma coisa com o braço correspondente; abaixa um braço e levanta o outro: iguais movimentos são feitos pelo duplo. E assim se dá com todos os movimentos das pernas, da cabeça, do tronco. Serão reais e objetivos tais movimentos? Sim, porque na obscuridade, onde os sensitivos testemunhas não veem os movimentos do operador nem da paciente, descrevem, contudo, os menores gestos do fantasma, sem que o operador tenha dito uma única palavra.

Se na obscuridade o experimentador cobrir a mão da paciente com qualquer pano, um lenço, por exemplo, e lhe erguer o braço, o movimento correspondente do duplo é visto pela paciente que, no entanto, declara que lhe não vê a mão. O lenço torna-se opaco aos olhos do fantasma. O mesmo acontecerá quando o lenço for colocado em qualquer outra parte do corpo.

Mas este mesmo lenço fica como se fosse transparente, desde que seja colocado por dois ou três minutos na cadeira em que estiver sentado o fantasma. Já, agora, ele vê a mão ou qualquer parte do corpo coberta pelo lenço.

O fenômeno é real; não se trata, absolutamente, de sugestão. Outras experiências de Durville, que não reproduziremos, o provam claramente. E, além disso, o leitor já familiarizado com o *od* deve ter entrevisto a explicação.

“Magnetizando a paciente, diz Durville, para obter maior condensação do fantasma, este pode afastar-se; sua fisionomia toma, algumas vezes, uma expressão que difere sensivelmente da paciente, cessa de imitar-lhe os movimentos e se torna mais apto a produzir os fenômenos que descreverei nos capítulos seguintes. Mas esta aptidão é sempre subordinada a várias condições essenciais. É preciso que ele tome força necessária para isso e que também queira fazê-lo; porque, levando consigo a faculdade de pensar, de querer, de julgar, e tudo o que constitui a individualidade da paciente, ele se torna sede exclusiva da consciência”.

Descrevem os sensitivos a existência de um cordel fluídico que liga a paciente ao fantasma. Neste cordão observam duas correntes em sentido contrário: uma que vai do corpo físico ao fantasma e que leva a matéria necessária ao exercício da sua atividade; outra, mais sutil, luminosa, que parte do fantasma para o corpo, e serve de veículo às sensações experimentadas, que vão ser traduzidas pelos órgãos corporais. Esta última circula na parte superior do cordel e a primeira na porção inferior.

Das experiências feitas, resulta aquilo que já estávamos autorizados a prever, em vista dos capítulos antecedentes: toda a ação exercida sobre o fantasma repercute no corpo físico e, se o primeiro receber um choque violento, o segundo se queixará de dores fortes, e equimoses se lhe manifestarão pelo corpo.

“À sensibilidade do fantasma, como a do cordel, extremamente viva quando principia o desdobramento, diminui pouco a pouco; mas, como nunca chega a desaparecer completamente, serve, para os que não veem o fantasma, de meio para descobrirem a direção em que está, se deixou seu lugar habitual.”

Uma vez que o fantasma adquire objetividade suficiente, o experimentador o verifica por meio de experiências repetidas e empregando excitantes diversos, que os sentidos físicos se apresentam completamente abolidos; ele nada vê pelos olhos, nem ouve coisa alguma pelos ouvidos; não percebe odores pelo olfato, nem sabor pelo órgão da gustação.

Interrogada a respeito, uma das sonâmbulas respondeu que todas as impressões lhe são transmitidas pelo duplo, por intermédio do cordel. “Toca-se no duplo, diz ela, e a impressão de contato vem como um choque ao cérebro físico e a sensação repercute nele. Conversa-se; crê-se que o meu físico ouve, porque ele responde; mas não é verdade. Ele nada ouve; o duplo é que ouve. A pergunta e a resposta são transmitidas pelo cordel ao cérebro físico como que por um movimento, por alguma coisa que vibra.

É também o duplo que vê, e a vista vem ao físico por um movimento, é como a eletricidade que faz vibrar o cérebro físico que então vê o que o duplo viu. Todas as impressões recebidas pelo duplo se transmitem a centro do cérebro, mas estes centros nada percebem por si mesmos.”

Com efeito, a conclusão a tirar das experiências é que o fantasma leva consigo os sentidos e a inteligência do indivíduo, o que prova que o corpo físico não lhes é a sede; que os sentidos e a inteligência não são produto da matéria orgânica.

O materialismo está cientificamente morto. Basta, para isso, que essas experiências sejam repetidas e confirmadas.

Quanto aos sentidos, há, porém, mais: — a coisa não se limita apenas a abandonarem eles o corpo físico; pois também se apresentam consideravelmente desenvolvidos no fantasma, no indivíduo desdobrado.

“Um dos sentidos, o da audição, como que funciona não somente junto do ouvido, mas até nas proximidades de todas as partes do corpo do fantasma. A sede da vista nem sempre parece estar nos olhos do fantasma. Certo número de pacientes lúcidos veem os pequenos objetos mostrados ao fantasma pela mesma parte que veem quando em sonambulismo. Muitas vezes as coisas são vistas com o alto da cabeça, com a frente, com o ócciput, com a região epigástrica, com a extremidade dos dedos. Os pacientes que não são lúcidos não veem, geralmente, os objetos que lhe são apresentados.

Os outros sentidos funcionam por meio de órgãos astrais, como o fazem os sentidos físicos quando a paciente está em estado normal.”

Se os sentidos não têm sede efetiva, senão temporária, no corpo físico, o cego e o surdo devem ver e ouvir em certas condições, pensa Durville, ainda que seus órgãos não estejam em estado de ser impressionados.

Previamente convencido de que a experiência virá confirmar suas previsões, aguarda Durville a boa fortuna de encontrar sensitivos cegos ou surdos, para verificar.

Creemos, igualmente, no sucesso dessas futuras experimentações e nossas esperanças são induzidas dos seguintes fatos:

Grande número de cegos de nascimento têm imagens visuais quando sonham e, quando postos em sonambulismo, veem. Como é que veem? Certamente o centro da visão está colocado no corpo astral. É o homem transcendental que vê, o homem suprafísico que se desatou provisoriamente dos laços corpóreos, dos impedimentos dos sentidos.

Um cretino, surdo-mudo e idiota, mostrou-se inteligente e falou durante o sonambulismo espontâneo.

Um louco, *Hebert*, depois de um ferimento, manifestou-se lucidamente consciente (consciência astral) durante o sonambulismo. Vários médicos, observadores de mérito, os Drs. *Teste* e *Fridriech*, viram loucos deixarem de o ser na fase da agonia (quando a consciência se transporta ao veículo astral, que começa a isolar-se do corpo carnal).

O Dr. *Teste* refere o caso de uma criada, sem instrução e de curta inteligência, que, posta em sonambulismo, discorria luminosamente sobre assuntos e problemas elevados. O veículo terrestre é, muitas vezes, inadequado para exprimir faculdades superiores, altas noções, adquiridas no curso da evolução pela mônada permanente, que se vai encarnando na matéria, consoante às leis do destino.

Mas não antecipemos. Os fatos citados estão na obra do Dr. Pascal, intitulada — *Essai sur la évolution humaine*, págs. 32-34.

Já neste ponto as experiências de Durville dão muito que pensar, e convém comentá-las um pouco.

Em seu sistema de lógica, Stuart Mill definiu o corpo como “a causa desconhecida a que se referem as nossas sensações”, e o espírito “o recipiente ou o preceptor desconhecido de nossas sensações”, e conclui ser manifesto que “nada se pode afirmar da natureza desconhecida de um ou de outro”.

Depois destas experiências, pode alguém preceituar com o filósofo inglês que o corpo seja a *causa desconhecida*, etc.?

“O *eu*, escreveu Taine, a alma, este pretendido sujeito do pensamento, que mantém a unidade e a identidade sob a onda movediça das sensações, das imagens, dos sentimentos, *é uma ilusão*. Nada existe de real no *eu*, salvo o desfilar dos acontecimentos”.

Spencer dizia que “a controvérsia entre os materialistas e os espiritualistas é uma pura guerra de palavras, onde os partidos em luta são igualmente absurdos, porque creem compreender o que ninguém pode compreender”.

Poderíamos multiplicar as citações e louvar o esforço dos filósofos para solver o enigma, segundo os dados da ciência de seu tempo. Dizemos *louvar* por seu relativo comedimento, pela sobriedade prudente de muitos dentre eles no apresentar uma solução afirmativa, neste ou naquele sentido, dados os materiais insuficientes que manejavam.

O mesmo louvor não poderia ser estendido aos sábios, a quem sobra o saber de superfície e escasseia o horizonte filosófico. Eles são dogmáticos.

É assim que KARL VOGT escrevia:

“Cada observador chegará, penso eu, por uma série de raciocínios lógicos à opinião de que todas as propriedades designadas pelo nome de *atividades da alma* não

são mais do que funções da substância cerebral, e, para nos exprimirmos de um modo grosseiro, que o pensamento é, pouco mais ou menos, para o cérebro o que a bÍlis é para o figado e a urina para os rins”.

“A alma, escreveu HAECKEL, isto é, a atividade espiritual, é uma função cerebral, uma função fisiológica governada por fenômenos mecânicos”.

“A vida psíquica, diz LE DANTEC, é um epifenômeno da vida fisiológica”.

“A noção do aniquilamento total da consciência, diz METCHINIKOFF, tornou-se uma noção corrente, aceita pela enorme maioria das pessoas ilustradas”.

Eis aí o depoimento dos sábios e dos filósofos. Para quem tomou conhecimento dos fatos de que estamos tratando, a conclusão a tirar é a seguinte:

Dentre os autores citados, os que ainda vivem, estão atualmente na seguinte posição: ou negam os fatos, sem poderem, contudo, provar serem eles ilusórios, inautênticos, irreais, ou os aceitam e, não podendo incorporá-los ao monismo materialista, fingem, por isso, desconhecê-los. Num ou noutro caso, estão abaixo da situação da hora presente. Porque, com efeito, são fatos que importam à humanidade no mais alto grau, e que contribuem largamente para a solução do grande enigma do além e do destino humano.

Do “creio” da fé dogmática para o “sei” da indução científica, vai uma distância que, uma vez transposta, seria para a humanidade como a maior e a mais proveitosa das descobertas.



## CAPÍTULO VII

### **Realidade do fantasma. — Provas objetivas. — Ação sobre o sulfureto de cálcio. — Fenômenos físicos.**

Não reproduziremos aqui o processo técnico empregado por Durville para excitar os sentidos dos pacientes e os do fantasma nas experiências em que conseguiu exteriorizá-los e incorporá-los no astral. Já apresentamos o resultado dessas memoráveis experiências e as sublinhamos de alguns comentários pessoais.

Provar a objetividade dos fantasmas? Como? Perguntará o leitor. Os bons sensitivos os descrevem com as suas particularidades, distinguindo-lhes os movimentos, os traços, os esforços que eles empregam para exercer ações físicas.

Segundo a descrição dos sensitivos, brilham os fantasmas com luz viva, que ilumina o compartimento em que se acham: luz astral à direita e amarelo-alaranjada à esquerda. Os sensitivos medianos os veem com menos nitidez mais desmaiados. No dizer dos maus sensitivos, o duplo tem uma forma vaga, de cor esbranquiçada ou cinzenta. Simples testemunhos, não sensitivos, veem frequentemente clarões que aparecem e desaparecem, jatos luminosos que, segundo os bons sensitivos, são projetados pelo duplo.

Mas, ao lado destes, que têm o prazer de uma verificação pessoal, outros há que nada veem. Que coisa lhes poderá demonstrar a objetividade do fantasma?

Três são os fatos que provam a realidade objetiva dos fantasmas:

1º — A sensibilidade do fantasma.

2º — A ação do fantasma sobre as testemunhas ou assistentes.

3º — A ação do fantasma sobre os anteparos de sulfureto de cálcio.

O primeiro já é conhecido. Toda ação exercida sobre o fantasma repercute no corpo físico. Aproxime-se alguém do lugar que os sensitivos indicam como sendo aquele em que se acha o fantasma ou o corpo astral exteriorizado: — se este alguém pisar os pés fluídicos, o paciente manifestará vivas dores na parte correspondente.

O segundo processo permite igualmente verificar a presença do fantasma 9 vezes em 10. A proximidade do fantasma é geralmente percebida pelos presentes por certa sensação de frescura ou por uma impressão de sopro semelhante ao sopro elétrico-estático. Tais são os fenômenos mais constantes e determinados exclusivamente pela ação de presença do fantasma. São devidos unicamente à emissão óptica, pensamos, emissão que, prolongada, chega a determinar uma certa baixa de temperatura, acusada pelos assistentes, e que, provavelmente, será confirmada pelo termômetro.

O terceiro processo é, supomos nós, rigorosamente científico, e implica verdadeira demonstração física. Reduzido à maior simplicidade consiste no seguinte:

Um resguardo de papel preto, em que tenham sido postas de espaço em espaço pequenas camadas de sulfureto de cálcio, é secado ao sol e depois conservado em completa obscuridade em lugar seco. Pois bem. Esse anteparo assim preparado e aproximado do fantasma torna-se luminoso.

“O anteparo posto no fantasma ilumina-se rapidamente e o que é aplicado ao paciente permanece completamente obscuro. Tomo, no fim de alguns minutos, os dois resguardos e os apresento às testemunhas, que ficam muito admiradas do fenômeno. O anteparo que, posto há pouco em contato com a paciente, tinha ficado obscuro, colocado, agora, no fantasma, fica imediatamente iluminado como se dera com o primeiro. Feito isto, apresento ambos os resguardos às testemunhas que então verificam que a luz é tão intensa que podem contar todas as manchas de sulfureto de cálcio à distância de um metro.

Depois disso, tomo um terceiro anteparo, ainda não empregado, e o ponho na barriga da paciente por 2 ou 3 minutos, sem que apresente traço algum de luminosidade. Colocado, depois, no fantasma, esse amparo se ilumina em alto grau. E, então, verificam todos que ele dá luz que basta para que se veja a hora em um relógio”.

Prosseguindo suas experiências, Durville consegue condensar tanto o fantasma, que ele chega a produzir ações físicas diversas: ruídos, pancadas aqui e ali, aberturas de portas, trações e movimentos da mesa, transporte de uma cadeira em que se achava sentada uma das pessoas presentes, fenômenos luminosos, ação sobre a agulha do estenômetro de Joire, que chega a marcar 48 graus, etc.

Finalmente, o que resulta das experiências do além, já liberta das cadeias temporais, ou seja o homem transcendente e invisível, momentaneamente isolado do seu instrumento corpóreo, a filosofia do fato é a mesma num e noutro caso. O que ressalta daqui ou dali é a prova científica da existência da alma, a convicção da sobrevivência.

## CAPÍTULO VIII

**A fisiologia e a exteriorização do pensamento. — Transmissão do pensamento. — Telepatia. — STEAD e o fantasma dos vivos. — O desdobramento do ser e do materialismo.**

Uma vez interpretados aqueles fatos, poderíamos entrar em indagações sobre o além e os seus problemas. Contudo, é bom insistir apresentando provas de outra ordem, devido à importância das questões aqui discutidas. Cuidemos de tirar outros fatos do sincretismo emaranhado em que se acham, de reunir os de natureza similar, a fim de os ligar em síntese.

Para nós, os que se referem à transmissão do pensamento e à telepatia escapam à interpretação materialista e, em rigor, refutam o sistema.

Ensina a fisiologia que o pensamento não se exterioriza. Só por meio da linguagem falada, escrita ou mímica, é que podemos transmitir o pensamento a nossos semelhantes, ou, então, por meio de aparelhos que já inventamos: o telefone, o telégrafo, o fonógrafo.

O asserto da fisiologia moderna é que o pensamento se produz e se propaga tão somente pelo sistema nervoso. Ora, o sistema nervoso termina na periferia do corpo. Logo, a transmissão do pensamento de cérebro a cérebro é impossível.

Não se dará aqui a sùmula das experiências que, contrapostas à fisiologia clássica, provam ser a transmissão do pensamento um fato certo, autêntico, positivo. Quem duvidar, prestará serviço à ciência, se puder refutar experiências que a tantos homens eminentes se afiguram categóricas: Ochorowicz, Richet, Gibert, Janet, Marillier, os membros da “Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres”, Lombroso e, finalmente, todos os experimentadores de certo vulto que fizeram investigações pessoais a esse respeito.

A propósito da transmissão de pensamento, Camillo Flammarion assim se exprime terminantemente:

“A ação de um ser sobre outro, à distância, é um fato científico tão certo quanto a existência de Paris, de Napoleão, do oxigênio ou de Sirius”.

Exporemos aqui unicamente o processo adotado numa das séries de experiências.

“Uma forma original da transmissão do pensamento, diz Gabriel Delanne, é a que consiste em fazer um desenho para que o paciente o reproduza sem tê-lo visto. Os agentes (dá-se este nome aos que transmitem o pensamento, e o de percipientes aos que o recebem) eram: Guthrie, Steel, Birchall, Hughes e Gurney. Os pacientes: miss Eelp e miss Edward. O desenho era quase sempre executado estando o paciente e o agente em compartimentos separados. Quando se empregava este processo, vendavam-se os olhos ao paciente no momento em que o desenho era feito.

“Na ocasião da experiência, o agente, com os olhos firmes no desenho posto em cima da mesa, mantinha-se em rigoroso silêncio. O paciente ficava sentado do lado oposto da escrivaninha, com os olhos vendados e inteiramente imóvel. Tirava-se-lhe a venda quando ele dizia estar em condições de reproduzir o desenho e quando a posição ocupada lhe não permitia olhar o desenho original. Grande número de experiências deu bom resultado, como se pode certificar reportando-se às reproduções publicadas na edição inglesa do *Phantasms of the living*. Ultimamente, Lombroso repetiu experiências análogas e com pleno sucesso”. (Delanne — *Les apparitions matérialisées des vivants et des morts*, pp. 51-54)

E, quanto à telepatia, cite-se aqui um fato dentre milhares. Deu-se com o professor Silvio Venturi, diretor do Asilo de Alienados de Girifalco, e foi reproduzido pelos *Anais das Ciências Psíquicas*, 1893, p. 331:

“Em julho de 1895 morava eu em Nocera. Um dia fui com um companheiro fazer uma visita a meu irmão, em Pozzuoli, a três horas de estrada de ferro. Em casa todos tinham ficado de perfeita saúde. Eu me demorava, habitualmente, dois dias em Pozzuoli, algumas vezes um pouco mais. Chegamos às 2 horas da tarde. Depois da refeição, pretendíamos dar um passeio de bote com os parentes. De repente estaquei, pensativo, e, tomado de enérgica resolução, declarei que não ia ao passeio e que, pelo contrário, voltaria imediatamente para Nocera.

“Interrogaram-me, estranhando-me o esquisito proceder. Eu mesma sentia o que havia de extravagante na resolução, mas não hesitei, porque uma força irresistível me impelia a voltar para casa.

“Vendo que eu resistia, deixaram-me partir. A contragosto o companheiro me acompanhou. Aluguei um carrinho puxado por um cavalo magro e lerdo, que caminhava a passo, em vez de trotar. De súbito, receando perder o trem das 7 da noite (era o último), insisti com o cocheiro, mas o cavalo, esfalfado, não avançava. Até que, enfim, descemos e encontramos outro carro, que nos permitiu chegar a tempo de alcançar o trem.

“Minha casa em Nocera é situada a trezentos metros da estação, mas não tive paciência de os palmilhar e subi ao carro de um amigo, deixando o companheiro, que seguiu a pé. Apenas chegado, assustei-me ao ver quatro médicos: o Ventra, o Canger, o Roscioli e o da terra. Estavam todos ao redor da cama de minha filhinha, então atacada de crupe e ameaçada de morte.

“Não grassava a moléstia na localidade. O crupe se havia declarado às 7 horas da manhã, talvez na mesma hora em que sofri a obsessão de voltar para casa o mais depressa possível. Tive, assim, a ventura de contribuir para curá-la. Antes de haver eu chegado, minha mulher gritava, aflita, chamando por mim.”

Os fenômenos telepáticos estão, hoje, definitivamente incorporados no quadro dos fatos psicológicos. Já não despertam o menor movimento de ceticismo entre

homens de ciência. Todos lhes reconhecem a realidade, e somente no interpretá-los é que se levantam divergências. Tão grande é a cópia deles, e tanto avultam com os novos acréscimos que trazem as revistas científicas, a cada passo, que a sua autenticidade já não dá lugar a dúvidas.

Muito longe de trazer novas contribuições ao material acumulado, cuidaremos unicamente de destacar o conflito em que estão com a fisiologia corrente e com o sistema materialista. Ensinam ambos que o pensamento é um fenômeno puramente subjetivo e que só pode se manifestar por meio de condutores materiais. Ora, a telepatia implica exteriorização do pensamento, que passa de cérebro a cérebro.

Frisemos bem o significado do fato. O pensamento é função do cérebro, diz a fisiologia. Como, então, se separa do seu órgão? Já viu alguém a função respiratória exercer-se sem pulmão ou a circulação sanguínea processar-se sem o concurso do coração e dos vasos?

Mas, dir-se-á, o pensamento, forma do movimento, como todos os fenômenos do universo, é transmitido por meios físicos, do mesmo modo que as demais forças. E não faltam analogias que lhe esclareçam o processo físico da transmissão.

Uma vibração acústica de certa intensidade faz vibrar o diapasão ou a corda sonora, que dão uma nota sincrônica à sua. O mesmo acontece com a agulha imanada, que age à distância sobre outra agulha, e lhe comunica oscilações sincrônicas. É o que se dá também com as ondas hertzianas do telégrafo sem fio; a ação à distância produz-se por acordo vibratório. E, como fazia notar Camillo Flammarion, se as cordas de um piano pensassem, julgariam alucinada a esquisita companheira que se põe a ressoar em consonância de vibrações — que ignoram por que as não sentem.

Aí estão as analogias. Vejamos, agora, as diferenças, a começar pela telegrafia sem fio, que é o fenômeno mais semelhante.

Para agir de Cronstadt a Spezzia, Marconi precisou empregar uma força de 70.000 watts, força que, para ser desenvolvida, necessita de uma máquina de 100 cavalos. Pretender-se-á que igual energia esteja acumulada no plasma nervoso?

Além disso, as ondas hertzianas não atravessam todos os obstáculos; elas se refletem, se polarizam, interferem como a luz, e são passíveis de certas perturbações que lhes impedem a comunicação.

É o que não acontece com a transmissão telepática, que transpõe todas as distâncias.

Os raios X também não oferecem um símile perfeito, visto como, se é verdade que se não refletem nem se refratam, em todo caso certas substâncias não só lhes impedem a prorrogação, como até a ação deles é ainda de mais curto raio.

Estas considerações levam à seguinte conclusão: o fenômeno telepático pede outro veículo material e que seja diferente de todas as forças naturais conhecidas. Este veículo é, talvez, o od, a força por meio da qual opera o homem invisível e transcendente que habita em nós, que se manifesta no plano físico pelos fatos conhecidos da fisiologia materialista, e que exerce no plano astral os muitos fatos já por nós referidos.

Com efeito, à luz desta explicação tudo se aclara, e por meio desta força tudo se liga: — plano visível e plano invisível, plano físico e plano astral, homem terrestre e homem extracorpóreo. Dizendo extracorpóreo, referimo-nos ao homem que se libertou das combinações efêmeras dos compostos do carbono, mas não pretendemos que a ação espiritual se exerça sem mediação material, por sutil que seja.

O fenômeno telepático apresenta-se sob formas variadíssimas, desde a simples transmissão de sensações mais ou menos nítidas, até aos casos de desdobramento; desde a alucinação provocada pelo pensamento exteriorizado até à objetividade real do fantasma.

Exemplo deste último é o caso contado por Stead, o célebre apóstolo da propaganda da paz entre as nações, e diretor da Review. Os personagens lhe são todos conhecidos, o que lhe permitiu tomar o depoimento no dia seguinte ao da aparição.

“No mês de setembro passado, perguntei a Mme. A..., que estava em visita à mãe, nas proximidades de Z..., se não viria domingo à igreja da congregação, que eu frequentava mui regularmente. Mme. A... ficou surpresa ao saber que eu ia duas vezes à igreja, aos domingos, e foi isso que me levou a convidá-la, a fim de que, por si mesma verificasse se valia ou não a pena.

“Nesse mês de setembro de 1895, num domingo, de manhã, Mme. A... veio à igreja com uma capinha azul e um pequeno toucado que lhe ia muito bem. Mui singular lhe era o aspecto, e a originalidade de seu trajar dava na vista. Ela veio cedo, antes de começar a cerimônia, e tomou lugar num banco junto da mesa da comunhão, pertinho do coro, do lado do norte e em frente do púlpito. Dois diáconos lhe falaram: o ministro reparou nela. E no coro e nos lugares vizinhos muitos perguntavam quem seria aquela desconhecida, cujo aspecto original a todos impressionava.

“Pouco tempo depois, Mme. A..., que mora em Bayswater caiu doente. Tinha crises que sobrevinham de súbito, na rua, no trem ou no ônibus.

“Como inspirasse cuidados, foi-lhe recomendado que não saísse de casa senão acompanhada. Eu a vi no dia 7 ou 8 de outubro. Pareceu-me mui doente e me disse que no domingo, de tarde (dia 6), sentira um desejo quase irresistível de ir assistir às cerimônias de nossa igreja.

“— Prometa-me, disse-lhe eu, que a Sra. não pensará em semelhante tolice. Mal pode dar um passo; se fizer, portanto, essa viagem terá, provavelmente, uma crise de nervos na igreja, e isso há de ser muito bonito!

“— Não; eu não iria mesmo, respondeu ela. O que eu queria dizer é que foi um desejo vivíssimo... Prometo que saberei resistir, se o tiver de novo. Posso consegui-lo com toda a certeza.

“Soube, no correr da semana, que ela tentara fazer certas visitas lá pela rua de Oxford e que se sentira tão mal, de repente, que lhe fora mui difícil voltar para casa.

“Domingo, à noite, ainda se cantava o primeiro hino, quando vi alguém que, vestido de preto, deslizava rapidamente ao longo da nave e tomava, perto do coro, o mesmo lugar antes ocupado por Mme. A..., a 29 de setembro. Nós estávamos na primeira fila da galeria.

“— Deus meu, pensei de mim para mim, seria Mme. A...? Mas, absolutamente, não pode ser ela.

“Nesse instante chegava ela ao banco e, então, a reconheci. Era efetivamente Mme. A... Eu nada entendia. Ela tinha prometido que não viria, e desde que a conheço, há dezoito meses, nunca faltou com a sua palavra. E quão doente, então, parecia! Estava que nem um espectro, lívida, mortal! Toda de preto, chapéu também preto, o mesmo com que a vi em Londres. Minha primeira impressão foi, a princípio, um misto de surpresa e de incredulidade, e, depois, um vivo ressentimento por ter ela faltado com a palavra e cometido essa louca imprudência; mas o sentimento que completamente me dominou por último foi o de real inquietação. O seu ar era de alucinada, e tão doente parecia que eu estava certo que iria perder os sentidos antes que o serviço terminasse. Como eu era o único que a conhecia perfeitamente e o único que sabia que, em suas crises, ela ficava rija como tábua, inânime como pedra, não podia deixar de perguntar a mim mesmo que coisa faria se, como o esperava, o acidente se desse.

“Ela esteve sentada enquanto se cantava; tinha ficado sozinha num banco, perto da nave lateral. Um dos membros da congregação lhe oferecera um livro de orações, que ela aceitou, mas não abriu. Foi então que a distribuidora de lugares (ouvreuse) lhe deu um livro que ela pegou com ar distraído e largou no encosto da frente. Ficou sentada durante todo o serviço, até o último hino. Durante o segundo e terceiro hinos, ela ergueu muitas vezes o livro, mas pareceu-me que não cantava. Durante o sermão, tão lívida estava, que a julguei já vitimada por uma de suas crises. Tentava atrair-lhe o olhar, mas me pareceu que ela não me viu sequer um momento. A única coisa que podia explicar a sua presença ali era talvez que, tendo-se julgado em artigo de morte e se desligado, por isso, da promessa, tivesse vindo à igreja pela última vez.

No momento da coleta, o irmão lhe apresentou a caixa, mas notei que ela não deu coisa alguma.

“Como disse, durante o último hino ela se levantou com o livro na mão.

“E, terminado o último versículo, largou precipitadamente o livro e, descendo rápido a nave, desapareceu. Tive tempo de vê-la face a face, de lhe reconhecer todos os traços, sem que ela desse sinal de me haver reconhecido.

“Alguns minutos depois era dada a bênção, e começou a igreja a esvaziar-se. Corri depressa à estação. O trem que eu supunha que ela ia tomar já se ia enchendo. De caminho não a vi, e não a pude encontrar na estação.

“Olhei em todos os vagões; não estava. Observei atentamente os que chegavam à última hora; nada. Voltei à igreja, pensando que, talvez, tivesse ela ficado na sala de orações. Nada, sempre nada! Nova caminhada inútil à estação. Entrei em casa profundamente aborrecido e inquieto. Agora, que fazer? Ao jantar, meu terceiro filho observou que Mme. A... estivera na igreja. No dia seguinte, de manhã, minha filha mais velha disse que vira Mme. A... na véspera, à noite, e que meu filho mais velho tinha observado não sei que, a propósito do encontro que ela tivera ao voltar da igreja; mas meu filho mais moço, que não tinha estado na igreja, disse, então, que seu W... estivera em nossa casa e que ele próprio havia notado que Mme. A... tinha estado na igreja”.

Como se vê, a observação é longa; que é mui bem documentada, ver-se-á. É por isso que lhe demos preferência a centenas de outras interessantes. Começamos fazendo notar que não se trata de alucinação, já que o fantasma foi visto igualmente por dois filhos de Stead e por um terceiro personagem. No decorrer da narrativa aparecem outras testemunhas que afirmam a presença de Mme. A... na igreja, e, ao mesmo tempo, se acumulam provas de que o seu corpo físico estava em casa.

“Na segunda-feira pela manhã, continua Stead, recebi uma carta de Mme. A... começada no domingo de manhã e terminada à noite, às 9 horas. Ei-la:

“Caro amigo, durante duas horas estive tão atrozmente doente que pedi à minha irmã mandasse chamar o médico. De boa vontade daria cem francos para me ver livre desta crise horrível.

“Seriamente, julguei chegada a minha última hora. Receitou-me o médico uma droga que me fez muito bem, um espécie de narcótico, que me acalmou e me fez dormir tranquilamente. Desejava muito vê-lo amanhã. O médico disse a Mme. B... que eu estava muito mal e que precisava me tratar... As dores, etc.”

“Certamente não indicava a carta que ela tivesse estado em Z..., na igreja, entre 7h5min ou 7h10min e 8h30min. Relendo-a pela terceira vez, surgiu-me a ideia de que a senhora de preto era seu duplo! Eu não podia duvidar um só momento da identidade da pessoa que vi. Eram dela o tamanho, os traços, os movimentos, o traje simples, mas graciosamente original. Os bicos de gás tinham sido mudados e a luz era de um brilho quase excessivo. Mme. A... tinha ficado em cheio debaixo da luz durante hora e meia, à vista de uma reunião de várias centenas de pessoas, e para que erro não houvesse, enquanto se cantava, desceu ela pela nave lateral da igreja, vista, portanto, de frente por todos os fiéis.

“Depois do lanche, parti para Bayswater: — “Como vai Mme. A...?” perguntei à governante. — “Um pouco melhor. Homem passou muito mal; não saiu de casa o dia inteiro”. — “Está certo disso?” — “Perfeitamente. Esteve aqui o médico. Ela esteve de



cama”. — “Estava presente Mme. B...?” — E como a resposta fosse afirmativa, pedi licença para vê-la.

“Fui encontrar Mme. A... em pessoa, estendida numa espreguiçadeira, no salão. Perguntei-lhe se tinha saído na véspera. Respondeu-me “que não, que só pôde sair da cama às 3 horas; que o médico lhe havia receitado depois de uma crise terrível e que às 7 horas, mais ou menos, ela tinha-se deitado de novo. Ao despertar, continuou a carta que me havia escrito, e dormiu outra vez. Não tinha forças para andar sozinha pela casa; precisava de quem a ajudasse. Não tinha atravessado a soleira da porta. Por que me faz essa pergunta?” — “Disse-lhe que a tínhamos visto em Z... na véspera, à noite, entre 7h e 8 e 30”. “Mas, eu lhe tinha prometido o contrário; não teria ido, nem mesmo que tivesse tido desejo de o fazer. Ontem até nem pensei nisso. Meu desejo único era ver-me livre das tais dores”. — Pois bem, quer tivesse pensado, quer não, lá esteve, e todos nós a vimos”. — “Que disparate!” — “Não, garanto-lhe, era a senhora mesma. Nós todos a vimos”. — “Afinal de contas, que me quer dizer? Eu não arredei de casa todo o dia... Se não acredita, pergunta a Mme. B..., a E... e a D... Todas elas sabem que não saí de casa”.

“Vi todas estas pessoas, inclusive D..., a criada de quarto que ajudou Mme. A... a se despir por volta das 7 horas. Todas afirmam a mesma coisa.

“Mme. A... não tinha saído de casa no domingo. Elas tinham estado com sérios cuidados. Mme. E... tinha deixado de ir à cerimônia da igreja para acudir a Mme. A... no caso de uma crise”.

Quem vai comentar o caso é o célebre propagandista do espiritismo G. Delanne:

“Encontramos no texto as cartas de cada um destes personagens, dando todos os pormenores, que estão de acordo. Resulta categoricamente da comparação das horas durante as quais Mme. A... foi vista pela criada de quarto, pela mãe, pela governanta, que ela não podia ter estado na igreja, e isso até mesmo supondo um estado de sonambulismo durante o qual tivesse feito a viagem e que lhe tivesse feito esquecer os acontecimentos que sobrevieram. Por estrada de ferro vai-se em 27 minutos da residência de Mme. A... à igreja de Z... Ora, sua parenta, Mme. B..., subiu ao quarto de Mme. A... pelas 7 horas e a viu deitada e como que a dormir. Nessa mesma ocasião, ou minutos depois, seu duplo foi visto às 7h5min ou 7 e 10 na igreja de Z... Um pouco mais tarde, pelas 8 e 30, a doente parecia rígida e tinha um ar esquisito. Despertei-a, e ela ficou de mau humor. Tão fraca como se achava, estou absolutamente certo de que lhe era impossível sair de casa.

“Logo, era impossível que Mme. A... se tivesse vestido inconscientemente e que tivesse tido tempo de fazer a viagem de sua casa à igreja de Z... ou de voltar da igreja para casa e, mais, de se despir, visto que Mme. B... a despertara em seu leito quase na hora exata em que Stead e os filhos lhe viam o duplo a sair da igreja.

“O médico declara que teria sido loucura da parte de Mme. A... sair de casa, e considera como extremamente improvável ter feito semelhante diligência sem acidente mortal ou perda dos sentidos.

“Enfim, Mme. C..., mãe de Mme. A..., foi ver a doente pelas 8 e 30, ao sair da cerimônia religiosa da igreja da vizinhança. Ora, ela encontrou a filha deitada, mal acabando de acordar. Na mesma hora via-lhe Stead o duplo na igreja de Z... e se certificava de que o trem de 8 e 30 não conduzia Mme. A... Como não há outros antes de 9h20min, vê-se que é impossível supor que fosse Mme. A... em pessoa quem se achava na igreja”.

Stead junta ainda uma carta do pastor K. L., de um diácono, C. D., e de mais três testemunhas, concordes todas quanto à presença de Mme. A... na igreja.

Não se trata, portanto, de uma visão, de uma alucinação, mas de um fenômeno objetivo, de um caso autêntico de desdobramento.

Limitamo-nos à narração deste único caso de desdobramento. O leitor curioso encontrará no vasto material acumulado outros muitos exemplos em que a documentação é rigorosamente científica.

Correm mundo muitos sucessos atinentes à história humana, muitíssimos julgados dos tribunais, baseados na prova testemunhal, e que são tidos como fatos certos, autênticos, positivos, sem que tenham, no entanto, para corroborá-los um conjunto de provas da valia de muitos dos casos de desdobramento.

Casos há, e em não pequeno número, em que os fantasmas adquirem objetividade tal, que podem ser vistos por muitas pessoas e até pelos animais, e em que podem agir fisicamente, abrir uma porta, subir uma escada, impressionar a placa fotográfica, falar e escrever.

Exemplo deste último caso é o narrado pelo Sr. Robert Bruce, e que passamos a resumir.

— De uma vez em que ele navegava perto da Terra Nova, ao meio-dia, estava todo entregue aos seus cálculos, quando, passando diante do camarim do capitão, julgou vê-lo sentado à mesa; mas, encarando-o com atenção, verificou que era um estranho, cujo olhar, friamente nele fixado, o admirava. Surpreendido com tal presença, procurou o capitão: — Quem está em seu camarim? Perguntou. — Ninguém. — Sim, senhor, lá está uma pessoa estranha. — O Sr. está sonhando. — Garanto-lho. — Vejamos...

Desceram ao camarim; nada. E como Robert Bruce insistisse, procurou-se por todo o navio, sem resultado.

— No entanto, afirma o oficial, o homem que eu vi em seu camarim escrevia na ardósia.

Olham para a ardósia e leem estas palavras: Steer to the North-west (Toque para o noroeste).

— Mas esta letra é sua?

— Absolutamente, não.

— Então alguém de bordo se meteu aqui.

E chamam, um por um, todo o pessoal que sabe escrever, a fim de traçar aquelas palavras. Não houve uma só grafia que se parecesse com a da ardósia.

— Pois bem! Exclama o comandante, seguiremos o conselho dado. Navegaremos para noroeste, para ver o que há.

Três horas depois, divisava-se uma montanha de gelo e, ao pé dela, um navio ao desamparo.

A equipagem e os passageiros foram passados para o navio de Bruce. Ao ver um dos náufragos chegar ao navio redentor, Bruce tremeu e recuou, comovido. Acabava de reconhecer o homem que escrevera na pedra. E contou ao comandante o novo incidente. Este fê-lo comparecer à sua presença e apresentou-lhe o lado intacto da ardósia.

— Escreva aqui as palavras — Steer to the North-west.

O homem obedeceu.

— Bem; reconhece aqui a sua letra habitual? Interrompeu o oficial, impressionado pela identidade dos caracteres.

— Naturalmente; além do mais, acaba o Sr. de ver-me escrever.

A resposta do comandante foi virar a pedra, deixando, assim, o desconhecido confuso e atrapalhado ao ver sua própria letra em ambos os lados.

— Por acaso sonhou que escrevia nesta pedra? perguntou o capitão do navio náufrago.

— Absolutamente, não; pelo menos não me lembro disso.

— Mas, que fazia este passageiro ao meio-dia? Perguntou a seu confrade o capitão que lhe fora em auxílio.

— Estando muito fatigado, dormiu profundamente e, se bem me lembro, foi isso pouco antes do meio-dia; uma hora depois, pouco mais ou menos, acordou e me disse: — “Capitão, seremos salvos hoje mesmo; sonhei que estava a bordo de um navio que nos vinha socorrer”. E descreveu o navio, de sorte que, quando vos aproximastes, reconhecemos, com surpresa, a exatidão do que ele havia descrito.

Finalmente, o próprio passageiro disse, por sua vez: — “O que acho extraordinário é que tudo quanto estou vendo me parece já muito visto e, no entanto, nunca estive aqui”.

É um caso de desdobramento inconsciente, involuntário. A ciência registra alguns desdobramentos conscientes, produzidos pela ação da vontade cultivada do agente. Segundo os tratadistas do ocultismo, a projeção voluntária do fantasma, em corpo astral, é um dos atributos do adepto que, por cultura metódica da vontade, deixa, quando quer, a sua habitação corpórea.

Pense o leitor o que quiser dos assertos do ocultismo, mas convenha conosco que os casos de desdobramento involuntário reduzem a modestas proporções as pretensões da ciência materialista.

Ela declara peremptoriamente que sem protoplasma não há vida, como a visão não se efetua sem olho, a audição sem ouvido, a sensibilidade sem corpo físico, a inteligência sem cérebro, etc. Ora, o fantasma dos vivos leva consigo todas estas faculdades. Elas não são, portanto, propriedades da matéria viva vegetal, animal ou humana, desde o micróbio até o cérebro de Newton, não passam de combinações de carbono. Mas estas combinações não engendram a vida, senão que lhe constituem apenas um veículo apropriado; não dão origem à sensibilidade, senão que lhe oferecem o meio físico; não produzem a inteligência, senão que lhe servem de instrumento para que a inteligência e a vontade possam agir no plano terrestre.

A ciência materialista confunde a causa com o efeito. Como ela não toma conhecimento dos fatos que temos narrado e de muitos que deixamos de mencionar, ela não ultrapassa o plano físico dos fenômenos. Neste, ela não encontra a vida sem o protoplasma, a sensibilidade sem os nervos sensíveis, a motricidade sem os nervos motores, a inteligência sem o cérebro, os sentidos sem o seu instrumento físico. E conclui, candidamente, que esses corpos, que vê, são a causa daquelas funções, que ela não vê. Se transportasse aos fatos da física a sua maneira de raciocinar em biologia e em psicologia, deveria dizer igualmente que a eletricidade está no fio elétrico, que a música está na tecla ou na corda, que o quadro do pintor está no pincel; porque, sem esses instrumentos, a eletricidade, a harmonia musical, a paisagem do pintor não desceriam ao plano físico das manifestações.

Concluamos ainda uma vez:

— O invisível nos cerca por todos os lados; — o corpo físico é a manifestação da mônada invisível (a alma), que o engendra por intermédio de seu corpo astral, de natureza ódica; — e o od é o verdadeiro mediador plástico entre o mundo visível e o mundo invisível, entre o homem físico e o homem transcendente.

## CAPÍTULO IX

### Haeckel e os fenômenos psíquicos. — O atraso da fisiologia cerebral.

Aqueles que conhecem a variada profusão dos fenômenos psíquicos terão notado que partimos, por assim dizer, em linha reta, procurando organizar e sistematizar fatos que, no mais breve prazo, possam servir de prova da sobrevivência humana ao seu composto atômico temporário.

Tratou-se preferentemente de estabelecer um liame entre fatos experimentais, que se vão complicando cada vez mais, no decurso deste trabalho, até ao ponto em que nos achamos. Não nos temos referido sequer a uma grande cópia de fenômenos reunidos pela observação de todos os tempos e em todas as partes, e que, no entanto, por sua significação e por seu conteúdo, lançam viva luz sobre o grande enigma já inscrito no templo de Delfos: — *Nosce te ipsum*.

Temos até posto à margem, de propósito deliberado, os chamados *fenômenos medianímicos*. Tão grandes são as prevenções, tão acentuada a intolerância no mundo científico contra os fenômenos do espiritismo, que preferimos, como rumo de investigações, provar o além com alguns fatos que se passam no aquém, demonstrar a existência de além-túmulo sem consultar a voz dos mortos, provar o homem transcendente por meio de certas manifestações do viver do homem físico. E porque muitos suspeitem da irrealidade do fantasma dos mortos, procuramos mostrar a autenticidade do fantasma dos vivos.

Ora, valham o que valerem ou pesem o que pesarem estas provas no ânimo do leitor sem preconceitos nem juízos apriorísticos, a concessão mínima que ele pode fazer aos fenômenos e razões que temos apresentado, diz respeito à necessidade de serem tais coisas estudadas, experimentadas uma e muitas vezes, sob formas variadíssimas, pelos homens de ciência. Vê-se que não há interesse humano maior nem mais fecundo.

Pois bem, não é o que acontece. Na aurora do século XX certos sábios desejam fazer reviver no santuário da ciência a intolerância que ela, ciência, destronou do santuário da Igreja.

Baste-nos para prova desse conceito a atitude do professor Haeckel com relação a estes fatos. O grande naturalista e pequeno filósofo do Iena, num livro recente, escreveu o seguinte:

É exatamente na mesma fileira que convém pôr o espiritismo e o ocultismo moderno, e todos os livros e todas as revistas que se ocupam destas questões absolutamente inúteis. Há, entre as pessoas que se dizem cultivadas, milhares de fiéis que se deixam enganar pelas prestidigitações dos espíritas e de seus médiuns, e que creem de bom grado em coisas incríveis: espíritos batedores, mesas giratórias, escritos psicográficos, materializações de espíritos de pessoas mortas e até fotografias de

espíritos... Tais são as fantasias grosseiras que acham crédito não somente em indivíduos ignorantes, como ainda em pessoas instruídas e até em certos naturalistas de imaginação exaltada. É em vão que numerosas observações mostraram que todas estas operações falaciosas repousam num embuste proposital, numa verdadeira trapaça ou numa ilusão; o velho provérbio tem sempre cabimento: *Mundus vult decipi*, o mundo quer ser enganado.

“Estes *tours de force* espíritas tornam-se particularmente perigosos quando fingem ciências naturais, quando utilizam os fenômenos fisiológicos do hipnotismo ou adotam o manto do monismo. É assim que um dos ocultistas mais afamados e mais bafejados pelo público, Karl du Prel, escreveu não somente uma *Filosofia da Mística*, mas ainda (1888) uma *Psicologia monista* que, do começo ao fim, são absolutamente místicas e dualistas. A mais rica fantasia e as mais brilhantes descrições se unem em seus popularíssimos escritos à mais completa falta de crítica e de conhecimentos biológicos”. (HAECKEL — *Les Merveilles de la vie*, p. 67).

O trecho citado justifica a suprema audácia com que classificamos o sábio naturalista de “pequeno filósofo”. Ver-se-á que talvez se apequene um pouco o naturalista em sua grandeza, já que obriga aí o método científico a claudicar. Ao invés de mostrar a irreabilidade dos fatos alvejados, de provar que eles não comportam a autenticidade desejada, ele os nega simplesmente como o faria qualquer escolar ignorante e assombrado. Em vez de proceder a um estudo crítico sobre o valor do testemunho humano no que se refere aos fatos de observação; de apontar erros, falhas de experimentação, vícios de raciocínio e de lógica na interpretação das experiências — limita-se a enviar ao mundo uma mensagem, à maneira de uma bula *ad extirpanda* os iconoclastas do seu credo, da religião que fundou. Em vez de reconhecer a alta ciência e o amplo descortino filosófico de um Karl du Prel, o classifica entre os apoucados de espírito e de ciência.

Julgue o leitor por si mesmo a sobrançeria e a sábia tranquilidade com que penetra Du Prel na escura floresta que mete medo ao fundador do novo monismo.

“Os fisiologistas são mesmo obrigados a pensar que, por mais incrível que seja um fenômeno, por força há de basear-se numa lei da natureza, porque têm o dever de ser francos inimigos do milagre. Por isso, pois, se os fisiologistas tomassem a sério a sua missão, seriam os mais assíduos fregueses das sessões espíritas; porque, justamente por não serem milagres, os fatos que lá se observam devem ser o produto de uma física desconhecida. Tais sessões deveriam interessá-los no mais alto grau; nelas poderiam estudar eles numerosíssimos fenômenos que lhes enriqueceriam os conhecimentos, ampliando-lhes os desígnios científicos. O fisiologista que deixa de frequentar essas sessões tapa o caminho em seu *próprio domínio*.

“Os fatos são tanto mais instrutivos quanto menos quadram em nossas teorias. O espiritismo, esse é que absolutamente não cabe nelas, — razão demais para estudá-lo. É um erro temê-lo. Não é o sobrenatural que ele contém, mas o transcendente. Não encontraremos nele milagre algum, apenas uma causalidade desconhecida; nada de

misticismo, mas unicamente o inexplorado; nada mesmo de metafísico, mas simplesmente metafísica”.

Aos olhos do professor Haeckel faltam senso crítico e conhecimentos biológicos em experimentadores e fisiologistas como Richet, em físicos e químicos como Crookes, que enriqueceu o patrimônio daquelas ciências com descobertas preciosas; em espíritos sintéticos e de construção genial como Lombroso; em naturalistas como Wallace, cujo mérito se nivela com o de Darwin; em sábios como Zöllner, como Roberto Dale Owen, como De Rochas, etc.

Na verdade esta atitude lhe era necessária. Observador perspicaz como naturalista, o professor de Iena faz claudicar o método científico quando se põe a filosofar. E deixa de lado todos os fatos que não cabem na sua explicação mecânica do mundo; fá-los gravitar para as suas teorias, em vez de amoldá-las aos fatos. É uma inquisição a seu modo, uma forma alotrópica da inquisição, que, universalmente adotada, faria cristalizar a ciência no saber do nosso tempo, impedindo-lhe todo o progresso futuro.

E em nome de que ciência prega ela a intolerância? Da fisiologia moderna? Que sabe ela das relações do pensamento com o cérebro? — Nada absolutamente.

Quais as células nervosas que são a sede do pensamento? — Não se encontra no planeta um sábio que o diga.

A esses infatigáveis estudiosos que conhecem a fundo a estrutura da nossa organização material, e que perscrutam o sistema nervoso nos seus mais diminutos pormenores, e a quem microscópios aperfeiçoados mostraram a complexidade da célula nervosa, com as suas dendrites, suas arborescências, suas ramificações, seus corpúsculos, pergunte-se para que servem eles, — e o mais tumular silêncio lhes fechará os lábios.

Mas para que ir tão longe? Basta que os interpelemos sobre a estrutura grosseira, macroscópica, para confrontarmos o muito que ignoram com o pouco que sabem. Qual a função do trigono cerebral, dos corpos estriados, dos tubérculos quadrigêmeos, dos tubérculos mamilares, da lira, da glândula pineal, cujo estudo especificado pode consumir a vida de um homem? O fisiologista não responde, salvo se a imaginação lhe desatar a língua e a prudência. Onde a sede da memória? Quais as células que lhe registram os fatos? A resposta dos laboratórios é como o silêncio dos túmulos.

Onde a sede da consciência? Nesta pergunta deve insistir o filósofo prestes a render-se ao monismo materialista. Pois se a consciência do “eu” é única, se a ciência oficial afirma que a alma é o conjunto das funções cerebrais e nada mais, e se toda a lesão deste órgão causa dano à alma na proporção das lesões, como é, então, que a supressão da função de um hemisfério cerebral não perturba o funcionamento da consciência, que se mantém íntegra, segundo é notório, nos casos da hemiplegia?

Mais vale confessar com a imensa sinceridade de um Richet e com a sua competência em fisiologia, que:

“Portanto, todo o nosso luxo bibliográfico é um luxo mentiroso; esta riqueza oculta um indigência profunda. A fisiologia cerebral nos é ainda profundamente desconhecida, e tão oculta quanto o era a função respiratória antes de Lavoisier. Ela espera alguma inteligência genial que venha esclarecer o problema, tão misterioso hoje quanto há dois mil anos, — da relação entre o cérebro e o pensamento, função do cérebro.

“A incerteza é mais profunda ainda, se abordarmos a estrutura microscópica. Aqui, ignorância total, absoluta. Descrevem-se formas, camadas superpostas; encontra-se nas células uma organização complicada. Os admiráveis métodos de Golgi e de Ramon y Cajal nos fizeram conhecer fatos curiosos, novos, importantes. Mas estes fatos são apenas de ordem anatômica. Eles não nos trazem esclarecimento algum quanto à função da célula nervosa. Arriscando-se a parecer atrasado, dir-vos-ei que, sinceramente, quanto à fisiologia e quanto à psicologia, não estamos mais adiantados com os trabalhos contemporâneos do que estávamos no tempo de Malpighi, que foi o primeiro que descreveu células nervosas. Que importa ao fisiologista toda esta extraordinária complexidade da célula nervosa com suas dendrites, arborescências, ramificações, corpúsculos, se ele não sabe qual é o uso destas partes?” (RICHET — *L'avenir de la psychologie — Annales des Sciences Psychiques*, pp. 598-599, 1906.)

É o que dizia Richet na sessão de abertura do recente Congresso de Psicologia, havido em Roma.

Como acabamos de ver, o conceito do professor Haeckel a propósito dos fenômenos psíquicos cai por si mesmo e não está na altura dos méritos daquele sábio. Ele representa uma tentativa da ressurreição da intolerância; — nada mais. Outros sábios o acompanham nesse protesto vão, nesse veto czaresco. Mas, se nos ocupamos do sábio de Iena, é por causa do grande prestígio que goza e lhe é justamente devido como naturalista.



## CAPÍTULO X

**O grande enigma. — A opinião de Le Dantec. — O pensamento como epifenômeno. — O Ivanhoé e a consciência astral. — Os fatos psíquicos e a medida das sensações. — A lucidez. — William James. — Kant. — Swedenborg. — Opinião de Brofério. — Silogismo de Thomaz Jay Hudson.**

Se disséssemos que a profissão de fé materialista implica cultura incompleta do pensamento, tal asserto pareceria ousado, senão pretensioso, tantos e tão eminentes são os homens de ciência filiados naquele escola.

Já a mesma coisa se não verifica entre filósofos. Desde o mais longínquo passado que a história registra, a grande maioria das melhores e mais altas mentalidades se bate pela vitória do espiritualismo. Como quer que seja, a luta entre essas duas grandes correntes de ideias chega até nossos dias sem perder o seu vivo interesse. Darão os fatos de ordem psíquica solução definitiva ao grande enigma? Até quando envolverão as trevas a inteligência, permitindo que se eternize através das idades o maior e o mais grave dos problemas, o de cuja solução resultariam as mais férteis consequências para o gênero humano?

A mecânica dos átomos resolverá o enigma do destino humano, como pensam Haeckel e Le Dantec, entre os modernos biólogos, ou sobreviverá o nosso ser pensante ao arranjo efêmero da matéria?

Porque resume todas as agonias do pensamento à procura da verdade na conhecida fórmula — *ser ou não ser* — Hamlet bem pode servir de figura simbólica a essa vetusta incógnita e à sua fugitiva solução.

Acabamos de ver como a resolve o professor Haeckel e passamos a comprovar que o biólogo Le Dantec longe está das hesitações do herói de Shakespeare.

“Como nunca vi a alma agir sem o corpo, como nunca vi corpo algum morrer sem modificação apreciável, sem destruição de mecanismo, creio, por isso, que a vida resulta da estrutura material do corpo; e, como pensamento é inerente à vida, digo a mim mesmo que o pensamento resulta do funcionamento do corpo vivo. Uma lesão material suprime o pensamento: logo, o pensamento não deve ter essência diferente da matéria. Ainda mais: nós temos venenos do pensamento: o álcool atua sobre nossa subjetividade e a modifica completamente; não vejo de que modo um princípio imaterial poderia ser modificado por uma substância química; um fenômeno que modifica um agente químico é de ordem química”.

E discorre sobre a matéria viva, fazendo-nos lembrar que somos “formados de vários trilhões de células compostas de carbono, de azoto, de oxigênio” e que a análise não revela senão átomos, concluindo: “Fundamentos científicos me levam a crer que tudo que se passa em mim resulta unicamente da atividade dos átomos; logo, devo

logicamente admitir que haja nos átomos os elementos de meu pensamento e de minha sensibilidade”. (LE DANTEC — *Le Conflict*).

Prova esta simples citação que Le Dantec não tem conhecimento sequer de nem um dos fatos a que nos temos referido. Ele os rejeita desdenhosamente. Que pensar de um homem de ciência que elimina fatos de propósito, porque se contrapõem à síntese filosófica que lhe apraz? Seria injustiça alistá-lo entre os de cultura incompleta do pensamento, por muito penetrante que lhe seja o intelecto, e por mais que o exornem conhecimentos vastos e profundos em biologia? Responda o leitor a si mesmo, se porventura as interpretações que temos apresentado lhe puderam calar no espírito.

Temos visto, com efeito, o homem transcendente agir sobre a matéria sem o corpo físico, o único conhecido pela biologia moderna.

Acrescentemos agora, em contraposição às noções correntes, geralmente ensinadas, que a inteligência não é função da matéria, e que independe da quantidade de matéria. Se a inteligência pudesse ser expressa em função da matéria, tanto mais vasta e luminosa seria, quanto mais massa, quanto maior acúmulo material houvesse nos organismos vivos, coisa essa desmentida pelos fatos. Não insistimos, porque este tema será mais largamente explanado em capítulo posterior.

Mas, dizia Le Dantec que o pensamento resulta do funcionamento do corpo vivo. E com a quase totalidade dos fisiologistas contemporâneos, ele considera o pensamento como um epifenômeno. Quanto a nós, somos levados a navegar contra as correntes e a inverter a fórmula considerando os corpos vivos como o acidente e o pensamento como a expressão essencial, porque nele se revela a finalidade superior da natureza, as suas mais altas tendências.

Ao ver dos biologistas coevos, a vida é o fenômeno capital; o esforço constante da natureza tende unicamente a perpetuá-la; o pensamento é um fenômeno acessório, secundário, um epifenômeno no dizer de Huxley, que nos parece ter sido o primeiro a servir-se deste vocábulo. É muito de admirar que sábios de tão alta envergadura, sempre prestes a invocar a lei do menor esforço, se não tenham lembrado de que, se o ideal supremo da natureza fosse unicamente perpetuar a vida, ela se teria detido nos protozoários ou em outras formas inferiores dos seres vivos.

Dizia Le Dantec que o pensamento resulta do funcionamento do corpo vivo.

Ora, sabido é que o *Ivanhoé*, de Walter Scott, foi escrito em um como que delírio, estando o autor acometido de longa enfermidade febril, e que foi impresso antes de se ter ele restabelecido.

Grande lhe foi a surpresa, quando, ao lê-lo mais tarde, soube então que era de sua lavra.

Pretenderá alguém que a matéria nervosa alterada pela enfermidade, pela febre, pelas toxinas, se houvesse tornado veículo mais conveniente às produções intelectuais?

Certamente não, e por sua vez, longe estamos de o pretender.

Mas, como poderão os biólogos explicar que, sendo o pensamento resultante do funcionamento corporal, se manifeste assim exuberante, cheio de vida, quando o solo onde tem raízes se acha exausto pela enfermidade? Ao contrário, quanto ao fato se aclara desde que consideremos que as condições anormais do cérebro físico tornaram propícia a ação da consciência sobre o mesmo cérebro! Claro é que a consciência está no corpo astral, também chamado corpo espiritual ou perispírito, que é o instrumento corporal e o veículo de consciência apropriado à existência suprafísica, e que só excepcionalmente se deixa entrever na vida terrestre. Sob a influência de condições anormais, a nossa mônada permanente ou a alma perde as ligações diretas e imediatas com o corpo físico e se concentra mais diretamente sobre o corpo astral, que atua simpaticamente sobre o cérebro físico. Estas condições anormais podem ser, às vezes, aquelas que Le Dantec chama os venenos do pensamento. Senão, vejamos:

“Ainda mais (escreveu ele): temos venenos do pensamento: o álcool atua sobre a nossa subjetividade e a modifica completamente; não vejo de que modo um princípio imaterial poderá ser modificado por uma substância química; um fenômeno que modifica um agente químico é de ordem química”.

Também ignoramos de que modo uma substância imaterial possa ser modificada por uma substância química. Mas, uma vez que atribuímos à alma um corpo astral adequado a condições de vida suprafísica, compreendemos perfeitamente a existência desses venenos do pensamento.

Consideremos o seguinte fato: refere o dr. Abercrombie que uma criança de 4 anos quebrara o crânio e, já em estado comatoso, fora trepanada. Com a idade de 15 anos, fora acometida de um acesso de febre e recordou-se, então, de todos os pormenores referentes ao acidente: descreveu à sua mãe o mal de que fora vítima, a operação, os assistentes (o número deles, suas funções, suas vestes), os instrumentos empregados, etc. (DR. PASCAL — *Essai sur l'évolution humaine*, págs. 37-38).

Não pode a escola materialista explicar um fato deste natureza; nem a hipótese da subconsciência nem o polígono de Grasset o prendem em suas malhas. Não se trata somente de um fenômeno de memória, mas de uma descrição pormenorizada de fatos passados em torno de uma criança da idade de 4 anos e em estado comatoso, — relatado aos 15 anos, em acesso febril. Uma vez admitido o homem transcendente, tudo se faz límpido e claro. Vibrações simpáticas da consciência astral, onde estão registrados todos os acontecimentos que nos afetaram, sem exceção do mais diminuto pormenor, transmitem-se ao cérebro físico.

É o que acontece com os afogados. Uma grande cópia dos fatos, colhidos aqui e ali, em toda a parte, nos ensina que os afogados revêm, como num quadro panorâmico, todas as cenas da vida, na ordem regressiva, de diante para trás, até mesmo as coisas mais insignificantes. O almirante Beaufort refere que, durante os dois minutos em que sentiu os efeitos da asfixia por submersão, teve a impressão nítida de sua vida inteira, de

todos os seus atos, de suas causas respectivas, das circunstâncias colaterais, dos efeitos produzidos e das reflexões pessoais que então fizera sobre o bem e o mal resultantes desses mesmos atos.

Em certos sonhos, os acontecimentos também desfilam com rapidez vertiginosa. Ora, estes fatos só valem pelos comentários e é pelo seguinte prisma que nos apraz encará-los. A psicofísica mediu a velocidade da sensação e verificou que uma impressão sensorial leva certo tempo para chegar ao cérebro, — uma fração de segundo. Para que a vibração cerebral se transforme em sensação, gasta-se igualmente certa fração de segundo. Uma terceira divisão de tempo é necessária para transformar a sensação em ideia. Ora bem. Com estes dados, o cálculo mais elementar demonstra que é matematicamente impossível ao cérebro físico repassar todas as cenas da vida no diminuto espaço de dois segundos. De que modo, então, se realiza o fato? Acabamos de ver que o materialismo é incapaz de o explicar. Mas nós já sabemos que, em certas condições, o homem transcendente se liberta do corpo físico transitório e opera no corpo astral.

Dentre os muitos fatos psíquicos que se contrapõem à hipótese materialista, vamos destacar aqui os de lucidez.

A lucidez ou clarividência é a faculdade de adquirir conhecimentos precisos, exatos, sem os sentidos normais e sem leitura do pensamento. Por esta definição descritiva poderá o leitor, desde logo, concluir que, na impossibilidade de os compreender ou explicar, a ciência oficial toma simplesmente o partido de negar-lhes a autenticidade.

Eles se manifestam, geralmente, em estado de hipnose, leve ou profunda, e, excepcionalmente, em estado de vigília. Não podemos, aqui, narrar muitos fatos, alguns dos quais perfeitamente autenticados. Entre estes, lembraremos um que se passou há pouco tempo e que foi estudado com particular atenção pelo professor *William James*, da Universidade de Harvard, autor de várias obras geralmente traduzidas em francês. O leitor curioso poderá ler o caso estudado pelo notável psicólogo nos “Proceedings of the American Society for Psychical Researches”, vol. 1, p. 2, ou nos “Annales des Sciences Psychiques”, de Richet, n. 9, 1907. Trata-se, em suma, da descoberta do cadáver de uma mulher afogada. Todas as pesquisas tinham sido inúteis. Uma mulher clarividente indicou as coisas, uma a uma, com precisão e acerto.

Depois de o ter esmiuçado quanto possível, *William James* conclui: “Minha opinião sobre o caso “Titus” é que ele constitui um sólido argumento em favor de uma faculdade supranormal de vidência, qualquer que seja a significação precisa que se ligue a esta palavra”.

A propósito de clarividência, convém lembrar o testemunho de um dos maiores pensadores que têm honrado a humanidade, — Kant. E o caso mais avulta pelas circunstâncias particulares em que se deu. Tinha ele acabado de traçar os limites do

“cognoscível”, quando os notáveis fenômenos de lucidez e de telestesia passados com Swedenborg lhe vieram mudar o polo das cogitações.

Alguma coisa de análogo, mas relativa a fatos de outra natureza, se deu com Arago. Protestava ele vivamente contra quem quer que pretendesse limitar *a priori* as possibilidades da natureza, dizendo: “Quem quer que, fora das matemáticas, pronuncie a palavra impossível, é, pelo menos, imprudente”. Mas tão enfermiça é a mente humana que, esquecido ele próprio do seu salutar conselho, prejudgava logo depois: “É evidente que não podemos e *não poderemos nunca* conhecer a composição química das estrelas”. A evidência provinha, no seu entender, da razão irrefutável, que, mesmo que um fragmento estelar caísse em nosso planeta, nunca saberíamos donde havia partido. O próprio Augusto Comte via, ali, limites intransponíveis ao espírito humano. Pouco tempo depois, a análise espectroscópica, que ninguém poderia prever, indicava elegantemente a composição química das estrelas.

Mas, voltando a Kant, damos aqui um trecho das suas referências a Swedenborg:

— “O fato seguinte parece ter a maior força demonstrativa e deve liquidar toda e qualquer dúvida. Foi no ano 1754 que Swedenborg, nos últimos dias de setembro, num sábado, pelas quatro horas da tarde, de volta da Inglaterra, desembarcou em Gotemburgo. William Castet levou-o para casa em companhia de quinze pessoas. À tarde, pelas seis horas, Swedenborg, que tinha saído, entrou na sala, pálido e triste, e disse que, naquele instante, lavrava incêndio em Estocolmo, no Süderlman, e que o fogo se estendia com violência em direção à sua própria casa. Estava muito inquieto (recordemos que a casa de Swedenborg era disposta de modo especial para lhe facilitar as comunicações com os espíritos), e saía a cada passo. Disse que já estava reduzida a cinzas a casa de um amigo, cujo nome designou, e que a sua própria corria grande perigo. Às oito horas, depois de ter saído novamente, disse, com alegria: “Graças a Deus, o incêndio extinguiu-se na terceira porta que precede a de minha casa”. Esta notícia comoveu muito os circunstantes e a cidade inteira. Nessa mesma noite, foi o governador informado da coisa. No domingo, pela manhã, foi Swedenborg intimado a comparecer à sua presença. Interrogado a respeito, descreveu exatamente o incêndio, começo, fim e duração dele.

“No mesmo dia, a notícia circulou por toda a cidade, que ficou muito emocionada, não somente porque o governador lhe havia prestado toda a atenção, como também porque muita gente tinha ali propriedades ou amigos. Segunda-feira, à tarde, chegou a Gotemburgo um estafeta que o comércio de Estocolmo havia despachado durante o incêndio. E as cartas então recebidas descreviam o incêndio exatamente como acabamos de narrar. Terça-feira, pela manhã, chegou ao governador o postilhão real com o relatório sobre o incêndio, sobre as perdas causadas, sobre as casas atacadas, sem que houvesse a menor diferença entre as indicações dele e as de Swedenborg. Com efeito, o incêndio se extinguiu às oito horas da noite.

“Que se pode alegar contra a autenticidade deste acontecimento? O amigo que me escreve examinou tudo isso não somente em Estocolmo, mas até mesmo em

Gotemburgo, há dois meses; ele conhece as casas mais importantes daquele lugar e conseguiu tomar informações completas por toda a cidade, onde ainda hoje vive a maior parte das testemunhas oculares, em vista do pouco tempo decorrido de 1756 a 1759”.

Não relataremos mais nenhum caso de lucidez dentre as centenas que se nos deparam. O que importa é, acima de tudo, a perspectiva que desdobram à nossa curta vista mental, o renovamento filosófico que comportam.

*Brofério* soube comentá-los nestes termos:

“Se o cérebro e o éter fossem suficientes para a manifestação do fenômeno da clarividência, nós o teríamos sempre; ao contrário, parece que ela precisa de uma condição diferente: — enfraquecimento do sistema nervoso... A clarividência é mais fácil no sonambulismo artificial que muitos fisiologistas consideram justamente como paralisia, ao menos paralisia parcial do sistema nervoso; ela é mais fácil na hora da morte, quando está quase esgotada a energia cerebral. Não é provável que a clarividência advenha da maior energia dos centros ópticos no momento em que o nervo pneumogástrico justamente já não recebe do cérebro a energia capaz de fazer bater o coração.

“Logo, segundo o princípio das variações concomitantes, devemos dizer, com du Prel, que os sentidos do sonâmbulo são um fraco esboço daqueles que teremos depois da morte”.

Cabem também aqui, a propósito dos fenômenos de clarividência, as palavras de Thomaz Jay Hudson, citadas por Bozzano: “Se a natureza é constante, não pode haver faculdade alguma do espírito humano, sem que lhe toque uma função normal a exercer. Se nenhuma faculdade pode existir sem função correlata, todas as faculdades que encontramos no espírito humano deverão exercer uma função determinada neste vida ou algures. Logo se o homem possui faculdades que não exercem função alguma durante a existência terrestre, daí resultará que as funções destas faculdades deverão manifestar-se numa vida futura.

“Se quisermos formular a tese sob uma forma puramente silogística, deveremos dispor as proposições da maneira seguinte:

“Cada faculdade do espírito humano tem uma função a exercer nesta vida ou na outra.

“Encontram-se no espírito humano faculdades que não exercem função alguma na existência terrestre.

“Logo, existem no espírito humano faculdades destinadas a exercer funções numa vida futura.

“Nenhum homem de ciência cuidará, certamente, de contestar a legitimidade da premissa principal: ela é da natureza dos axiomas. Ninguém, dentre as pessoas que estão

ao fato das investigações modernas no domínio dos fenômenos psíquicos, pensará em contestar a premissa secundária. A faculdade telepática bastaria por si só para lhe mostrar a força invencível.

“As duas premissas são incontestavelmente verdadeiras; logo, é evidente a legitimidade da conclusão de que — o homem é chamado a outros destinos”.

Quão longe estamos do atomismo de Le Dantec! Julgue o leitor se conseguimos ou não firmar a argumentação na rocha imperecível dos fatos.

## CAPÍTULO XI

**Casas assombradas. — Física transcendente. — Observações de Karl du Prel. — Casos observados por Lombroso. — Incompetência do exame policial. — Interpretação dos fatos.**

No correr deste estudo, temos evitado de propósito os fenômenos espíritos. Pretendemos que os fatos de animismo bastam por si mesmos para demonstrar a sobrevivência humana, ou pelo menos, para sugerir sérios argumentos em favor dela.

Em aditamento aos fatos comentados, passamos ao estudo das casas assombradas, questão controvertida, e que, na opinião de autores de mérito, não passa de manifestações anímicas, explicáveis pela presença de médiuns, de que dependem. Desta opinião é o escritor Jules Bois, que estudou pessoalmente alguns casos. E para que o leitor cético possa conter o riso, sempre fácil nestes assuntos, lembraremos que, entre os sábios que, sem temer juízo precipitado da opinião pública, pouco esclarecida, procederam ao estudo direto, pessoal, de tais fatos, se destaca Lombroso, que igualmente os interpreta como manifestações anímicas.

Apresentaremos alguns casos que não se prestam absolutamente a esta explicação. Muitos deles avultam como inacessíveis ao intelecto, desde que pretendamos ver ali intervenção de pessoas maléficas ou a exteriorização de forças mediúnicas. Inútil procurar interpretá-los como efeitos das forças cegas da natureza; perceber-se-á que estes fenômenos têm um fim, que obedecem a uma força inteligente, a uma causa invisível.

Karl du Prel refere muitos fatos, entre os quais destacamos os seguintes:

— Em 1890, em Berlim, pedras foram atiradas em “Elsässer-strasse”, durante seis semanas. Nada se descobriu, apesar do empenho da polícia e da alta recompensa prometida a quem prendesse o culpado.

— Em Paris, na rua de Grés, uma casa isolada em meio de um jardim foi crivada de pedras que lhe causaram grandes estragos. Tão pesadas eram e de tão longe vinham, que não era possível que fossem atiradas por mãos humanas. Subiu muita gente ao telhado das casas vizinhas para observar o fenômeno. As pedras passavam-lhes por cima da cabeça e atingiam o alvo com precisão matemática. Posto que o bombardeio tivesse durado três semanas, a polícia nada descobriu.

A “Gazeta dos Tribunais” refere que as portas e janelas foram trancadas; mas, como ficasse uma pequena fenda numa das janelas, foram arremessadas pedras de formas adaptadas, que passaram de permeio.

“Para que os autores fossem seres humanos, diz du Prel, teria sido necessário que eles tivessem manejado catapultas ou qualquer outra balista. Além disso, como os projéteis seguiam uma trajetória invariável, teria sido de bom conselho recorrer a um matemático, a fim de calcular a trajetória e de, pelo prolongamento retrógrado do segmento, determinar com precisão o lugar em que deveria estar o agente. Nesse lugar



ele não seria encontrado, e assim a origem espírita do fenômeno seria demonstrada com exatidão”.

— Em Munchhof, mais de 60 pessoas viram pedras, que pesavam desde um quarto até quinze libras, saírem de baixo dos bancos de uma cozinha, passarem pelas janelas que estavam no mesmo lado do muro, e depois recuarem obliquamente de modo que descreviam cerca de três partes de um círculo. Todos os utensílios domésticos serviam de projéteis.

Homens atingidos por volumosas pedras mal sentiram, com grande pasmo, o leve contato delas, e isso apesar da rapidez do movimento; e verificaram que caíam verticalmente ao solo depois de os ter tocado. Tudo que se pretendia salvar da destruição era arrancado das mãos dos portadores e atirado ao longe.

“Coisa notável, diz Karl du Prel, quando se trata de homens vivos, a força que anima os projéteis desaparece subitamente, de sorte que a pessoa tocada mal lhe sente o choque: caem os projéteis sem ter feito mal algum. Isto se repete em todos os relatórios. Já dizia Guilherme d’Auvergne que seres humanos nunca ou raramente são feridos por pedras demoníacas. Durante o tremendo bombardeio da rua de Grés, em Paris, ninguém saiu ferido.

— Em Kabsdorf, uma mulher foi alcançada por um almofariz de peso de quatorze libras, mas nada sofreu com isso. Projéteis foram arremessados sobre outras pessoas, as quais, no entanto, declararam que foi como se uma esponja lhes tivesse tocado.

— Um fenômeno desta ordem se deu em Colmar e durou 20 anos sem ter ferido a ninguém. Uma filha do advogado Joller foi assaltada por uma chuva de pedras que caíam ao redor dela sem atingi-la. “Uma pedra redonda passou com velocidade prodigiosa por entre as cabeças dos assistentes que estavam na porta, no escritório ou na cozinha e foi bater numa garrafa que estava em cima da mesa; a garrafa quebrou-se e a pedra se deteve ficando ao lado, pertinho da garrafa.”

Não prosseguiremos acumulando fatos. Apenas diremos que eles não escasseiam nos arquivos das ciências psíquicas. Presentemente tais fatos começam a despertar a atenção científica. O leitor sem preconceitos, inclinado a separar da fácil credulidade popular a realidade da fantasia, a procurar o fato autêntico, despido das quimeras tecidas pela imaginação, perceberá sem esforço a incompetência da polícia para dizer sobre acontecimentos desta natureza. Simples agentes de polícia não perceberão o que há de anormal e de transcendente na pedra que descreve um semicírculo ou que, impelida com violência, se detém subitamente. São fatos que estão a pedir que os peritos sejam físicos experimentados, a fim de que os estudem sob o ponto de vista da mecânica e das leis do movimento. Algumas vezes não bastam conhecimentos físicos para chegar a um resultado rigorosamente científico. É o que havemos de provar depois de termos transcrito e comentado a seguinte parte de uma das observações de Lombroso:

— “No mês de maior de 1903, tive ocasião de examinar pessoalmente os fenômenos que se produziam em outra casa de Turim, a do compositor tipógrafo Mignotti, rua Massena, 30. Acompanhou-me o Dr. Enrico Imoda, que redigiu, depois, um pequeno relatório sobre esses fatos. A família que habitava o aposento assombrado era composta de pai, mãe e dois filhos; habitavam todos um compartimento único, com uma só porta-janela que dava para um balcão que rodeava o edifício inteiro, do lado do corredor. Os móveis eram simples; compunham-se de uma mesa de centro, algumas cadeiras, um armário e duas camas.

“Já havia três meses, todas as noites, quando um dos filhos se deitava, começava-se a ouvir pancadas muito fortes na parede pegada ao leito. Continuavam essas pancadas durante muitas horas no correr da noite.

“Tinha-se preparado em vão esclarecer o mistério. A família Mignotti havia recorrido à polícia, que fizera investigações atentas e minuciosas; sob as vistas, porém, dos próprios agentes, as pancadas ressoavam com tanta força que a parede tremia, e o ruído era ouvido até nos compartimentos vizinhos. Pondo-se a mão na parede sentia-se distintamente uma vibração como a que fosse produzida pelo choque violento de um corpo pesado.

“Apenas chegados, eu e o Dr. Imoda tratamos de examinar os móveis do quarto, principalmente a cama e o armário. A criança foi deitada pela mãe. Estávamos no quarto eu, o Dr. Imoda, o pai, a mãe e os dois rapazes. Momentos depois, as pancadas começaram na parede. Este fenômeno era evidentemente dirigido por uma Inteligência. Quando se faziam perguntas verbais à causa desconhecida, à causa inteligente, ela respondia por meio de pancadas que tinham significação convencional. Deste modo foi possível entabular uma conversação, marcando por meio de pancadas as letras do alfabeto.

“Achamos desnecessário contar a conversa por inteiro; limitamo-nos a observar que algumas das coisas comunicadas por esta causa oculta eram exatas, outras inteiramente falsas, outras inconcludentes. Um quarto de hora depois, pouco mais ou menos, o rapaz estava profundamente adormecido; as pancadas percutidas, embora continuassem muito fortes, se tornaram sempre mais inconcludentes quanto à significação, até que cessaram.

“Tal é o fenômeno, em sua mais simples exposição. Tudo prova que o rapaz é a causa dele, ao menos causa imediata. Não apresentava esse rapaz particularidade alguma anormal. Parece que a intensidade dos fenômenos mediúnicos está em relação com o estado físico desse rapaz; durante os dias em que esteve atacado de gripe, as pancadas foram menos ruidosas. Este fato está de conformidade com o que foi observado com muitos outros médiuns, com Eusapia Paladino, por exemplo, e é coisa que desnor-teia.

“Falando de casas assombradas, eu tive algures ocasião de fazer notar quanto é curioso que tais fatos sejam agora assinalados, que se contem por tão grande número e

sejam provados por testemunhas, quando quase dois séculos se passaram sem que ninguém se tivesse importado com eles, a não ser o povo miúdo que, por assim dizer, não estava em comunicação com as classes instruídas. Não era, por conseguinte, porque não existissem, mas unicamente porque, não acreditando neles as classes instruídas, ninguém lhes prestava atenção, mesmo quando se realizavam.

“Atualmente eles se produzem, são assinalados e estudados; são, todavia, esquecidos com muita facilidade, e pequeno é o número de sábios hipnólogos que, tão corajosos quanto livres de preconceitos, se interessem pelo assunto. Viu-se, pelo segundo exemplo por mim relatado, que, se eu não estivesse presente ao lugar em que se deu o fato, o público, enganado pelas próprias pessoas que habitavam a casa, teria acreditado que fosse devida à minha presença o à da polícia, o terem os fenômenos desaparecido; em outros termos: ainda que se não tivesse descoberto o autor da fraude, ter-se-ia acreditado que estes fenômenos eram produzidos por embuste e, por conseguinte, indignos de serem estudados.

“Quanto a mim, se já cometi o erro de negar tais fatos antes de os ter estudado, não me sinto agora obrigado a negá-los pelo fato de não ter conseguido explicá-los”.

Antes de fazermos alguns rápidos comentários sobre a observação de Lombroso, importa explicar a significação das últimas palavras transcritas: “Viu-se, pelo *segundo exemplo* por mim relatado, que, se eu não estivesse presente ao lugar em que se deu o fato, o público, enganado pelas próprias pessoas que habitavam a casa, teria acreditado que fosse devido à minha presença ou à da polícia o terem os fenômenos desaparecido; em outros termos: ainda que se não tivesse descoberto o autor da fraude, ter-se-ia acreditado que estes fenômenos eram produzidos por embuste e, por conseguinte, indignos de serem estudados.”

Como, pela necessidade de ser breve, não tenhamos resumido as observações de Lombroso neste segundo caso de assombramento, devemos explicar a que se referem tais palavras.

Tinha a polícia precedido ao sábio criminalista no exame e observação do caso, e procurado em vão as causas humanas do fenômeno; mas, como não pudesse rejeitar a hipótese da intervenção humana, ameaçou os inquilinos, fazendo-lhes sentir que os fenômenos *deviam* cessar. Quando Lombroso compareceu, sem dar seu nome, como simples curioso, mal começava a pedir informações sobre os fatos, e já lhe diziam, com surpresa para si, que realmente os fenômenos se haviam dado, mas que felizmente “o professor Lombroso tinha compreendido e daí em diante tudo havia cessado”.

Cedemos, agora, a palavra a sábio:

“Muito intrigado com a resposta, visto que eu jamais pusera os meus pés em tal casa, dei-me a conhecer e pedi explicações, desejando certificar-me se não teria alguém abusado de meu nome para fins que trataria de averiguar se valesse a pena. O Sr. Fumero e a mulher confessaram-me, então, que, tendo ouvido dizer que eu viria visitar a

casa, lhes ocorrera declarar que meu comparecimento afugentara os “espíritos”. E assim conseguiam ver-se livres das amolações que lhes causavam os papalvos e a polícia: para tanto obterem, não viam mal algum em atribuir a mim poderes de Grande Exorcista! Depois contaram-me que os fenômenos misteriosos continuavam, e que provavelmente eu teria ocasião de autenticá-los pessoalmente, se me quisesse dar ao trabalho de descer à adega”.

Este incidente prova mais uma vez a incompetência habitual da polícia para proceder a averiguações de tal natureza. Com acabamos de ver, devido à presença de Lombroso, mais um fato de ordem psíquica pôde ser autenticado e incorporado ao patrimônio científico, fato que, no entanto, pela polícia seria posto à margem, pura e simplesmente como fraude.

E agora o comentário. Lombroso classifica o caso entre os de animismo e o considera como dependente da presença de uma das crianças, que era médium em sua opinião. Dando como exata a sua interpretação, surge aqui um problema jurídico. O magistrado que verificar e julgar fatos análogos, se não for versado no conhecimento das ciências físicas, considerará o médium como causa do fenômeno e o condenará.

Uma condenação iníqua, porque o médium é simples condição do fenômeno, e não causa.

Mas será realmente anímico o fato estudado por Lombroso? Devemos responder que ele não se impõe com este caráter à luz da evidência. Do estudo que temos feito se depreende que as forças anormais dos vivos se exercem por meio do *od* exteriorizado; que este é o veículo da sensibilidade, do pensamento; e que com a sua exteriorização completa se forma o astral, que é o corpo do homem suprafísico. Devemos, portanto, concluir que essas forças anormais dos vivos são as forças normais dos mortos. E se pudemos explicar o movimento das mesinhas, e se todos os casos de exteriorização da motricidade e de movimento à distância, sem contato, podem ser igualmente explicados pela ação do *od* dos vivos, devemos concluir igualmente que os mortos podem servir-se desta força. Nestas condições, o *od* vem a ser a força que liga os dois mundos. Agentes invisíveis podem utilizar-se do *od* dos vivos. Sirvam estas considerações de aditamento à explicação dos fenômenos de tiptologia, de que falamos no capítulo II. O fenômeno será pouco frequente, raro até, mas só à luz desta hipótese é que podemos compreender certas comunicações tiptológicas em que se manifestam ao mesmo tempo fatos de lucidez.

Como acabamos de ver, tais casos são por natureza complicados e não somente ultrapassam o saber policial, senão que autorizam até a pôr em dúvida as conclusões de sábios da estatura de Lombroso. Em um caso referido por Karl du Prel foi necessário que ocultistas deslindassem o problema.

Tal é o que se passou em Valença, em Brie.

“Ali ficou provado que a força motora que anima os projéteis é de natureza ódica, e que se trata do *od* exteriorizado de um agente invisível.

“Ali foi completo o fiasco da polícia como em todos os casos dessa espécie; mas desta vez, felizmente, homens versados no ocultismo souberam remediar a situação. O padre Schnebelin, principalmente, que examinou o fato cientificamente, tomou de algumas pedras do jardim, donde parecia provirem os projéteis, e as examinou com o magnetômetro de Fortin, sobre o qual não exerceram ação alguma, ao passo que as pedras que serviram de projéteis fizeram desviar a agulha 45 graus; a cera e o fogo faziam-lhe perder esta força. Um trapo vermelho, que fora tão agitado na adega que as criadas lhe tinham medo, aproximado do magnetômetro fez-lhe desviar a agulha. Era possível agir sobre a fonte ódica, isto é, sobre o agente, de modo que se lhe matasse o desejo de continuar com suas proezas. Schnebelin instalou no jardim um fogareiro, acendeu-o e pôs-lhe em cima o trapo vermelho polvilhado de enxofre e molhado em petróleo; o fogo apagou-se por duas vezes; na terceira vez ouviram-se urros de dor debaixo da abóbada da porta, pedindo perdão”.

Como acabamos de ver, não se trata de superstições e credices; o fenômeno foi cientificamente examinado e cessou por um processo que já não deve parecer enigmático nem suprafísico, se é que tivemos a fortuna de projetar alguma luz sobre eles.

## CAPÍTULO XII

### As terras do céu. — Os mundos habitados e o Novo Testamento.

Façamos um curto passeio pelas terras do céu; não é fatigante a excursão e trará proveito e conforto. A nós, que nos reputamos a expressão mais alta dos seres vivos, no plano terrestre, nos é dado o privilégio de sentir as palpitações dos mundos no espaço infinito, de pesar as terras da abóbada celeste, de lhes medir a grandeza que confunde a imaginação, e de extasiar-nos com a ordem que reina entre milhões de astros que giram com incrível velocidade, segundo o plano traçado pelo Supremo Legislador.

Nossos pais, nossos antepassados, não sabiam olhar para o azul do céu. Eles não viam o que nós vemos. Seu horizonte era limitado pela estreiteza de seus conhecimentos científicos. Para eles a Terra era uma superfície plana, fixa, imóvel, e as estrelas — míseras tochas encarregadas de enviar-nos a sua luz noturna. O homem era o rei da Terra e a Terra era o mundo.

Alongando a nossa visão, a ciência dilatou o pensamento humano, arrancou-o do cárcere a que se achava preso pela estrutura do nosso olho. — Ela demonstra que o planeta que habitamos não passa de um átomo nas constelações da Via Láctea e que esta vida exuberante que contemplamos no campo de nossa visão, nas planuras terrestres ou nos picos nevados, no meio aéreo ou na profundidade dos mares, toda ela se faz à custa desse imponderável que se chama *o raio de sol*. Todas as pulsações da vida, vegetal, animal ou humana, estão presas parasitariamente àquele fio de luz. Dependemos todos, até às últimas fibras do nosso ser carnal, daquela mensagem cotidiana, dessa inundação benéfica de calor e de luz, isto é, de vida!

É uma lição que se renova todos os dias, que se perpetua na série das idades e que nos mostra, ao mesmo tempo, a nossa pequenez e a nossa grandeza. No plano terrestre, em que estamos encarnados e em que se desenrola o drama da evolução da vida, o pensamento que pesa os mundos é escravo de um foco de luz situado a uma distância que a imaginação não apreende, mas que o cálculo reduz a números.

Certo é que o mundo leigo não crê que os sábios tenham conhecimento exato do peso da Terra, que lhe conheçam a velocidade em torno do Sol. Ao seu entendimento se afigura uma fantasia, um desvario de imaginação a afirmativa dos astrônomos de que o Sol é um milhão e quatrocentas mil vezes maior do que a Terra e que está afastado da nossa morada quase 25 milhões de léguas, das nossas.

O pensamento não orientado pela disciplina científica, interroga com ironia: Quem lhes disse que Júpiter é 1.300 vezes maior do que a Terra, que os eu ano é de mais de onze anos terrestres, que Saturno tem o volume de 864 Terras reunidas, que Urano é 74 vezes mais volumoso do que ela, Netuno 84 vezes, sem falar dos planetas menores, Marte, Vênus, Mercúrio, cuja dimensão pretendem conhecer?

Dizem os sábios que Mercúrio dista do Sol 57.280.000 quilômetros ou 9.546.666 léguas nossas, das de 6 quilômetros; Vênus, 107.040.000 quilômetros ou 17.840 léguas;

Marte, 224.000.000 de quilômetros ou 37.333.333.333 léguas; Júpiter, 770.000.000 de quilômetros ou 128.333.333 léguas; Saturno, 1.420.000.000 de quilômetros ou 23.666.666 léguas; Urano, 2.932.000.000 de quilômetros ou 488.666.000 léguas; e Netuno, 4.440.000.000 de quilômetros ou 740 milhões de léguas. E o mundo leigo pergunta entre a dúvida e a ironia: “Quem já fez esta viagem?”. A ignorância popular aqui se nivela com a sabedoria dos nossos antepassados quando demonstravam com a mais pura lógica a impossibilidade e o absurdo da redondeza da Terra. Então, homens da estatura moral de Lactânncio é que mostravam à luz meridiana o ilogismo daqueles pressentimentos heréticos: “Que diremos dos que creem nos antípodas e que opõem seres aos nossos pés? Pode alguém ser tão inepto que creia que haja homens com a cabeça para baixo? Países em que tudo é invertido, onde os frutos pendem para cima e os cimos das árvores tendem para baixo, onde as chuvas, as neves e as saraivas caem de baixo para cima? Já não devemos admirar os jardins suspensos nem classificá-los entre as sete maravilhas, porque aí estão filósofos a suspender no ar os campos e os mares, as aldeias e as montanhas. Encontram-se os germes deste erro nos que pensam que a Terra é redonda!”

Pois bem. Hoje a Terra é sulcada, os mares devassados em todas as direções, e a hora se aproxima em que a audácia de um navegante plantará a bandeira de sua pátria no extremo do polo, na linha ideal em que passam todos os meridianos terrestres. E, no entanto, não obstante as provas acumuladas com tamanha profusão, quantos e quantos ainda não duvidam, hoje, da redondeza da Terra, da sua marcha vertiginosa, da sua rotação em torno do Sol e da progressão deste para a constelação de Hércules! É que o nosso meio social tem representantes de todas as idades, desde o selvagem até ao gênio, do antropólogo ao santo, do assassino à irmã de caridade, do feiticeiro ao profeta, do homem, escravo dos seus sentidos e instintos, ao homem que vive livremente e que livremente maneja o seu corpo como um instrumento, do homem que representa o passado àquele em que o futuro se esboça.

Que sugerem essas terras do céu? Que dizem elas ao nosso coração? Cuidaremos que estão vazias e que só palpita nelas a vibração dos átomos?

Porventura este grão de areia em que evolve o nosso destino planetário terá sido o único a merecer o sopro de vida, de amor e de consciência?

A ciência não pode responder a esta pergunta. Mas quem poderá provar que a ciência é o único instrumento de investigação? Porventura a intuição não a precede, não a precedeu no passado? Não foi ela que inspirou aos navegantes a concepção da redondeza da Terra? Não foi ela que deu razão a Galileu, quando sustentava contra todas as noções positivas, contra todos os conhecimentos sólidos, a verdade do movimento da Terra? Não foi a que vitalizou o pensamento de Copérnico e que o fez vencedor da ciência do seu tempo?

Importa ao crente considerar estas palavras de Jesus: “Meu Pai trabalha sempre”. Vemos, certamente, o trabalho do Pai nos germes de vida, esparsos na infinidade dos

mundos, segundo o princípio da evolução, veículo da vontade divina e pelo qual os mundos nascem, se desenvolvem, aperfeiçoam, — envelhecem e morrem.

“Há várias moradas na casa de meu Pai”, dizia. A ortodoxia interpreta estas palavras segundo um critério que nos parece estreito. Como ela não pressente as manifestações da vida na pluralidade dos sistemas estelares, — como reduz o Universo vivo ao grão de poeira em que evoluímos, — como restringe a consciência, o pensamento, a vontade no planeta que nos hospeda, ao representante mais alto da vida animal, ao homem e somente ao homem; e como, na família humana, separa a raça dos eleitos da dos condenados, ela interpreta as palavras de Jesus ao pé da letra. E nem percebe que nos termos desta exegese, diminui os atributos de Deus, limitando a ideia divina, que é o mundo criado, e que ela povoa de constelações vazias, restringindo-o no seu poder, visto que marca um termo definitivo à evolução.

“Eu tenho ainda outras ovelhas que não são deste rebanho”. Estas palavras do Mestre deverão abrir novas perspectivas e alongar o panorama, fazendo-nos quebrar com o pensamento os muros dos espaços siderais, como o pinto que, evolvido para uma vida mais larga, quebra a casca do ovo que o encerra.

Assim, porém, não o quer a ortodoxia. Ela vê naquela sentença simples alusões ao gentio, — limitação puramente arbitrária e ilógica. O verbo augusto já tinha contemplado com seus ensinamentos toda a humanidade terrestre, quando a todos edificou com a parábola do bom samaritano. É a caridade que salva, donde quer que ela venha, ensina a parábola. E a caridade veio do gentio e não da ortodoxia do seu tempo. O verbo do Mestre já tinha profetizado a evolução de todos os credos e a sua depuração contínua até a aurora dos tempos em que o Pai seja adorado em espírito e verdade, longe de lugares consagrados, isentos de ritos, cerimônias e formalidades sectárias.

Interpretar as suas palavras ao pé da letra é, portanto, diminuí-lo até a contingência de fazê-lo repetir-se em redundâncias inúteis.

Saibamos recebê-las como alusões às humanidades estelares, muitíssimas das quais em ascensão progressiva para o bem, para o belo e para a verdade como nos indica esta outra sentença: “João Batista é o maior dos filhos da mulher, mas o menor dos filhos do Reino é maior do que João Batista”.

É que o menor dos filhos do Reino não é filho da mulher, não nasce da carne e do sangue. A nossa pobreza mental não compreende como isso se possa dar, assim como os nossos antepassados não podiam compreender a esfericidade da Terra. Mas a analogia entreabre a porta do mistério.

Assim como, no mundo físico, a matéria passa do estado sólido ao líquido, ao gasoso, ao radiante, do mesmo modo no mundo organizado onde a matéria orgânica recebe a encarnação do Espírito, ela se depura à medida que o espírito se eleva. É o que permite entrever o corpo espiritual de que nos fala São Paulo, o *corpo glorioso*, formas



mais sutis e mais puras da matéria e de que se reveste o espírito que progride e que deixa o plano terrestre para ascender na escala infinita da evolução.

## CAPÍTULO XIII

### **A terra e o mundo. — Os mundos e a analogia. — A Bíblia e os mundos habitados.**

Como temos esboçado, o homem não é o limite da evolução. A ciência e a filosofia contemporâneas apanharam a ideia diretora, que preside a todas as manifestações da vida terrestre — ideia da evolução, do aperfeiçoamento lento, do progredir sucessivo dos seres viventes, desde o protista até o homem. Mas este não é o anel terminal da cadeia, como aquele não é o primeiro elo inicial. Seria anticientífico pretendê-lo.

E, do mesmo modo, a Terra é igualmente o alfa e o ômega, o princípio e o fim. Não nos é permitido ainda prová-lo à luz dos fatos científicos, simplesmente porque na aurora do século XX os sábios habitam a caverna de Platão e somente os tipos mais elevados da nossa espécie começam a adivinhar a existência de humanidades estelares, às quais nos prendem invisíveis elos de solidariedade fraternal. A analogia, porém, nos levanta a ponta do véu.

Transportemo-nos pelo pensamento aos tempos da Grécia, para colher dos lábios do próprio Aristóteles, do imortal Aristóteles, estas palavras:

“Há pouca diferença entre os serviços que o homem tira do escravo e do animal. *A própria natureza o quer*, pois que ela fez os corpos dos homens livres diferentes dos corpos dos escravos, dando a uns a força que convém à sua destinação e a outros uma estatura ereta e elevada”. E conclui assim: “É, portanto, evidente que uns são naturalmente livres e outros naturalmente escravos, e que para estes últimos, a escravidão é tão útil quanto justa”.

No espírito do grande pensador não tinha germinado a ideia da igualdade dos direitos humanos. O meio social não era propício à germinação daquela semente, que só foi sacudida aos quatro ventos quando o cristianismo revolucionou os espíritos, pregando a fraternidade de todos os homens, — conceito que se vai lentamente corporificando aqui e ali, mas que só dará o fruto maduro, quando a sua força de expansão tiver trazido ao cenário da história a era sem violência, a federação do gênero humano.

Aristóteles não podia conceber o mundo sem a escravidão. Esta lhe parecia natural, justa e útil. A sua ideia de justiça era elementar. O meio moral em que evolvia não lhe fornecia materiais nem elementos para uma elaboração mais alta e mais conforme ao sentimento de equidade. O seu pensamento era um produto da época e do tempo.

Semelhantemente, em nossa cegueira pretendemos que esta terra do exílio, onde a justiça não encontrou guarida, é a única que mereceu o privilégio de receber a vida, o pensamento e a consciência. E achamos isso natural, necessário e justo. E chamamos visionários ou loucos aos que sonham com humanidades desconhecidas e mais

perfeitas, como os homens do século XV viam o desvario da imaginação na utopia de Colombo, a sonhar com terras ignotas.

O meio científico é ainda muito escasso e incipiente e não fornece ao pensamento uma base segura de induções. Os nove décimos da humanidade nem sequer se apercebem de como tenham os sábios chegado ao conhecimento do volume, das distâncias, da velocidade, da composição química das estrelas. Mas, que dizemos, atribuindo ao saber vulgar aquelas limitações? O próprio Augusto Comte, este intelecto genial, dizia que jamais chegaríamos a conhecer a composição química das estrelas. Erro evidente, dados os materiais científicos do seu tempo; poucos anos depois, com a descoberta do espectroscópio, os astros revelavam o segredo da sua estrutura material.

Ponhamo-nos a cavalo num raio de luz, cuja velocidade é de 308.000 quilômetros (51.333  $\frac{1}{3}$  de légua das nossas) por segundo. Tal é o critério para medir as distâncias dos espaços interplanetários. Pois bem. A estrela mais próxima de nós leva três anos e oito meses para nos ferir a retina, ao passo que a luz das estrelas visíveis com o telescópio de 6 metros de Herschel leva 2.700 anos para chegar até nós.

Eis aí o que nos dá uma pequena ideia do infinito. Se a humanidade de um destes astros longínquos dispusesse de aparelhos que fotografassem as cenas que se desenrolam na história humana; se pudesse impregnar na tela de um cinematógrafo os nossos atos e gestos, estaria hoje a assistir ao vivo o drama da evolução humana num passado de 2.700 anos, e se a sua sociologia fosse muito adiantada, poderia prever a tragédia da revolução francesa, que já lhes apresentava ao entendimento nos longes de um acontecimento inevitável.

No grão de areia em que vivemos há alguma coisa de impalpável que tem a sua grandeza real, o pensamento. Julgue-se por este pequeno fato:

“Em 1846, tendo sido verificada uma perturbação que retardava a marcha teórica do planeta Urano, o astrônomo francês Leverrier calculou que, para que se desse nesse lugar uma atração de tal intensidade, seria preciso que houvesse deste lado do sistema, para além de Urano, um planeta de uma dada massa para uma dada distância. Observadores dirigiram logo suas lunetas para o céu, no ponto indicado pela teoria. Um astrônomo alemão não tardou a descobrir o astro anunciado e até então desconhecido, no mesmo ponto indicado pelos cálculos de Leverrier”.

Mas este pensamento, que sonda os mundos, não se conhece a si mesmo; ele se julga uma simples expressão material, o produto de um mero agregado de átomos efêmeros. Que parecem esta grandeza e esta pequenez, estas cintilações e estas trevas?

— Se a Terra é tão pequenina, comparada a Júpiter, poderão ver-nos os jupiterianos? Acho que nada sabem de nós.

Ao que ele respondeu:

— Francamente, também creio que sim. Para isso seria preciso que de lá vissem a Terra cem vezes menor do que Júpiter se nos apresenta, — tamanho tão insignificante que nem poderiam vê-la. O mais que a tal respeito se pode imaginar é que haja em Júpiter astrônomos que depois de terem conseguido, com penosíssimos trabalhos, telescópios excelentes; depois de terem observado durante as suas noites mais límpidas, tenham, enfim, chegado a descobrir nos céus um minúsculo planeta, dantes nunca visto. O *Jornal dos Sábios* é lá o primeiro que dá notícia do fato. Os jupiterianos ou lhe fazem ouvidos moucos ou então não param mais de rir. Vendo que, com semelhante descoberta, suas opiniões irão por terra, os filósofos timbram em negá-la, de modo que ficam na expectativa, por céticos, os mais prudentes. A coisa continua a ser observada: o planetinha torna a ser visto. Certificam-se o mais possível de que não se trata de ilusões. Começam mesmo a suspeitar de que ele se move ao redor do Sol. Lá pela milésima observação descobrem que tal movimento dura um ano. E, por fim, graças ao indefesso labor dos sábios, fica sabido em Júpiter que a nossa Terra faz parte do Universo”.

São horizontes novos e que convidam à meditação. Em falta de uma ciência positiva, é permitido interrogar a analogia, que tantas vezes apontou o caminho aos sábios e aos filósofos em suas descobertas.

Referindo-se no capítulo anterior ao testemunho de Jesus de Nazaré. Para as almas crentes o ensino do Mestre deve ser de influência decisiva, se for verdadeira a exegese que lhe demos. Vamos, agora, terminar este capítulo com as revelações dos profetas.

Fala Davi, nos Salmos: “Porque a tua misericórdia sobre mim é grande, e tiraste minha alma do inferno inferior”. — (*Salmos*, XXXV, 13).

Que diz Davi? Que ele vem de mundos inferiores, a que ele chama inferno e onde o sofrimento é grande; agradece o seu aperfeiçoamento e a sua passagem para um mundo melhor. Para Davi, que consulta a sua experiência pessoal, a Terra não é o alfa nem o ômega.

Fala Isaías: “Porque eis aqui estou eu que crio novos céus e nova terra; não persistirão nem na memória as primeiras calamidades nem elas subirão ao coração.” — (*Isaías*, LXV, 17).

Que indicam tais palavras, senão a pluralidade dos mundos, o trabalho incessante do Pai, que cria novas moradas?

E passemos ao Novo Testamento:

Fala S. Pedro: “Esperamos, porém, segundo suas promessas, novos céus e terra nova, nos quais exista a justiça”.

Que vos parece, leitor? Será falsa esta exegese? Mas então que significam as palavras da língua?



## CAPÍTULO XIV

### Robinson e a sua ilha.

Não conhecemos a história de Robinson. Sabemos, porém, que o nosso herói, perdido em uma ilha, encontrou, à custa de trabalho e engenho, recursos para viver e embelezar o quadro de sua existência.

Pois a humanidade, em seu conjunto, na sucessão das gerações, é como um só homem que trabalha sempre, disse-o Pascal, e o repetiu Augusto Comte.

Diremos, por nossa vez, que a humanidade é como Robinson, perdida em uma ilha minúscula do espaço infinito e condenada a regar com o seu suor e a fertilizar com suas lágrimas o torrão que habita.

À medida que este homem vai inventando aparelhos e instrumentos técnicos, menos doloroso é o seu viver. Ao conhecimento das relações constantes entre as coisas se dá o nome de *ciência*, e a descoberta e fabrico desses instrumentos provêm das aquisições científicas. Não admira, portanto, que o nosso Robinson simbólico atribua à ciência funções redentoras. Não é ela que o liberta da fome e do frio, desde que surgiu como náufrago nesta ilha, sem saber como nem por quê?

Sim, Robinson agradece à ciência o muito que lhe deve. Mas ela não lhe responde ao enigma da vida. Os instrumentos que fabrica, os aparelhos que inventa, de nada o informam sobre o seu passado desconhecido nem sobre o seu futuro. Donde veio e para onde vai? Será um produto, um resultado da sua própria ilha, da matéria que nela existe e das forças que nela operam? Assim pensa ele e assim o crê em certos momentos da vida. Esta pedra, esta planta, este animal, ela já os encontrou na ilha desde a mais tenra infância.

Teria alguém, mais forte e mais poderoso que Robinson, criado a ilha e tudo o que nela existe? Tornando positivista em outros momentos, Robinson foge às cogitações do grande arcano. Não quer saber a *causa* dos fenômenos nem o *porquê* deles; basta-lhe o *como*. E põe-se a estudar as relações entre os fatos, a multiplicar os instrumentos técnicos que, pelo menos, têm a vantagem de lhe tornar melhor a existência. E uma vez que dilatou a sua inteligência com a aquisição de novos conhecimentos positivos; uma vez que os seus instrumentos lhe alargaram o horizonte do saber exato, o grande enigma se lhe impõe de novo ao intelecto. Ele já percebeu que a sua ilha é um planeta e que outros muitos planetas possuem condições de habitabilidade; alguns até se lhe afiguram mais adequados a mais altas manifestações da vida.

Ele sabe de fonte certa e positiva que o calor, a luz e a vida lhes são enviados pelos raios do mesmo Sol. Já lobrigou uma atmosfera em alguns deles; já percebe nuvens aqui e ali e não ignora que também por lá existem dias, anos e estações. *Vênus* e vários outros planetas, já são por ele medidos. *Vênus* tem a mesma dimensão que a sua ilha; já lhe divisa o meio físico e meteorológico — as montanhas, as planícies, as estações, os dias e os anos. E Robinson cogita: “Afastar-me-ei do saber positivo se

concluir que, sendo as condições de habitabilidade as mesmas, não deverão tais planetas ser desertos? E haverá razões especiais para que os planetas maiores, Júpiter, Saturno, rolem pela imensidade a sua massa gigantesca erma de vida?”

Robinson hesita: o positivismo amarra-lhe o pensamento. E desce, então, à planície das suas investigações, em convívio íntimo com os fatos que lhe caem sob a alçada dos sentidos. E sonda os mistérios da vida na sua ilha. E verifica que a vida se apresenta em toda a parte, ressalta de todos os meios, terrestre, aéreo ou aquático, desde o insignificante zoófito, cujo labor opera a maravilha dos bancos de corais, até à baleia; desde o micróbio, que pulula aos milhões em uma gota de sangue, até ao elefante. Do equador aos polos, das altas atmosferas até ao fundo dos mares, por toda a parte a vida transborda em formas variadíssimas, em gradações multiformes.

Na infância do pensamento, no início de suas indagações experimentais, Robinson, tomando a sua própria pessoa como medida de todas as coisas, concluía que fora de tais e tais condições, a vida não existia. É assim que julgava que o ar era indispensável a todos os seres vivos. Depois, sondando ao que ele chama, pomposamente, os “infinitamente pequenos”, descobriu a existência dos micróbios anaeróbios que têm tão pouca necessidade de ar para viver, que, geralmente, o ar os mata. E, mal formulava uma conclusão científica, já um novo fato o vinha logo desmentir. Sem calor não há vida, dizia. Mas examinando um bloco de neve, de bela cor avermelhada, colhido nos Alpes, verificou que essa coloração é devida a uma alga, a alga das neves, ente vivo que encontrou naquela frigidez um ninho tépido.

A luz do Sol não penetra além de quatrocentos metros no elemento líquido, pensava ele. Ora, sem luz do Sol não há vida. Tal é uma das conclusões mais certas da ciência positiva. Logo, não existem seres vivos nas grandes profundidades dos mares. E, além disso, que organismos poderiam suportar a pressão dessa enorme massa d’água? E, já desconfiado do valor dos silogismos, resolveu mergulhar. E encontrou seres vivos até 7.000 metros de profundidade! Robinson tinha razão em parte. A quinhentos ou seiscentos metros as águas do mar não recebem o beijo fecundante da luz solar. E, no entanto, animais existiam, privados de vista, é certo, mas (fato que lhe feriu a curiosidade) animais luminosos. Alguns deles são imóveis e projetam em torno de si irradiações luminosas, como de um farol. Outros podiam, parodiando o filósofo grego, provar o movimento, *marchando*, mas não podiam provar a existência da luz, *olhando*, porque são destituídos de órgão visual, apesar de espancarem as trevas.

Robinson, na época em que narramos estes fatos, estava na sua fase positiva ou científica, tendo transposto o estádio teológico e metafísico.

E, não obstante, surpreendeu-se a si mesmo, a formular este problema: — “Para que e por que esta profusão de luz, esta exuberância de colorido estético numa terra de cegos?”

E levou alguns destes peixes par o seu laboratório.

Eram *Ísis gorgônidas*, do tamanho de um arbusto, que projetavam luz que fazia extinguir o clarão do aparelho por ele levado ao fundo do mar para orientá-lo em seus trabalhos de investigador, aparelho que, por assim dizer, cessou de alumiar, diante de tais polípeiros. Levados ao laboratório, à luz do dia, extinguia-se-lhes o foco luminoso; feita nela a obscuridade, a mesma luz de novo surgia e o deslumbrava.

Como se acaba de ver, pusemos na boca de Robinson as narrativas do marquês de Folin, um dos exploradores do fundo do mar.

Robinson verificou que na sua ilha a vida é universal, se manifesta em todos os meios acessíveis à sua investigação. E lançando mão da analogia, que muitíssimas vezes havia provado a fecundidade de seu método e a excelência de seus resultados, inquiriu: “Por que se não manifestará a vida com a mesma exuberância, ou ainda maior, nessa infinidade de ilhas semeadas com mão pródiga pelo oceano etéreo? Seria, por acaso, fugir ao método positivo, seria um delírio da imaginação, um desejo poético? Então esses mundos que rolam pela imensidade não são mais que cadáveres? Se todos os meios que os meus sentidos percebem, com o auxílio de aparelhos, palpitam de vida, por que lógica devo eu concluir que os meios siderais, menos acessíveis, devam ser destituídos dela? Oh, bem possível é que, nessas terras do espaço, alguns tipos mais elevados da evolução vital ponderem, assentando o telescópio para a Terra, como eu ponderava com relação aos seres do fundo do mar: — Germinará, porventura, a vida nesses planetas inferiores, nesses infernos planetários mergulhados numa atmosfera densa e pesada? Mas então como poderão seres vivos suportar tão colossal pressão?”

E não obstante as suas pretensões de estar em plena fase positiva ou científica, Robinson, imerso em meditação solitária, exclamou como Flammarion:

— Julgar o poema da criação pela poesia da terra, é julgar a *Iliada* por um verso.



## CAPÍTULO XV

### A Terra e a humanidade.

O espetáculo das lutas humanas entristece. Após tantos séculos de evolução, não pôde a humanidade formar um ninho confortável que habita. Na aurora do século XX morre-se de fome e frio. A miséria é o patrimônio de nove décimos da humanidade. As epidemias ceifam prematuramente vidas aos milhares, e a guerra, sua aliada na ordem social, paira ainda iminente sobre os povos ditos civilizados.

Não soubemos organizar um seguro contra a guerra. A arbitragem marcha lentamente, e a paz armada devora mais de um terço do orçamento, fazendo mirrar o fruto do labor dos párias que, mal escapos à fome, contribuem com os seus magros haveres e com o seu imposto de sangue para a manutenção da desordem, da violência e dos ódios internacionais.

O governo dos povos não pertence aos homens probos e dignos: é por exceção que Marco Aurélio galga o trono. A política é ainda um ofício em toda a parte e por todo o orbe o povo continua a ser a eterna vítima da mentira.

Raros são os homens que se identificam com os interesses públicos, e na voragem das paixões e no torvelinho dos interesses partidários naufragam as melhores esperanças. E quantas vezes a alquimia política transforma o ouro dos melhores caracteres em cobre vil.

Não sabemos lutar contra o crime que se alastra em mil diversos aspectos. Não conhecemos o *abc* da Etiologia, ciência da formação do caráter e que viria regenerar os maus, arrancá-los das cadeias e restituí-los honestos e laboriosos ao convívio social. A medicina, a arte de curar, a bem dizer não existe. É às vezes uma *blague*, outras vezes uma mentira, e quase sempre uma ingenuidade, entretida de um lado pela ignorância ou pelo interesse de quem a aplica, e do outro lado também pela ignorância ou pela boa-fé de quem a recebe. Toda a sabedoria médica se resume nesta sentença: — “Dar remédios aos doentes até que a natureza os cure”. Sim, a arte de curar até hoje só dispõe de um único recurso exato, de uma lei de indicação, manejada por uma fração insignificante, desprezada, perseguida, chasqueada. E isto foi sempre na história do labutar humano. Todas as verdades benéficas foram perseguidas; o escravo se revolta contra o seu libertador.

Que mundo é este onde se levantou o bípede humano como coroamento da evolução planetária? Que mundo é este em que o homem se mantém com aquilo que mata, e a vida animal com as vidas que devora, sem falar nas catástrofes físicas e sociais — erupções, terremotos, inundações, furacões, incêndios, explosões, naufrágios, revoluções?

Que mundo é este onde até os representantes mais eminentes da nossa espécie só indicam como lei de aperfeiçoamento e de progresso a luta pela vida, a concorrência

vital, e mal se apercebem deste outro fator — a cooperação, a união, a fraternidade, o sacrifício, o amor?

Não será um mundo inferior, um mundo de expiação ou de provas? Ou será, porventura, a obra-prima do pensamento divino, como pretende a ortodoxia religiosa, incapaz de se elevar à altura dos ensinamentos do Mestre?

E se a nossa pena é incapaz de traçar a realidade do mundo, ouçamos esta página de Xavier de Maistre:

“No vasto domínio da natureza viva, evidente campeia certa violência, uma como fúria de antemão estabelecida, e que arroja todos os seres, uns contra os outros, *in mutua funera*. Mal saímos do insensível reino mineral, e já topamos com o decreto de morte violenta lavrado nas próprias fronteiras da vida.

“Uma vez no reino vegetal, aí começa a lei a pesar sobre nós: quantas e quantas plantas não *morrem* e quantas não *são mortas*, desde a humilde gramínea até a imensa catalpa! Chegados, porém, ao reino animal, aí súbito a lei surge, e com pasmosa evidência. Simultaneamente oculta e palpável, há nele uma força que, sem tréguas, expõe violentamente o princípio da vida. Em todas as grandes divisões da espécie animal escolheu ela certo número de animais destinados a devorar os outros; é assim que nem somente aves de *rapina* existem, mas insetos, peixes, quadrúpedes e répteis. Não se passa um só momento sem que deixe um animal de ser devorado pelo outro.

“Em cima, no topo dessas numerosas raças de animais, vê-se o homem, cuja mão destruidora não poupa vivente de espécie alguma: — mata para alimentar-se, vestir-se, adornar-se; mata na ofensiva e mata na defensiva; mata para instruir-se, mata por passatempo — mata por matar. Rei soberbo e terrível, de tudo ele precisa e tudo vence. Ele sabe o número de barris de azeite que há em cada cabeça de esqualo ou de cachalote. Quem é que, com finíssimo alfinete, espeta nos quadros dos museus a elegante borboleta apanhada em voo nos cumes do Monte Branco ou do Chimborazo? Quem é que embalsama o beija-flor e empalha o crocodilo? Obediente à sua vontade, a cascavel morre no líquido asséptico que vai conservá-la intacta para que assim a vejam os olhos de mil observadores. De couro de tigre se ajaeza o cavalo que leva o dono à caça do mesmo tigre. Simultaneamente pede o homem ao carneiro as tripas, para que as harpas vibrem; à baleia as barbatanas, para reforçar os espartilhos; ao lobo as presas assassinas, para polir as obras de arte manuais; ao elefante as defesas, que reduz a brinquedos, e é de cadáveres que estão cobertas as suas mesas de jantar. O filósofo pode até descobrir a maneira por que está prevista e posta em ordem a carnificina permanente do Universo. Mas porventura será o homem o ponto final de semelhante lei? Não, decerto. Qual será, no entanto, o ser capaz de dar cabo de quem acabará por extinguir a todos os animais? Ele próprio, o homem. Como, porém, chegará ele a pôr em prática a lei, ele que é um ser moral e misericordioso, que nasceu para amar, que chora por outrem como por si próprio, que encontra volúpia nas lágrimas ao ponto de compor ficções que fazem chorar, ele, enfim, a quem foi dito que *se lhe reclamaria até a última gota de sangue que injustamente houvesse feito cair*? Esse decreto será executado pela

guerra. Pois já não ouvis os brados da *terra* pedindo sangue? A ela já lhe não basta o sangue dos animais nem o dos criminosos derramado pela espada da justiça... Não foi em vão que a *terra* bradou. Arrebenta a guerra. Dominado de súbito furor divino, e estranho ao ódio e à cólera, marcha o homem para os campos de batalha sem saber o que quer nem o que faz. Que significa, no entanto, este horroroso enigma? Não há nada mais contrário à sua natureza, e, no entanto, nada existe que menos repugne: — é com entusiasmo que ele executa aquilo que o horroriza... assassino *inocente*, passivo instrumento de terrível mão...

“Incessantemente, do oução ao homem, assim se realiza a grande lei da impetuosa destruição dos seres vivos. Continuamente ensopada de sangue, a terra em peso está convertida em imenso altar em que tudo que vive tem que ser arbitrária, sem pausa e indefinidamente imolado, até que as coisas se consumam, que o mal se extinga, e que morte morra”.

Somos todos prisioneiros de um mundo mau, de um planeta que começa apenas a sua evolução. E é somente por comparação com o passado remoto que podemos avaliar quanto a humanidade tem embelezado o cárcere que habita. Da contemplação desse lúgubre passado é que nos vem a esperança radiosa de o ver transformado em palácio, por trabalho incessante, da mesma maneira que, pela semente, prevemos a árvore.

Do homem primitivo, nu, sem abrigo, escravo de todas as forças naturais que o rodeiam, ao homem moderno, que sulca a Terra em todas as latitudes, que corta os mares e lhes sonda as profundidades, e que começa a fender os ares, que distância e que progresso! Do homem das cavernas à irmã de caridade, que escalada gloriosa para os vértices da evolução moral!

O problema da dor, do sofrimento, impõe-se à meditação do filósofo. Se as imperfeições da Terra que habitamos nos impressionam a todos, concebendo cada um, conforme seu próprio prisma, imagens mais nítidas de um ideal de justiça, de verdade, de beleza, de paz, claro é que a Terra não pode deixar de ser um planeta inferior na escala dos mundos; pois, se assim não fosse, a imperfeição divina seria evidente, — o que é absurdo.

Como conciliar a existência do mal com a bondade do Criador? Eis aí o grande enigma de todos os tempos. As ideias que estamos esboçando entreabrem a porta deste mistério.

Pois se nesta mesma Terra podemos divisar nos longes do futuro uma organização social mais harmônica; se os progressos da ciência e da cultura moral fazem adivinhar uma humanidade melhor para o futuro; se podemos considerar o mal como uma privação do bem, temos, então, um começo de solução para o problema. Porque, de fato, se o mal domina em nossa Terra, é que ela é um mundo inferior.

Dessa preponderância do mal deriva a conclusão de que a Terra não é o único planeta habitado. Se o fosse, seria perfeito.

Como a vida se manifesta desde a organização mais elementar até ao homem, semelhantemente sofrem os mundos transformação análoga.

A escala da evolução é infinita e o fermento de vida e de amor está em tudo que engendra a germinação da semente e a metamorfose da crisálida. Todas as coisas são uma semente; todas as coisas são uma crisálida: — o mal tem existência relativa e efêmera, e tudo marcha para a luz.

## CAPÍTULO XVI

### O céu, a teologia, a ciência e a filosofia.

A Terra não é o mundo, e mesmo que as analogias invocadas não tivessem consistência, contudo seriam ainda proveitosas já que guindam o pensamento, permitindo-lhe quebrar os moldes das realidades terrestres.

A contemplação do céu é sempre salutar. O céu! Onde ousaremos localizá-lo, depois que a imaginação se perdeu pelo infinito dos mundos criados?

Nas catedrais da Idade Média esgotava-se a fantasia dos pintores em decorar a morada dos eleitos, que andam por matizados de flores ao som de guitarras, e lançam olhares de desdém aos condenados às chamas do inferno.

Esta concepção do céu bastava à mentalidade ignorante das massas humanas do passado. Transportada para o mundo moderno, seria uma sementeira de descrença e de materialismo. O mais retrógrado dos teólogos recuaria a semelhante tentamen.

Um sentimento religioso que perdesse todas as ligações com os conhecimentos científicos; um estado d'alma que, para subsistir, tivesse que insular-se e fazer tábua rasa das verdades da ciência, seria um devaneio, um delírio, uma aspiração no vácuo, uma crença flutuante, sem base.

Não há verdades contra a Verdade, e é por isso que as aquisições científicas só podem ser benéficas às verdades religiosas.

Certo, registra a história com minudências as formas múltiplas do inveterado e mútuo conflito da ciência e da religião. Posto que a palma da vitória tenha indefectivelmente cabido à ciência, nem por isso o sentimento religioso chegou jamais a ser aniquilado; sobrevive inelutavelmente às derrotas dogmáticas; sai mesmo engrandecido das ruínas, e ganha alento e vigor à medida que a ciência, alargando o horizonte dos fenômenos conhecidos, se achega dos mistérios da vida e dos enigmas do homem.

Como dizíamos, a excursão trouxe proveito; ela desloca a topografia imaginária que se deu ao céu e ao inferno. Nas terras do espaço não há alto nem baixo.

Olhamos para cima e vemos a abóbada estrelada. Se nos transportássemos a qualquer planeta e olhássemos para cima, veríamos a Terra. Aquele que ficam opostos, do outro lado da crosta terrestre, os antípodas, esses não olham para baixo, e sim para cima, quando querem contemplar o azul dos céus.

E coisa benéfica, o pensamento assim alado aos páramos do infinito, habituando-se a pesar a relatividade de todas as grandezas, rompe o véu da letra do ensino escriturário e interpreta com mais amplitude os seus ensinamentos.

De fato, se este planeta é um mundo inferior por suas dimensões; se podemos conceber formas mais elevadas de vida, de consciência, de liberdade e de amor, num meio mais etéreo e menos sujeito a contingências meteorológicas, físicas, terrestres; se podemos ter certeza matemática de que uma simples modificação na força de gravidade desses mundos distantes opera alterações na forma, no aspecto dos seres vivos; se, por outro lado, consideramos que todas as formas de vida vegetal ou animal dependem da matéria organizada, a qual é presidida pelo carbono, que multiplicidade, que exuberância de vida não poderemos então conceber, desde que, em meios diversos, se operem agora as combinações químicas sob a influência de outros corpos que não o carbono!

Sir William Crooks, um dos mais genuínos sábios do nosso tempo, num profundo discurso pronunciado perante a *Sociedade de Investigações Psíquicas* de Londres, falou ao auditório fazendo ver o que há de subjetivo, de relativo à nossa estrutura física, o que há de variável nos fatos científicos, uma vez que se mudem certas condições do meio.

Uma simples mudança na ação da gravidade produziria alterações notáveis na forma dos seres vivos. Se a força de gravidade fosse diminuída, verificaríamos que, gastando a mesma soma de energia vital que a empregada atualmente, consumindo igual dispêndio de trabalho na transformação da matéria, se conseguiriam resultados maiores, mais proveitosos, mais fáceis. É assim que seríamos capazes de levantar maiores pesos, de dar grandes saltos, de mover-nos com mais agilidade e rapidez, de exercer prolongados, musculares esforços, com menor fadiga. Segue-se daí que se poderia obter a mesma quantidade de trabalho empregando menor quantidade de matéria. Pequeno seria o consumo de matéria necessária à conservação do calor animal ou à reparação dos tecidos lesados. Isto quer dizer que com alimentação reduzida poderíamos viver fartamente. A hidráulica sanguínea seria modificada em sua massa, e o tubo digestivo sofreria modificações paralelas. “Todas as partes do corpo poderiam ser construídas, sem inconvenientes, segundo um plano menos grosseiro; — o esqueleto seria mais leve, os músculos menores, o tronco mais esbelto. Estas modificações, certamente menos acentuadas do que me apraz pintá-las, são as que tendem no presente para o embelezamento da forma, e é certo, certíssimo, que nossos sentimentos estéticos continuariam a evolucionar, de acordo com os novos progressos, no caminho da graça, da elegância, da simetria e da elevação da estatura”.

Insistamos mais um pouco, fazendo sentir o que há de relativo e o que há de subjetivo nos fatos científicos. Se temos procurado atingir essas alturas, de onde o quadro das afirmações dogmáticas perde a sua grandeza aparente e o seu encanto fictício, foi certamente com o fim de infundir um sentimento religioso mais profundo, mais consentâneo com a beleza real do Universo.

Do mesmo modo, se temos agora mostrado novas perspectivas dos fenômenos, é com o fim de romper com as asserções dogmáticas da ciência. Para os filósofos, a ciência não tem dogmas; mas os sábios se esquecem frequentemente do relativismo do

saber, e, pouco lembrados de que as possibilidades da natureza são infinitas, recusam-se a travar conhecimento com certos fatos que os desnorteiam do rumo batido.

Esta atitude anticientífica manifesta-se particularmente com relação aos fenômenos psíquicos. Grande é cópia deles, e muitos nos demonstram a sobrevivência do ser humano ao arranjo atômico temporário, único que cai debaixo das vistas da ciência materialista. E toda a humanidade terrestre sofre os efeitos funestos dessa limitação voluntária do intelecto, imposta por aqueles que estão encarregados de projetar luzes sobre o nosso destino.

Mas as lições do passado continuam a nada valer perante os sábios modernos que, pirrônicos, insistem do mesmo modo em suas vãs negativas. Qualquer que lhes seja a profundidade do saber, ainda não desabrochou no espírito deles a flor da humildade, que perfuma a razão amadurecida e que não permite se afaste com desdém o exame de fatos que se lhes afiguram irreais, fictícios ou impossíveis. Devemos dizer que neste número está o grande naturalista de Iena, Haeckel, o fundador do monismo materialista. Já lhe fizemos referências aos seus méritos de naturalista, não de filósofo. Esta qualidade ele a alijou do espírito, quando, no afã de construir um sistema filosófico, rejeitou sem exame e acoimou de ilusórios os fenômenos que lhe não cabem na construção, e que até a refutam.

Pois se a própria concepção de espaço e de tempo está condicionada e subordinada à nossa estrutura física e corpórea! William James, o conhecido psicólogo de reputação mundial, compraz-se em rasgar semelhante perspectiva:

— “Temos razões para crer que de um a outro ser podem surgir diferenças enormes nas durações de tempo intuitivamente percebidas, e na sutileza dos acontecimentos que podem preencher esses espaços de tempo. Von Baer entregou-se a cálculos interessantes sobre as mudanças de aspecto da natureza produzidos por essas diferenças. Suponhamos que somos capazes de, num segundo, notar distintamente 10.000 acontecimentos em vez de simplesmente 10, como fazemos atualmente; se nossa existência contivesse o mesmo número de impressões que agora contém, poderia ser mil vezes mais curta.

“Viveríamos menos de um mês sem nada conhecermos das mudanças de estação, por experiência pessoal. Nascidos no inverno, por exemplo, creríamos no verão à maneira por que agora cremos nos calores da era carbonífera. Os movimentos dos seres organizados seriam tão lentos, que só os conheceríamos por meio do raciocínio, mas não vistos por nós. O Sol ficaria imóvel no céu, a Lua se moveria, e como esses, muitos outros fatos.

“Mas formemos a hipótese inversa, e imaginemos um ser que, num dado tempo, só tivesse a milésima parte das sensações que temos, e que, por conseguinte, vivesse mil vezes mais. Os invernos e os estios não passariam para ele de quartos de hora. Os cogumelos e as plantas que crescem mais depressa, nasceriam tão rapidamente que pareceriam criações instantâneas; os arbustos anuais cresceriam e morreriam como

certas fontes de água quente; os movimentos dos animais seriam tão invisíveis como o movimento de uma bala ou o de um tiro de canhão; o Sol passaria no céu como um meteoro, deixando um sulco de fogo atrás de si; etc.

“Excetuada a longevidade humana, seria temerário negar a possibilidade de tais coisas nesta ou naquela parte do reino animal”.

Baseados nos elementos fornecidos pelo estado atual da ciência, esses raciocínios entreabrem paulatinamente as portas do mistério do *Além*. Uma simples mudança de nossa estrutura corporal nos poderá transportar para o outro mundo. O *além* é um estado do ser vivo, coisa que não implica a necessidade de uma deslocação no espaço.

E diga-se, para terminar, que as sugestões dimanadas dessas ideias nada têm de revolucionárias; elas se harmonizam com a concepção do além que se desprende das Escrituras, onde se apoia a fé comum.

E se entra em conflito é com os ensinamentos de certos teólogos, posto se harmonize com o texto de Escritura, interpretado à luz do Cristianismo espiritual.

Com efeito, que esperam os cristãos? — *Novos céus e nova terra, onde a justiça habitará*, diz o Apocalipse. É também esse o ensino dos apóstolos. Ora, a nova terra virá; já se lhe vislumbram os lineamentos nas brumas do horizonte. Cada progresso humano é um passo para ela. Não é somente a humanidade que evolve; a Terra, que pisamos e que regamos com as nossas lágrimas, também conosco se transforma. A evolução pregada pelos filósofos e tantas vezes festejada pelo ateísmo fez-se aliada do ensino escriturário; ela prepara a descida da *Jerusalém celeste*.

Mas que lugar estará reservado àqueles a que chamamos *mortos*? Que estado os aguarda enquanto os que sonham com o reino da justiça e da verdade preparam o reino de Deus?

O segredo do enigma está na palíngenesia, que é a grande tradição humana.



## CAPÍTULO XVII

### O céu dos teólogos e o céu da Bíblia. — Os profetas judeus. — Jesus e a pluralidade das vidas. — A entrevista com Nicodemos.

Temos rasgado uma abertura por onde o olhar desanuviado poderá contemplar a imensidade dos mundos povoados de vida. É salutar consolo para os seres, batidos pela dor, o sentirem-se ligados numa cadeia de solidariedade e de amor a todas as humanidades do Universo. Por termos querido destacar a majestade que os espera é que insistimos sobre a pequenez do nosso torrão.

Os homens enganam-se, quando, em sua cegueira, cuidam ser estéril o trabalho, efêmera a vida e inútil o sofrimento neste vale de lágrimas. Enganam-se os teólogos, cremos, quando pintam como prêmio da virtude um céu imaginário, sem colorido, monótono, que nada fala ao coração nem à inteligência.

Que maior enfado pode haver do que a morada dos eleitos descrita pelos sermonários ou desenhada pelos pintores medievais? Mesmo que não fosse da mais crua e acabada inverossimilhança, seria de uma monotonia estafante essa contemplação direta de Deus, esse hino sem fim, entoado em sua augusta presença, e essa eterna homenagem.

Uma criança, a quem a mãe descrevia as alegrias do paraíso segundo o modelo tradicional, não pôde reter as lágrimas: — “Ah, como vou ficar cansada de cantar!”, exclamou com aquele acento de sinceridade infantil que, com tanta propriedade, simboliza o aborrecimento de estar sempre cantando.

O céu dos teólogos é um céu vazio de beleza, de razão, de justiça e de verdade e, por isso, sementeira de materialismo. À monotonia sem conta, que se oferece em recompensa, toda a gente vai preferindo os prazeres efêmeros da vida terrestre.

Não venham estes dizeres magoar a fé que se baseia nas Escrituras Sagradas. Não o devem fazer, até porque para a Bíblia o céu é a terra atual, transfigurada.

Por mui singular que pareça, já se aproximam os tempos em que os homens deverão de novo aprender a ler as Escrituras.

Compreendamos que os profetas hebreus não profetizaram somente a vinda e a morte do Messias, e que as cenas desenroladas há centenas de anos num canto do mundo também não lhes esgotaram a seiva de previsões. Não será, porventura, da própria limitação imposta pelos crentes às profecias — que decorre grande parte dos erros da exegese?

Os profetas não localizam o paraíso neste ou naquele planeta longínquo; não. O que anunciam deslumbrados é a descida da Jerusalém celeste. O que os encanta no panorama da evolução vindoura são as visões “da nova terra onde a justiça tem que habitar”.

Jamais voo algum de filósofo evolucionista; jamais sonho de político em cujo ideal as sociedades se organizam, se unem, se abraçam num amplexo de federação e de paz; jamais fantasias de sábios, a imaginar um estado por vir, em que a ciência se tenha apossado de muitas forças naturais, transformando, por isso, a terra e o homem; jamais voo, que descortine o futuro, sonho ou fantasia que o pressinta — se estenderam tão longe, e tão alto subiram, no progresso intelectual e no progresso moral, quanto as visões desses profetas hebreus anunciando a terra “em que não haverá luto, nem grito, nem dor”.

Por isso é que dizíamos que eles não foram somente profetas dos hebreus, mas sim da humanidade; não se limitaram a só anunciar o Cristo sofredor que a história registra, mas o Cristo glorificado, cujo advento espiritual se prepara com o progredir da humanidade; não profetizaram tão somente o rei dos judeus, coroados de espinhos, senão que anunciaram o Rei “da nova terra onde a justiça tem que habitar”.

É esse o céu, essa a dignidade da nossa terra, essas as virtudes que ela encerra, as esperanças que nos devem confortar. Que filósofo, conseqüente com a doutrina da evolução, rejeitará por ilusória semelhante perspectiva? Que sábio, conhecedor dos progressos da ciência, terá por impossível a aludida transfiguração? Que moralista poderá descrer do surto inevitável, posto que tardio, do coração e do sentimento?

Eis o céu da Escritura, em contradição palpável com os ensinamentos das Igrejas. E quanto não é ele mais humano, mais rico de belezas e de verdade!

Fácil é decerto prever a primeira objeção que se apresenta. De que modo poderia a *nova Terra* acomodar essa população inumerável, composta de gerações e gerações que se sucedem no decorrer dos séculos? Resolva a palingenesia o enigma, ela que é a mais antiga das tradições humanas, ela que se perpetua desde os primeiros albores da história escrita. Povo algum ou civilização alguma lhe ignorou o ensinamento, posto que só tenha sido ministrado aos representantes da mais alta cultura mental.

No que concerne às tradições cristãs que mais diretamente nos importam, diremos que a pluralidade das existências da alma se destaca das palavras dos profetas; que a confirmação de tal ensino brotou dos lábios de Jesus, que os cristãos da Igreja primitiva, Orígenes, entre outros, para citar somente um homem de gênio, pregaram essa salutar doutrina.

Textos do Novo Testamento se referem a esse rude profeta João, vestido como o antigo Elias, e de quem profetizara Malaquias: “Ele marchará diante do Senhor no espírito e virtude de Elias para reunir os corações dos pais aos filhos”. (*Lucas*, I, 17)

Quem é esse impertérito pregador do reino de Deus? A Igreja o ignora, mas a Bíblia no-lo diz, transmitindo as palavras de Jesus: “E se vós quereis saber, ele mesmo é o Elias que há de vir”. (*Mateus*, XI, 14)

Abra-se a Bíblia para maior clareza:

“E os discípulos lhe perguntaram: Por que, então, dizem que importa vir Elias primeiro? — Mas ele, respondendo, lhes disse: — Elias certamente há de vir e restabelecerá todas as coisas; digo-vos, porém, que ele veio e eles não o conheceram, antes fizeram dele tudo quanto quiseram”. (*Mateus*, XVII, 10-12) — E o evangelista acrescenta que só então os discípulos compreenderam que ele falava de João.

Jesus confirma a crença das vidas progressivas, da pluralidade das existências, afirmando aos discípulos que João Batista é o próprio Elias.

Igual ensino é ainda transmitido por Mateus no capítulo em que narra o seguinte episódio:

“Quem dizem os homens que é o filho do homem? pergunta aos discípulos. — Uns dizem que João Batista; mas outros, que Elias, e outros, que Jeremias ou algum dos profetas”. E ao invés de se contrapor às crenças correntes, o Mestre interpela:

— “E vós, quem dizeis que eu sou?” (*Mateus*, XVI, 13-16).

Ao contrário do que se pensa geralmente e do que ensinou e ensina o cristianismo material, tão natural se afigurava aos judeus a preexistência e a multiplicidade das vidas humanas, que, diante do cego-nato, os discípulos perguntaram ao Mestre na mais singela espontaneidade: “Mestre, que pecado cometeu este ou cometeram seus pais para nascer cego?” (*João*, XI, 2). E quem quer que conheça a resposta de Jesus, verificará que ele os não dissuadiu de suas velhas crenças.

Longe de o fazer, há um episódio de sua vida, narrado por João, que corta pela raiz todas as objeções possíveis. O episódio elucida-lhe o pensamento de modo positivo, nítido e claro, para quem tem “entendimento de entender”.

Vai procurá-lo um rico senador judeu, Nicodemos, e o interroga sobre a vida futura: “Em verdade, em verdade te digo que não pode ver o reino de Deus senão aquele que renascer de novo”. Replicou o senador: “Como pode um homem nascer sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer outra vez?” — “Em verdade, em verdade te digo que quem não renascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus”.

É claro esse ensino sobre o qual, no entanto, o obscurantismo teológico se lembrou de projetar a treva. A teologia pretende que a expressão *renascer da água* se refere ao batismo, ao batismo que tem a virtude de fazer renascer a alma para uma vida nova.

Se o Mestre lhe houvesse atribuído tão alta significação espiritual, ou se lhe tivesse infundido poder santificante ou virtude purificadora, não teria, sem dúvida, esperado a idade de trinta anos para juntar a palavra ao exemplo: o que prova que o exemplo foi tão somente o da submissão aos usos simbólicos do tempo.

Para que se manifeste o erro teológico basta repor as palavras em seu quadro histórico e dar-lhes o significado de então. A entrevista foi na época dos *elementos*, em que a palavra *água* significava para os hebreus o princípio material. Claro é que o Cristo não devia servir-se de uma linguagem estranha ao seu tempo. Restabelecidas as coisas à luz de semelhante critério, traduza-se: “Se o homem não renascer da matéria e do espírito, não entrará no reino de Deus”.

E tão verdade é que ele ensinou a reencarnação, que, já agora, o diálogo fica intensamente iluminado pela evidência: “O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do espírito, é espírito. O vento sopra onde quer, e tu lhe ouves a voz, mas não sabes donde ele vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do espírito. — Perguntou Nicodemos: Como se pode isto fazer? Respondeu Jesus: Tu és Mestre em Israel e ignoras estas coisas?” (*João*, III, 1-10).

É esse o erro eclesiástico exposto agora em plena luz. Se é do batismo que falava, se as palavras *renascer da água* se referiam à dita cerimônia, seria absurdo que a ignorância de Nicodemos tivesse causado surpresa a Jesus; e, suposto que de tal modo se houvesse passado o caso, o senador teria replicado com a mais perfeita lógica: — Decerto, Mestre, eu ignoro essas coisas; e o que comigo se dá, também sucede a todos os mestres em Israel... Não podemos saber aquilo que pela primeira vez nos revelais.

Não se ignora que Cristo adaptava o ensino à capacidade mental dos ouvintes, reservando a alta iniciação nos Mistérios do Reino para os mais capazes e para os mais dignos. S. João informa que nem tudo ensinou ele aos discípulos, porque não podiam comportar certas verdades, e que mais tarde lhes enviaria o Paráclito; e Santo Agostinho repete que, como bom mestre, ele ensinou certas coisas, guardando reserva em relação a outras. *Christus sicut magister alia docuit, alia non docuit.*

Mas a ignorância de Nicodemos era realmente lamentável. Se, com ser mestre em Israel, chegava mesmo a desconhecer a pluralidade das existências da alma, como poderia, então, ser iniciado nas coisas do céu, no segredo da pluralidade dos mundos? — “Se quando vos tenho falado nas coisas terrenas, ainda assim não credes, como me creereis vós se eu vos falar nas coisas do céu?” (*S. João*, III, 12).

Cuidamos ser esse o ensino do cristianismo espiritual, do cristianismo de Jesus, quanto ao problema da sobrevivência.

## CAPÍTULO XVIII

### **Palingenesia. — Pascal. — A precocidade, o gênio, a desigualdade humana. — A lei da justiça.**

Talvez andássemos melhor se não tivéssemos começado a defender a palingenesia em primeiro lugar, com a autoridade e com os ensinamentos de Jesus. Talvez fosse melhor ter deixado isso para depois, e ter começado com a exposição de ensino dos maiores filósofos de todos os tempos; prosseguido, mostrando que aquela tradição acompanha a humanidade desde as civilizações primitivas; que está nos *Vedas*, no *Bhagavad Gita*, nos livros *Zends*, no *Zohar*, etc. Como quer que seja, desse mister nos dispensamos, porque é longo.

Muitos conhecem de outiva essa velha doutrina, que lhes parece, à primeira vista, absurda e revoltante. Uns entendem que, se lhes fosse dado escolher, repeliriam com sagrado horror a obrigação de viver outra vez na terra da iniquidade e do crime; outros pensam que a exegese aqui apresentada não pode ser verdadeira, porque a igreja fixou a doutrina de uma única existência.

Seria, porventura, perfeita a justiça que decidisse do nosso destino condenando ao sofrimento perpétuo, ou premiando com a felicidade eterna, segundo a prova de breves anos, nas circunstâncias mais desiguais?

Mal encobrem os que assim pensam, no fundo do pensamento, um libelo contra Deus: o mesmo formulado pelo Cristianismo material por não ter compreendido as lições do Mestre, o mesmo vazado por Pascal em moldes tão grandiosos, quando nem sequer percebeu que, apesar de gênio, apoucava o seu Deus com os próprios termos com que o engrandecia. Ouçamo-lo:

— “Não é preciso que se tenha uma alma bastante superior para compreender que satisfação verdadeira ou sólida é coisa que não existe neste mundo; que são pura vaidade os prazeres, infinitos os males, e que, afinal, a morte, ela que a cada momento nos ameaça, em poucos anos, dentro talvez de alguns dias, nos passará a um estado de felicidade eterna, de desgraça ou de aniquilamento.

“Mais real, mais terrível do que isso, — nada: — e aí está o que espera a mais bela vida do mundo”.

E, um pouco adiante:

— “O que seja o mundo, o que sou, e como foi que para cá vim, são coisas que também ignoro. Tremenda é a ignorância em que vivo, de todas as coisas! Sei lá o que é o meu corpo, a minha alma, os meus sentidos? Em mim, essa própria parte que pensa o que a boca diz e que raciocina sobre si mesma e sobre todas as coisas, não se conhece a si própria, — tal qual o mais. Miro do Universo os pavorosos espaços que me envolvem, e fico preso num ponto dessa imensa vastidão, sem saber por que é que estou nele e não noutro, nem porque é que se me determinou que eu *aí* ficasse o pouco de

tempo que me é dado viver, aí e não em qualquer outro dos pontos da eternidade que me precedeu ou da que vai começar depois de mim. O que vejo por toda a parte são infinitos em que desapareço como um átomo, como a sombra que mal surgiu e já se desfaz para sempre. De que sei eu senão de uma e única coisa: — que dentro em pouco estarei morto?! Mas essa própria morte, que é absolutamente inevitável, também é a coisa que eu mais ignoro.

“Como não sei de onde vim, também não sei para onde vou, — e a única coisa de que tenho certeza é que, ao sair deste mundo, cairei para sempre no nada ou nas mãos de um Deus irritado, — sem saber a qual dessas duas alternativas irei ficar eternamente ligado”.

Seja qual for a beleza dessa apóstrofe, ela não exprime a verdade sobre o nosso viver de além-túmulo. Ninguém cai jamais sob os golpes de um Deus *irritado*. É a Lei, somente a Lei, que pune ou distribui a recompensa. Cada ato engendra as suas consequências. Cada qual colhe o que semeia. A cada um segundo os seus méritos. É a lei do “Carma”, a lei da justiça estrita.

Com mais razão aparente, dizendo sobre as coisas que vê, Pascal poderia imaginar um Deus irritado, se ele, Pascal, examinasse as condições terrestres da existência humana.

Compare-se um idiota com um homem de gênio. Entre um Pascal que, aos 12 anos, descobre a maior parte da geometria plana, e o selvagem cuja capacidade matemática não vai além da possibilidade de contar até 5, que indicariam tais desigualdades sob um prisma que não saiba transpor o domínio das coisas alcançadas pela vista?

Como explicaria o grande Pascal a tão evidente quão iníqua disparidade de condições e de destino que vai de um Marco Aurélio gerando a um Cômodo, monstro oriundo das entranhas de um santo; de um Nero, no trono do grande império, bafejado pela fortuna e pela glória, comparado com a grande figura de Hipátia, tipo de beleza, de virtude, do mais alto saber, e, contudo, esquartejada nas ruas de Alexandria por ordem do bispo Cirilo? Faria intervir a hipótese de um Deus irritado?

E como compreender, senão pela pluralidade das existências, as mentalidades precoces, as criaturas prodigiosas, das quais se pode dizer, com Platão, que mais se lembram do que aprendem, fatos que em vão tenta a ciência explicar.

Hermógenes, aos 15 anos, ensina retórica a Marco Aurélio.

Pedro de Lamoignon, na mesma idade, faz versos gregos e latinos muito notáveis e revela grande adiantamento no direito e nas letras.

Henrique Heineken, aos dois anos, sabe a história antiga.

João Filipe Baratier, na idade de 4 anos, sabe francês, alemão e latim; aos 6 anos, grego; aos 7, hebraico, e traduz, então, a grande Bíblia rabínica em quatro volumes *in folio* e adita, no ano seguinte, a essa tradução um grande volume de notas e de dissertações sobre o *Itinerário do Rabi Benjamin*.

Mozart, com 4 anos de idade, executa uma sonata ao piano, e com 12 compõe uma ópera.

Tereza de Milanolo, em mui tenra idade, enche de admiração as capitais europeias pela sua habilidade no violino. Dela dizia o famoso violinista Baillot: — “Dir-se-ia que tocou violino antes de nascer”.

Rembrandt ainda não sabia ler, e já desenhava como mestre.

Aos dezesseis anos, Pico de la Mirandola conhece toda a ciência de seu tempo.

Medita-se a descrição de uma paisagista célebre, feita por Siret, membro da Academia de Belas Artes da Bélgica:

“Aos sete anos, sem saber desenho, Frederico esboçava séries de pequenas paisagens perfeitamente distintas. Dos oito aos nove anos divertia-se em copiar a óleo paisagens gravadas a água-forte, cópias que fugiam do original, porque ele as impregnava de seu próprio sentir, traduzido por um tom de coloração particular. Todas as pequenas telas que pintava eram de tamanha e tão profunda melancolia, com se não encontra em nenhum artista antigo ou moderno. Todas as paisagens o exaltavam e entristeciam. Que é que ele via na reprodução da natureza? Qual o canto de tristeza e de dor que lhe inundava assim a alma, a ponto de a transbordar em lágrimas e elegias? A sua obra passa de mais de trezentas telas, sendo que, algumas vezes, ele as fazia diversas num só dia, e que sua família as possui em número de cento e cinquenta”.

Limitemo-nos, por enquanto, a estes únicos fatos lembrados por Henri Constant. Outros virão oportunamente, com os comentários que comportarem.

Para interpretá-los não podemos sair de uma destas duas hipóteses: ou as almas foram criadas iguais, ou o foram desiguais. Se iguais, por que essa diversidade? — Se desiguais, como conciliar a parcialidade divina com a concepção de justiça?

Admita-se a pluralidade das existências e tudo se tornará claro. Trazemos ao nascer a intuição daquilo que adquirimos nas aprendizagens e provações anteriores. O número de existências passadas explica o saber e a virtude. Ao mesmo tempo em que saldamos as faltas do passado, plantamos a semente do futuro; havemos de colher na proporção das sementeiras.

Se bastasse uma existência para decidir da situação de além-túmulo, quais seriam, respectivamente, as posições do homem selvagem e do homem civilizado, do degenerado delinquente e do indivíduo normal? Seriam nivelados no mesmo plano, ou

em planos diversos, em que tocasse a cada um o tanto de felicidade eterna que lhes competisse em consequência de suas distâncias essenciais da vida terrestre?

E os que não tiveram meios, recursos, tempo, para a educação de si mesmos, para esculpir a sua própria pessoa, limá-la no caráter, depurá-la nos defeitos, aumentá-la pela cultura, que posição guardariam em relação àqueles que puderam empregar esse esforço incessante de lapidação?

Qual a sorte das crianças que, mortas em tenra idade, não puderam praticar o bem nem o mal? Se é a dos bem-aventurados, que fizeram para merecê-la? Que justiça é essa que, cegamente, isenta das tribulações e das provas?

Rejeitada por um momento a concepção da pluralidade das existências, escapamos a chave que abre a explicação de todas as desigualdades sociais.

Sabido é que os nossos atos, o nosso bom ou mau procedimento, dependem de circunstâncias variadíssimas: a idade, o sexo, a constituição física, o temperamento, a saúde, a pátria, a raça, o século, a religião, a educação, a índole, a fortuna, as posições sociais. Estas e outras condições são o meio natural em que se forma a nossa inteligência, em que a nossa vontade se educa. Esta diversidade de condições de existência determina toda sorte de desigualdades entre os homens. Atribuir a Deus o princípio da desigualdade humana é negar-lhe a justiça, atributo inseparável da ideia divina; é contrapor-se ao ensino escriturário, afirmado por São Paulo: — “Deus não faz exceção de pessoa”. (*Colossenses*, III, 25)

E, no entanto, uns fazem o bem sem esforço, naturalmente, como a aranha faz a teia, e a abelha, o mel; outros são violentamente arrastados pelas paixões e instintos, organicamente fadados para o ódio e para o crime; estes, com pequeno cabedal científico, ascendem até à concepção da ordem, da evolução, da finalidade, da causa primária; aqueles, por mui vigoroso o entendimento e por mui vibrátil o sentimento estético, ao contemplarem a obra de arte, que é o Universo, nem por isso lobrigam o artista, que o modelou e que lhes foge da retina e da razão. — Por quê? — Porque crescem, vivem e morrem criaturas no seio do catolicismo que lhes garante a felicidade eterna, ao passo que nascem milhões de outras criaturas em credos diferentes, que lhes serão funestos (porque a Igreja, fora da qual não há salvação, tem o monopólio da vida eterna), ao passo que ainda outras há que, nada percebendo das belezas e tesouros da religião romana, ainda assim confiam na felicidade futura.

Por que a estes a miséria, as enfermidades físicas e a crueldade de um destino inexorável, quando àqueles tudo lhes sorri, saúde e fortuna, talento e glória, caridade e paz?

Deus não é o autor das desigualdades; não se imputem à Justiça as obras de iniquidade. Mas é que, com o dogma de uma única existência, à Causa Primária será atribuída a responsabilidade de todas as misérias, tribulações e crimes terrestres. É um



dilema: ou Deus pratica a injustiça, ou o dogma de uma só existência é uma quimera teológica.

Quanto não brilha o Universo em beleza e em verdade à concepção da pluralidade das vidas, isto é, das existências progressivamente sucessivas! Tudo se concilia e fica explicado: a justiça e a bondade divina, o bem e o mal, as desigualdades, a evolução humana e o progresso. Agora já a existência se apresenta como um elo na cadeia da vida, já o nascimento significa um degrau para a perfectibilidade, um passo na evolução do ser. Agora já é para colher os frutos bons ou maus, já é para semear de novo que se reveste a gente de uma pele. E do mesmo modo que se apaga e se perde a lembrança das diversas imagens que desfilam noite à noite durante o sono, assim no exílio terrestre o espírito ofuscado olvida a memória das existências passadas, memória que é de novo readquirida no além, onde interroga, sonda, compara, pesa e mede o valor e a qualidade dos atos, o progresso conquistado, as faltas cometidas, até que procura na reencarnação meios adequados para reparar erros, corrigir defeitos, saldar dívidas morais, purificar-se pela dor e alcançar novos elementos de ascensão e de progresso.

## CAPÍTULO XIX

### Revelação progressiva. — Moisés e os profetas. — O pecado original e a pluralidade das existências.

Não se conturbe ninguém se em tais interpretações descobrir manifesto antagonismo com os ensinamentos da Igreja, nem objete que a situação do homem póstumo está definitivamente fixada pelo ensino escriturário.

Não. A revelação é progressiva; mas, apesar disso, a Igreja procurou cristalizá-la decretando a existência de um só mundo habitado — a Terra, e de uma vida única, — localizando o destino do ser, depois da morte, no fogo eterno ou na eterna bem-aventurança, com um purgatório de permeio, o que é simplesmente um atentado contra a razão, e, mais e pior para ela, um atentado contra a Escritura.

Progressiva, a revelação se adapta às fases evolutivas de cada época.

Moisés falava a um povo na infância do pensamento, e o ameaçou de castigo. Jeová ama a seu povo, que trata com severidade, do mesmo modo que o pai ao filhinho tenro que, atraído pelo abismo, só se rende ao que é justo com uma palmadinha que lhe põe a obediência onde lhe falta razão.

Falam os profetas outra língua. Neles, o Eterno ameaça, mas com uma misericórdia que paira sobre todas as coisas.

Jesus não revoga a lei, senão que a completa, espiritualizando-a. Jeová já não castiga, nem o eterno se desfaz em ameaças; mas o Pai, cuja palavra é amor e caridade; o Pai, que não quer que nenhum dos seus filhos se perca, que festeja o filho pródigo e que tem outras ovelhas que não as do rebanho terrestre, e em cuja casa, o Universo, há muitas moradas espalhadas pelos jardins da Via Láctea, — o Pai, esse ama e perdoa.

O próprio Jesus não desvendou todas as verdades; muitas velou Ele, as mais altas, e que não podiam ser compreendidas pelas turbas. Só fora iniciado nos *Mistérios* um grupo seletivo de discípulos, não porque houvesse, com a escolha, sancionado um privilégio, senão porque uma longa evolução os ia erguendo da visão que só tem olhos para ver as coisas da terra até a em cuja retina se reflete o céu das coisas e as terras do céu. É por isso que Jesus lhes comunicava diretamente os *mistérios*, reservando o ensino parabólico para os que não podiam voar tão alto, ensino de que extrai a inteligência lições adequadas ao seu alcance e ao daqueles que, tendo-o maior, descobrem, por isso, verdades mais grandiosas, que a outros só parecem pura ganga envolvente. Por isso prometeu Jesus o “Paráclito” aos olhos anuviados, o “*espírito consolador*”, que seria enviado em idades remotas, desfazendo-se, assim, a mancha dos olhos.

Descendo à moradia dos homens, a revelação se degrada, porque tem de falar a linguagem deles. Involucionando para o mundo, a ciência divina se abaixa até à ciência mundana. Senão, de que modo poderia o profeta de Nazaré ter explicado o sentido do texto que diz que *há muitas moradas em casa de seu Pai*, quando a isso se opunha o

saber astronômico de então, para o qual a Terra era o mundo e os astros simples tochas acesas para regalo da vista? Mas a nós, para quem o Universo se dilatou, importa contrapor-nos aos que rejeitam o espírito da letra e que teimam em antepô-la ao espírito.

Por isso é que dizíamos que a revelação é progressiva e adequada aos tempos, à época, à raça, e até às diversas inteligências, coisa que implica a necessidade de vidas anteriores. Porque cada raça e cada século são representados pelos mais diversos exemplares de todas as formas e em todos os graus da evolução.

É assim que nos tempos judaicos, enquanto as massas humanas eram violentamente mantidas no culto do monoteísmo por um Deus terrível que as ameaçava de penas eternas, já das palavras dos profetas se podia inferir a irrealidade dessas penas, — refutação prévia do que ainda se prega em nossos dias, felizmente com palavras frouxas, quiçá vazadas em puro assentimento verbal, sem raízes na convicção.

Por que havemos nós de continuar na crença de ser a Igreja a única autoridade capaz de interpretar o ensino escriturário, se ela própria o cristaliza em formas anacrônicas, se lhe abafa os germes de vida e de progresso, se lhe sufoca as virtudes latentes, e tanto o reduz no que ele tem de adaptável às verdades científicas?

Roma não só não teve olhos para ver o que estava na Escrituras, como até os teve para ver o que lá não existe. Aferrada à letra da lei, Roma bateu-se pela revelação científica onde só havia revelação moral e religiosa; — daí os conflitos da teologia com a ciência, que fizeram transbordar de amarguras o passado da humanidade — e isso sem proveito algum para o céu que a teologia julgava defender, e a que desserviu.

A Igreja! E por que se meteu ela a fazer dogmas que não estão na Escritura, ela, que se diz a legítima intérprete de tais livros? Na fonte em que a sua fé se alimenta não se encontra o dogma de uma existência *única*, mas sim o da *pluralidade* das existências.

Reza o ensino romanista que as almas foram criadas no momento de se incorporarem à argila terrestre, e faz depender do minuto de duração de cada existência uma eternidade de glórias e castigos. Apenas criadas, se foram imediatamente encarnadas na matéria, como, então, participarem as almas da falta de Adão? Acaso já as havia o pecado original contaminado no próprio ato criador? Diz a arguta teologia que todos os homens estavam contidos no primeiro; mas contidos como? no corpo ou no espírito? — No corpo, impossível, porque o organismo se renova rapidamente no turbilhão perpétuo das mutações materiais, de modo que, em pouco tempo, já não contém nenhuma sequer das partículas dos seus primeiros dias. No espírito? Menos ainda, se vigorar o ensino da própria Igreja, que diz que as almas são sucessivamente criadas à medida que os homens vão nascendo.

Para cúmulo de inconseqüências e de contradições também não prega a Igreja que o batismo lava a mancha original? Essa lavagem é tão perfeita, que nos torna imaculados, — tão puros, que se a morte nos agadanhasse ao sairmos do banho mágico, voaríamos direito ao céu, tamanha é a virtude de semelhante sacramento! Mas se o

batismo nos torna assim *angélicos*, como é que essa mácula que já não existe se transmite imediatamente aos filhos? Transmitir o mal que já não temos, como? De que modo passar além uma dívida já saldada, inocular um vício de que já os libertamos? Da maneira por que está enunciado, não pode o dogma do pecado original ser verdadeiro; nem por isso o explica a alegação de abranger ele a muitos fatos.

Não há negar, esses fatos aí estão, repetem-se obstinadamente, implacáveis, categóricos, desafiando o engenho humano.

“Desigualdade humana”, por quê? Por que certas formas de desigualdade, dessas que são os grandes enigmas da biologia e que também não cabem nas explicações sociológicas?

De pais ignorantes nasce uma criança prodígio e, às vezes, do berço da mais austera virtude surge o criminoso. Nem a hereditariedade biológica justifica tal fato, nem o meio social tampouco.

O aleijado, o cretino, o louco, o degenerado, o criminoso nato; o gênio, o santo, os prodígios precoces da música, da pintura, da poesia; quantos, quantíssimos deles que se não furtam ao quadro estreito das explicações científicas!

Admita-se, pois, a realidade dos fatos contidos na expressão *pecado original*, com a condição, porém, de transfigurá-lo. Assim, não sejam a todos imputadas as mesmas faltas, mas diferentes, individualizadas. Trazemos, ao nascer, a semente do passado; de sorte que a árvore crescerá, dará frutos de acordo com existências remotas que as presumidas pelo saber contemporâneo, saber que do ser vivo só conhece as raízes mais ou menos atuais.

Nossos atos cotidianos engendram a nossa existência futura. Somos como os prisioneiros que forjam as próprias cadeias ou como os escultores que talham a própria estátua. Como a aranha tece a teia, assim tecemos nós o nosso destino. Cada ato contém a sua própria consequência. Cada um colhe o que semeia. A cada um segundo seus méritos. Tais são as sentenças que explicam a vida atual e as posições vindouras segundo as sementeiras. Tal a lei da justiça estrita, a mesma que governa o mundo. E nas mesmas fórmulas está expressa a lei do amor, que permite a todos a escalada indefinida da evolução e do progresso, na razão do esforço empregado. Mais e melhor ainda: — a lei da harmonia, em que a justiça e o amor se fundem e se confundem na mesma vibração unitária.

## CAPÍTULO XX

### Pluralidade das existências. — O inferno e os mundos inferiores.

Temos esboçado a pouco e pouco a defesa da palingenesia, deixando para capítulos ulteriores as provas de caráter *pré-científico*, na feliz expressão de Grasset. Não permite o estado atual dos conhecimentos humanos que o problema da reencarnação seja encarado sob o ponto de vista estritamente científico. Atualmente compete mais à filosofia do que à ciência deslindá-lo, porque a esta escasseiam os fatos e àquela sobejam argumentos lógicos e razões de ordem universal, cosmológicas.

Mal surge a prova filosófica, já as objeções de caráter religioso também se aprumam, crespas e intransigentes, intolerantes por irreconciliáveis.

A boa razão repele o dogma da existência uma e única, e o Novo Testamento confirma o ensino da multiplicidade das vidas; como, porém, a exegese, que assim o faz ressaltar, se afasta da rotina e das tradições ocidentais, e revela algo de inesperado, pretender-se-á que é falsa ou errônea. O protesto das antigas crenças, impetuoso, enrasta, subindo do coração aos lábios. Mas porque o coração foi ferido, nem por isso o foi razão. E se a razão deve dizer em última instância sobre os assertos da fé, se bem aconselhava S. Paulo, quando mandava “examinar tudo e aceitar o que é bom”, quem compulsar o Velho Testamento, sem ideias preconcebidas, senão o desejo exclusivo de se compenetrar de seu ensino, também nele encontrará a doutrina da pluralidade das existências da alma. E tão numerosos são os textos elucidatórios que, para a demonstração dessa doutrina, teríamos de nos alongar por mais quatro capítulos. Disso nos dispensará, sem dúvida, o leitor; se for livre-pensador, a prova não lhe calará, mas antes o enfadará; se crente, correrá, pressuroso, a apoiar o dogma noutro dogma que o reforce.

Se a doutrina das vidas sucessivas está nos livros santos, o dogma do inferno, que implica unicidade de vida, existência, singular e única, não pode estar neles. Folguemos com a dedução e mais ainda com o não ser ela desmentida pelo ensino escriturário. O que há de insólito e de surpreendente nesta afirmativa, está sim, a pedir uma exegese que a justifique em seu aparente paradoxo. A brevidade impede, porém, que o façamos num livro que não devemos alongar-nos muito.

Mas o inferno existe e há penas eternas, diz a fé.

E quantos e quantos não foram os homens que, grandes como Pascal, como ele se viram torturados pelo temor do inferno! Por isso é que escrevia A. Nicolas: “Estais bem certos de que não há inferno? Neste caso, tendes uma convicção que ninguém teve antes de vós, nem mesmo o maior dos escarnecedores das leis divinas; — convicção que faltou a João Jacques Rousseau, que, interrogado, respondeu: — “Ignoro completamente”; — convicção que também faltava a Diderot que, pondo em diálogo o monólogo de sua alma, disse: — “Se abusardes da razão, não só sereis infeliz nesta vida, como também depois da morte, no inferno”. — “E quem vos disse que há

inferno?” — “Em caso de dúvida, deveis proceder como se houvesse”. — “E se eu tiver certeza de que não há?”. — “Desafio a que a tenhais”. — “Tendes mais convicção que o próprio Voltaire que, em resposta a uma carta em que se lhe dizia: *Até que, enfim, creio ter chegado à certeza da não existência do inferno*, respondeu: — *Sois muito feliz! Quanto a mim, bem longe estou de tal certeza*”.

É por multiplicação que o erro se perpetua. Por perpetuar-se é que ele se entrelaça e se anastomosa com outros erros, todos eles tão intimamente associados, tão mutuamente dependentes entre si, que reciprocamente se reforçam e se vitalizam. Se apanharmos o erro que a todos antecedeu, como quem topa com a ponta de um novelo embaraçado, a coisa se aclarará e o fio sairá do princípio até ao fim.

Em Dogmática religiosa, argumento contra o dogma do diabo é argumento contra o inferno; abalado o primeiro, que o fundamenta, cai por si mesmo o segundo, que lhe serve de coroamento.

Ora, a concepção do diabo é contrária a todos os atributos que, por necessidade lógica, fazem parte do Ser Supremo: — limita-lhe a justiça, fazendo-o criador e pai de um ser eternamente maléfico; restringe-lhe a bondade, submetendo o gênero humano às provas de um poder irresistível para o mal. Faz mais do que restringir, porque a nega, e ainda, por cima, também lhe nega a previsão, permitindo-lhe o nascimento de seres predestinados ao mal. É uma concepção que destituiu de sabedoria o Ser Supremo, pondo ao lado da criação a imperfeição absoluta e infinita. Subtrai-lhe a onipotência, consentindo que o inferno se povoe de filhos destinados a sofrimento sem remissão. Dizei-me: — como conciliar o ensino da caridade, do perdão das ofensas, com o do tanque de fogo? Porventura se harmoniza com a mensagem daquele que mandou amar aos inimigos, fazer bem aos que nos odeiam, e que expirou com o perdão nos lábios?

Mas que valem argumentos tirados do *espírito* da Escritura para os que entendem que só a *letra* é que vale tudo, tudo é e tudo pesa, sem contextos elucidativos, sem o espírito que a vivifica e a contrapesa?

Apegados ao sentido literal, ei-los a escavar o “Ide, malditos, para o fogo eterno!”, e nem percebem a antítese entre o conjunto doutrinário e o ensino parcelado da letra, que mata. E nem suspeitam que a palavra *eterno* soa no sentido de longo prazo, longa duração.

Assim fala o Salmista de montanhas *eternas*, assim reza o Eclesiastes dos fundamentos da terra feitos para a *eternidade*: — Onde está a terra que os hebreus deviam possuir *eternamente*? (*Levítico*, XXV, 46). Onde as pedras do Jordão que Deus anunciava seriam para seu povo um monumento eterno? (*Josué*, IV, 7). Que é feito da aliança *eterna* firmada com a casa de Davi? (11, *Reis*, XXIII, 5). Onde estão os levitas escolhidos para servirem eternamente ao Senhor? (1, *Paralipom.* VI, 2). Onde a descendência de Salomão, que devia reinar eternamente em Israel? (1, *Paralipom.* XXII, 10).

Passaram, porque tudo passa; e oxalá que também passe o zelo dos que exorbitam do espírito das Escrituras, jungidos à interpretação material dos textos.

Alije-se do espírito a ideia do suplício eterno, mas cresça e tome raízes profundas a da sanção necessária, indefectível, da extrema responsabilidade dos nossos atos, da inevitável repercussão deles no destino futuro. Tudo que existe tem significação e alcance no organismo vivo do Universo. Todas as nossas ações têm consequências próprias. A lei da causalidade, tão palpável no mundo físico, continua, não se interrompe no mundo moral nem no mundo espiritual. Ela opera com rigor inexorável, com precisão matemática. O enigma dessa justiça oculta está decifrado na pluralidade das vidas.

Reencarnar-se, para expiar as faltas passadas, para repará-las segundo a justiça, para submeter-se a novas provações, outros tantos degraus do eterno progredir; viver de novo, para vitalizar todos os germes de aperfeiçoamento que estão em nossa mônada, e cuja expansão jamais se realizaria na rápida e tremenda catástrofe de uma só existência, — eis como opera a lei de causalidade distribuindo a cada qual o lugar que lhe compete segundo a orientação que deu à sua vida anterior.

Fosse profundamente radicada, não superficial, e a crença do inferno subverteria todas as razões de viver a vida mundana. Famílias, cidades e nações, tudo ruiria se, como um terremoto que abalasse as consciências, esse terrível dogma nelas se radicasse profundamente. Se assim fosse, que seriam ciência e artes, indústrias e cultura, senão pérfidas ilusões? — Que mais seriam senão furto disfarçado, furto do precioso tempo, e tão fugitivo que mal chegaria para empregar os meios de escapar ao abismo sem termos?

Ninguém se embale com o pensamento quimérico de ser esta crença necessária para afugentar ou coibir paixões maléficas, à maneira do espantalho que o agricultor emprega contra os pássaros que lhe dão nas sementeiras. Assassino ou ladrão, o homem teme a polícia e ri-se do diabo. Desistamos de transmitir aos outros convicções nossas que não sejam perfeitamente fundamentáveis. Portanto, como poderá o cristão que tiver assimilado toda a seiva da parábola do bom samaritano, toda a que vivifica a do bom pastor e a do filho pródigo; como poderá, dizemos, fixar no fundo d'alma a crença de que o maior dos profetas, aquele que justamente mandou que perdoássemos o próximo setenta vezes sete vezes, tenha sido, ao mesmo tempo, o único a promulgar a lei da vingança eterna?

E se nos choca a antítese, nem por isso nos penalize demais a sorte de um Nero ou o destino de um Lacenaire; se, de um lado, a psicologia dos criminosos da pior espécie tem incutido nos sábios a profunda convicção de que os germes do remorso e do senso moral estão quase que de todo aniquilados nesses delinquentes; e se, de outro, a ciência moderna não lobriga nessas almas tenebrosas a menor centelha, capaz sequer de reacender a consciência, não se apresse, por isso, a justiça religiosa em precipitá-los no inferno, — vítimas que já são da justiça humana, que lhes ceifou a vida ou que os martiriza nas galés.

O que faz supor que haja criaturas humanas refratárias ao progresso é exclusivamente a pobreza da imaginação. Admitida que seja a doutrina da pluralidade das vidas, já não há meio de fechar as portas à evolução. Graças à lei de causalidade, cada indivíduo vai naturalmente, levado por seu próprio peso, para o meio que lhe compete e onde o progresso se faz, quer comece pela expiação, quer pela reparação. E porque a Terra não é o alfa nem o ômega, outros mundos lhe poderão invejar o adiantamento.

“Posto que, atualmente, não passe a Terra de um inferior mundo de expiação, ainda assim pode ser admirada pelo mundo de que falamos, invejada como se fosse delicioso paraíso. Banhada e fecundada pelos raios do Sol, oferece cambiantes de luz e de paisagem que seriam encantadores aos olhos dos habitantes de qualquer satélite obscuro. Aqui, se a vida é difícil para muitos, contudo os mais deserdados têm de graça o ar e a água.

“Que diríamos, no entanto, de um mundo em que o homem se visse obrigado a preparar a água e o ar, da mesma maneira que preparamos o pão, o vinho ou o combustível? Se há na Terra pessoas indignas de confiança, há almas boas, dignas de serem amadas, e nas quais se pode ter confiança. Que pensar, porém, de um mundo em que se não conhecesse outro direito a não ser a força, outro sentimento a não ser o ódio? Que dizer de um mundo em que se coroasse Locusta e se desse a Tropman o prêmio Monthyon?

“Suponhamos um criminoso condenado nessas condições a recomeçar várias existências. Pois não estaria cruelmente punido? Comparando à nossa Europa civilizada, não seria esse um mundo como um inferno comparado a um paraíso? Se tive a ideia de lançar os olhos para esses abismos foi para mostrar que, tal como no-los pintam, é desnecessário o inferno eterno para domar os espíritos rebeldes”. (MARCHAL — *L'Esprit consolateur*, págs. 179-180).

Aprazem tais voos; e, se imaginar não é saber, lícito é imaginar quando a ciência emudece. Além disso, a ciência é impotente para demonstrar que sejam absolutamente quiméricas tais concepções, porque não só têm elas a seu favor todas as analogias conhecidas, como até lhes sobra o mérito de completarem a doutrina da evolução, que elas estendem, prolongam além e aquém do mundo terrestre.

Outro mérito as recomenda aos olhos do filósofo, com o mesmo caráter que o éter aos olhos do físico: — o de serem uma hipótese necessária. Assim como negar a existência do éter seria tolher ao físico a explicação de todos os fenômenos físico-químicos, do mesmo modo contrapor-se à ideia da pluralidade de vidas e da pluralidade dos mundos seria cortar ao filósofo todas as explicações plausíveis do bem e do mal, da desigualdade de condições e do destino humano. Mais ainda: — essa concepção está na Escritura, e em mais de um título, para quem sabe romper o véu da letra. É assim que se nos depara, aqui e ali, no Novo Testamento, a ameaça de *geena*. *Geena* significa *imundície*, e deve ser, talvez, identificada com o mundo inferior, donde, segundo Davi,



Deus o havia tirado. Longa foi, pois, a evolução que o havia elevado à dignidade de profeta.

— “Ergamos, finalmente, nossos olhos às regiões superiores (dizia Emílio Barrault). Pertencem os habitantes da nossa Terra a um grupo a que chamaremos *humanidade solar*, — grupo que, em si, é simplesmente uma fração da humanidade sideral. Quaisquer que sejam as diversas organizações sociais desses povos, eles só formam essencialmente um único povo, o gênero humano, abrangendo todos os degraus da inteligência, da atividade, do amor, desde o ponto em que confinam com os animais até às raias em que se revestem de natureza angélica. É absolutamente certa a existência de mundos inferiores. Ter-se-ão formado grandes virtudes entre nós? Faculdades que, por tão extraordinárias, tenham sido dignas de subir em triunfo até aos astros privilegiados? Teremos tido almas tão criminosas que hajam descido a uma região de mais terríveis provas? Estará nisso uma transformação do céu e do inferno dos cristãos?

“Acaso poderemos também supor que tenha a Terra sido visitada por almas vindas de melhores mundos, para estabelecerem aqui um apostolado de luz ou de caridade, que lhes fosse pago com a ingratidão? Tão novo assim, esse assunto se presta a mil conjecturas, propele a mil adivinhações. Quanto a nós, só nos limitamos a afirmar, em nome de Deus vivo, que o destino das nações do Universo não é de se manterem elas estranhas entre si, — e que há de vir talvez esse dia em que terão as suas livres e mútuas relações. Parece-nos, contudo, que, por enquanto, os povos do grupo solar ainda se acham em tão particulares condições de afinidade, que limitam nossas excursões à órbita do sistema. Assim como os habitantes dos planetas olham para cá, olhemos para os planetas, para esses irmãos da nossa Terra. Porventura não serão essas diversas mansões de todas as almas, não serão elas que formam a humanidade neste cantinho do espaço?”

Dentro desses limites é lícito sonhar. Será, porém, crível que a imaginação possa resolver o problema do destino, enchendo o Universo de harmonia, de proporção e de beleza, sem que os seus sonhos tenham, no entanto, consistência ou realidade? Se assim é, não ficará provado que, sonhando, a criatura cria mais e melhor do que o Supremo Criador? Mas então, como poderá o homem, ele que vive na esfera do relativo, conceber belezas e harmonias que lhe satisfaçam à estética do sentimento? — como poderá conceber a evolução infinita e, por conseguinte, a unidade do Universo, evolução e unidade que lhe satisfazem aos surtos da inteligência, sem que, no entanto, os tenha realizado o Absoluto, que é a condição de tudo?

Deste modo sonhemos, se é sonho; que este sonhar é o vestíbulo da realidade e da certeza, — o viático do coração.

## CAPÍTULO XXI

**Reencarnação. — Os fatos. — Pitágoras. — Juliano, o apóstata. — Jerônimo Cardan. — Lamartine. — José Méry. — Comentários.**

Nesta obra temos procurado demonstrar cientificamente a existência da alma.

Falaram os fatos, e do depoimento deles resultou a prova de que a alma sobrevive ao corpo, donde se infere a vida no além. Porque a alma existe, existe, por isso, o além; mas aqui não se cuidou nem se poderia ter cuidado de como vive o homem suprafísico.

Vida física, corpórea, terrestre; vida astral, supraterrrestre: — eis, da vida do ser, a dupla manifestação que implica o problema do destino, cuja solução encaramos apenas por um dos seus aspectos.

Resolverá a reencarnação um dos enigmas do destino humano? Eis a questão. Já há fatos científicos, modernos, que tocam no assunto; mas, como se verá, são escassos, posto que sugestivos.

Se a contribuição do pensamento filosófico não tem mais peso, pelo menos é mais avultada, e entra no pleito depondo contra tais e tais ensinamentos religiosos do Ocidente. Por nossa parte, temos reduzido o mais possível esse inevitável conflito. Nem sequer nos referimos a textos do Velho Testamento, textos que, interpretados segundo seu *espírito*, desfazem noções profundamente radicadas nas mentalidades do Ocidente e oriundas da interpretação *literal* das fontes. À luz desse critério sentiríamos o acordo de semelhante exegese com o ensinamento das demais bíblias, do *Zend*, do *Avesta*, do *Zohar*, etc.

Foi de propósito que deixamos de parte esse gênero de provas, porque se, em verdade, tal unidade assim demonstrada, muito pesa nos espíritos habituados à orientação filosófica, nada vale para outros espíritos, que simplesmente o consideram como erro. Aí está por que se vai seguir novo roteiro. Há quem não compreenda e, por isso, não admita a necessidade das vidas sucessivas.

O que há de específico na pessoa humana, raciocinam eles, é a consciência da identidade. Ora, de que serve a pluralidade das vidas se perdemos a noção das existências passadas? Se a cadeia vital está sujeita à descontinuidade da memória, se a borboleta não se lembra de que foi larva, se esquecemos os progressos e as quedas, os nossos delitos e as nossas virtudes, que proveito nos advirá disso, e em que nos poderá o método pedagógico das vidas sucessivas favorecer a evolução?

Há muito que responder e elucidar. Caminhemos passo a passo medindo o terreno e limpando-o. Sem dúvida o esquecimento é a regra, cujos benefícios não serão agora patenteados, senão apenas as exceções, os casos em que se não apagou a lembrança das vidas anteriores.

Não se trata desses estados vagos, mal definidos, comuns a tanta gente, em quem não raro determinam atos, tais como: — simpatias recíprocas, às vezes instantâneas, e que não são justificadas pelos antecedentes; — antipatias invencíveis, gratuitas e injustificadas na própria opinião dos que as sentem. Também não se trata dessas intuições súbitas e efêmeras, irrazoáveis, ilógicas, de certos indivíduos, e que são neles fatais. Não. O pleito pede provas de maior valor.

Tomemos Pitágoras, para começar:

— É sabido que o grande filósofo se recordava de três de suas existências, e que declarou que fora Hermótimo, Eufórbio e um dos argonautas: — Juliano que, apesar de ser *apóstata*, nem por isso decresce entre as maiores figuras da História, também se recordava de ter sido Alexandre de Macedônia; — Apolônio de Tiana e Jerônimo Cardan gozavam do mesmo privilégio.

Para não ficarmos, porém, nessa exclusiva penumbra de afirmações pessoais e vagas, ouçamos Lamartine, que é mais terminante, em sua *Viagem ao Oriente*: — “Eu não possuía na Judeia<sup>1</sup> nem Bíblia nem roteiro à mão; ninguém para me dizer o nome dos lugares e o nome antigo dos vales e das montanhas. Entretanto, *reconheci imediatamente* o vale de Terebintio e o campo de batalha de Saulo. Quando fomos ao convento, os padres me confirmaram *a exatidão das minhas previsões*; os meus companheiros não o podiam crer. Assim também em Séfora, eu havia apontado com o dedo e designado pelo nome uma colina dominada por um castelo em ruínas, como sendo o lugar provável do nascimento da Virgem. No dia seguinte, ao pé de uma árida montanha, *reconheci* o túmulo dos Macabeus, e o afirmava sem saber. Exceção feita dos vales do Líbano, etc., quase que não encontrei na Judeia *um lugar ou uma coisa que não fossem para mim como que uma recordação*. Teremos, pois, vivido duas vezes, ou mil vezes? Não é nossa memória mais do que uma imagem desbotada que o sopro de Deus faz reviver?”

Tal é a experiência pessoal do poeta, experiência que, por Gabriel Delanne, foi comentada como se segue:

— “Essas reminiscências<sup>2</sup> não podem ser devidas a evocações de lembranças provenientes de leituras, porque a Bíblia não faz a descrição exata das paisagens em que se desdobram as cenas históricas; relata simplesmente os sucessos. Podem-se atribuir essas intuições tão exatas e precisas à clarividência durante o sono? Não está absolutamente demonstrado que Lamartine fosse sonâmbulo; mas, admitida mesmo essa hipótese, que teria ele feito para conhecer os nomes exatos de cada um desses lugares? Se foram espíritos que lhos indicaram, por que se recorda somente dessas paisagens e nada absolutamente se recorda dos seus instrutores invisíveis? É preciso nunca fazer

---

<sup>1</sup> Extraído da *Memória apresentada ao Congresso Espiritualista de Londres*, de 1898, anexa ao *Espiritismo ante a Ciência*, de G. Delanne, tradução da *Federação Espírita Brasileira*.

<sup>2</sup> Id., *ibid.*

intervirem os espíritos desde que não está demonstrada a sua presença, e me parece que é este o caso”.

Outro fato narrado por Delanne, estudado e comentado por ele mesmo, é o seguinte:

— “Em um artigo biográfico<sup>3</sup> sobre Méry, publicado quando ainda vivo, no *Journal Littéraire*, de 25 de setembro de 1864, o autor afirma, sem que tenha sido contestado, que esse escritor acreditava firmemente ter já vivido muitas vezes; que ele se recordava das menores circunstâncias de suas precedentes existências, e que as pormenorizava com uma força de certeza que impunha a convicção. Assim, diz o biógrafo, ele afirma ter feito a guerra das Gálias e haver combatido na Germânia com Germanicus. Reconheceu, dessa vez, sítios em que noutro tempo pelejara. Ele então se chamava Minius. Segue-se um episódio que parece estabelecer com segurança que essas recordações não são simplesmente miragens da imaginação do célebre romancista.

“Um dia, em sua vida atual, achava-se ele em Roma, e visitava a biblioteca do Vaticano. Foi aí recebido por jovens noviços, de longos hábitos pardos, que se puseram a lhe falar no mais puro latim. Méry era bom latinista em tudo que se refere à teoria e às coisas escritas, mas não havia ainda experimentado conversar familiarmente na língua de Juvenal. Ouvindo esses romanos de hoje, admirando esse magnífico idioma, tão bem harmonizado com os monumentos, com os costumes da época em que era falado, pareceu-lhe que um véu lhe caía dos olhos; pareceu-lhe que ele próprio já havia conversado, noutro tempo, com amigos que se serviam dessa linguagem divina. Frases completas e irrepreensíveis caíam-lhe dos lábios; achou imediatamente a elegância e a correção; falou, finalmente, latim como se falava francês. Tudo isto não se podia fazer sem aprendizado, e se ele não tivesse sido um súdito de Augusto, se não houvesse atravessado esse século de todos os esplendores, não se teria improvisado uma ciência impossível de adquirir em algumas horas”.

Eis o fato.

Mas o fato não vale por si, senão pelo comentário que lhe vai ao âmago, lhe mostra o alcance e o faz falar. Falem, portanto os comentários:

— “Tem razão o autor. É preciso distinguir<sup>4</sup> cuidadosamente esse fato das hiperestésias da memória, muitas vezes observadas no sonambulismo e na moléstia. Nesses estados especiais, o sensitivo repete, às vezes, tiradas completas, ouvidas outrora no teatro ou lidas noutro tempo e profundamente esquecidas no estado normal. Mas uma conversação sustentada numa língua morta, sem hesitações, sem rebuscamentos, no pleno gozo de suas faculdades, supõe evidentemente, para enunciação e tradução das ideias, o funcionamento de um mecanismo inativo por muito tempo, mas que desperta no momento propício, sob a estimulação de seus esforços. Não se improvisa uma linguagem, mesmo quando se lhe conheçam as palavras e as regras gramaticais. Resta a

---

<sup>3</sup> Id., *ibid.*

<sup>4</sup> Id., *ibid.*

parte mais difícil: a tradução oral das ideias. Esta depende dos músculos da laringe e das localizações cerebrais, e não se pode adquirir senão pelo hábito. Se a essa ressurreição mnemônica se acrescentam as recordações precisas de lugares outrora habitados e agora reconhecidos, há fortes presunções para admitir as vidas múltiplas como a mais lógica explicação desses fenômenos. Além disso, eles são menos raros do que se tem querido fazer supor”.

Léon Denis completa, transcrevendo do *Journal Littéraire*, as informações sobre as vidas múltiplas de José Méry:

— “Outra de suas vidas terrestres passou-se na Índia. É por isso que ele a conhece tão bem, e é por isso que, quando publica a *Guerra do Nizan*, nenhum sequer de seus leitores duvidou que ele tivesse habitado por muito tempo na Ásia. Tão vivas lhe são as descrições, tão originais os quadros, que temos a ilusão de tocar com o dedo os mais insignificantes pormenores, e que nos parece impossível que ele não tenha vista o que conta: — o cunho da verdade lá está. — Pretende ele que penetrou na Índia com a expedição muçulmana de 1035.

“Lá viveu cinquenta anos, lá passou belos dias e lá ficou de uma vez.

“Também fora poeta lá, — menos letrado, porém, do que em Roma e do que em Paris.

“Primeiro, guerreiro, e depois sonhador, conservou em sua alma as imagens nítidas do rio sagrado e dos sítios indianos. Tinha diversos prédios na cidade e no campo, orou no templo dos Elefantes, conheceu a civilização adiantada de Java, e viu as ruínas esplêndidas por ele descritas e que ainda não são bastante conhecidas. Vale a pena ouvi-lo contar esses poemas, pois o são verdadeiros, essas recordações a Swedenborg. A sua linguagem é séria, não dá lugar a suspeitas.

“Não é mistificação impingida a ouvintes; mas, sim, uma realidade que chega a convencê-los”.

A natureza inteira revela um plano cuja ideia de evolução se desprende de todos os seres vivos. No plano visível, o homem é o coroamento dessa ideia.

Mas não basta uma existência única para fazer desabrocharem todos os germes que estão em nós. Quantos e quantos que, cheios de seiva e vigor, não acabam os seus dias sem nenhum dos frutos esperados! Quantos e quantos que não morrem mal se lhes abotoa o ideal que não puderam realizar! Ai, quantas aptidões latentes que não foram e não são ceifadas pela morte antes que as condições do meio as possam fazer germinar? Quem poderá enumerar os talentos *especiais*, votados a grandes coisas e submergidos em profissões puramente materiais?

Caracteres heroicos, energias, virtudes ignoradas, exercidas em profissões que, por muito humildes, ninguém as poderá ver, e em situações tão modestas que nem

sequer projetam sobre a sociedade a vivificadora influência de seus exemplos, — quem as poderia também enumerar?

Não! O pensamento, o *verbo* da natureza, não se realiza numa só existência, porque não basta *uma* vida para que vinguem os germes de progresso contidos em todos os seres. Particularizando, é preciso repor o homem em todas as condições de meio, de modo que os frutos amadurecidos, as qualidades adquiridas, se lhe cristalizem bem dentro d'alma, para que ela ressurja de novo em nova vida e novo posto, — lá onde outros germes exigem mais desenvolvimento e mais cultura.

Fulano viveu pobre como Jó; mas, se tivesse sido um Crespo, teria sabido empregar sua riqueza? Beltrano passou pela vida humilde como um anônimo; mas, se não o fosse, teria sabido resistir às tentações da queda? Que teria sido ele, — um vilão ou homem de bem? Aquele que passou como asceta daria, porventura, um bom pai de família? Como decifrar o mistério da grande turba humana que vegeta na miséria e na ignorância? Será fatal que as raças chamadas inferiores estejam fadadas à meia-luz em que jazem imersas? — que, do gênero humano, cortada a terça parte pela mortalidade infantil, seja essa parte, pelas leis do destino, assim reduzida à situação de frutos gorados?

Mas então, como é que ainda se atrevem a negar que haja um plano na Natureza?

Ah, se assim não fosse, a evolução para os filósofos não passaria de uma palavra morta.

## CAPÍTULO XXII

**Reencarnação. — O esquecimento nos sonhos, no sonambulismo. — Memória sonambúlica. — Analogias. — Fatos. — O epitáfio de Benjamin Franklin.**

Não há dúvida que importa à doutrina da pluralidade das vidas resolver certas objeções. O que mais se alega contra semelhante doutrina é o que se refere à identidade da pessoa humana. Ora, essa identidade não se perde, passa apenas por um eclipse transitório, que, apesar de eclipse, é propício ao nosso progresso.

A consciência da identidade subsiste integralmente na vida espiritual dos tipos mais perfeitos da evolução, e até já se apresenta mais ou menos clara no viver terrestre de alguns representantes eminentes da nossa espécie. Aí está uma exceção que obriga a pensar.

Por que é que a lembrança das vidas passadas não é comum a todos, mas, rara e, por isso, suspeita, só brota neste ou naquele indivíduo, se não porque à grande maioria dos homens faltam as condições necessárias à evocação dos fatos da memória?

Dá-se aqui o mesmo que se dá com os fatos da nossa vida de todos os dias. Tomemos, por exemplo, as imagens do sonho, imagens que, em geral, ou se perdem num completo esquecimento, ou então, mas raramente, só deixam traços mais ou menos apagados. Pois bem; mesmo assim, elas não desapareceram de todo nos abismos do nada; ao contrário, permanecem latentemente vívidas no âmago do nosso ser. Venha o primeiro hipnotizador e recue-nos até ao sonho de que se trata, — e esse sonho ressurgirá inteirinho na plena luz da nossa consciência.

Tal se dá no sonho, tal no estado de vigília. Perdemos a lembrança de acontecimentos, de fatos, de pessoas e de coisas e, às vezes, conforme as condições, a perda chega a ser até de fases inteiras da vida. Mas, levados de novo a esses momentos dinâmicos do *passado*, verificaremos que aquilo que nos parecia *morto* bem vivo está, e que apenas *dorme* para a consciência atual. Ora, essa consciência atual, de um *momento do presente*, que mais será senão minúscula parte do nosso EU, parte que contém o passado, morto para nós em relação a esse momento? As narrativas dos afogados dão prova disso, assim como as dos que estiveram em perigo de vida por qualquer asfixia, e a cujos olhos, mais que rápida, se lhes desfila a sucessão de todo o panorama da vida, desde a mais tenra infância.

Sabe-se que os fatos que se dão em estado de sonambulismo são, em vigília, ignorados pelo paciente. O *eu* normal os desconhece. Imerso de novo na hipnose, recupera o paciente integralmente a memória desses fatos, bem como dos que se prendem às hipnoses anteriores e, mais, também se lembra dos que se passaram durante a vigília. Mas há mais, ainda: — o hipnotismo pode trazer à barra da consciência o mais remoto passado, fatos, coisas da mais longínqua infância. A memória sonambúlica é, portanto, mais rica do que a memória normal; a identidade do *eu* mais integral na fase hipnótica. Portanto, como justificar a grita de certos pensadores contra as possibilidades

de, evolucionada, poder a pessoa humana ter maior consciência do passado na sua vida de além-túmulo, na sua vida suprafísica, consciência maior do que na penumbra em que está envolvida pela encarnação?

As vibrações que, na vida atual, afetam o corpo astral ou perispírito diferem das que o afetam na vida anterior; de modo que, só devido à mudança de condições é que deixa alguém de se lembrar das vidas precedentes. É por isso que tais fatos são excepcionais, o que não quer dizer que não estejam a pedir aos sábios que os estudem como merecem.

Em sua *História das ciências ocultas*, tomo II, pág. 292, diz o conde de Resie, citado por Gabriel Delanne:

— “Podemos citar o nosso próprio testemunho<sup>5</sup>, assim como as numerosas surpresas que, muitas vezes, o aspecto de alguns lugares, em diferentes partes do mundo, nos fez experimentar, *lugares cuja vista nos despertava logo uma antiga recordação* e que, entretanto, víamos pela primeira vez”.

Ernesto Volpi, diretor do *Vessillo Espiritista* de Milão, no discurso pronunciado no *Congresso das ciências psíquicas* de Chicago, dizia: — “Devido a fatos magnéticos e espíritas, ligados a outras circunstâncias da minha vida é que cheguei à inabalável convicção de que conheci minha esposa atual em outras existências terrestres e de que, por afeição, com ela me havia casado em todas essas existências”.

Veja-se, agora, o quanto era robusta a convicção de Benjamin Franklin, um dos sábios que mais mereceram da humanidade. O epitáfio que se vai ler foi composto por ele mesmo:

*The Body  
of  
Benjamin Franklin  
Printer,  
Like the cover of an old book,  
Its contents torn out,  
And stripped of its lettering and gilding  
Lies here, food for worms.  
But the work shall not be lost,  
For it shall, as he believed, appear once more  
In a new and more elegant edition  
Corrected and improved  
by*

---

<sup>5</sup> Id., *ibid.*



*The author.*

Isto é:

— “Como a capa de um livro velho a que se tivessem arrancado as folhas, e cujo título e cujos dourados houvesse o tempo apagado, aqui jaz, servindo de pasto aos vermes, o corpo do impressor Benjamin Franklin. Nem por isso essa obra se perderá, porque, como pensa o autor, ela será novamente impressa em edição mais elegante, e por ele revista e corrigida”.

Caracteres refratários receberão como ficções do espírito os fatos que temos referido, ficções que tomaram vulto e se foram impondo até produzirem a ilusão de um fato objetivo, de um acontecimento real. Não discutamos a fragilidade dessa interpretação; anulemos-lhe desde já a lógica aparente; que, para tanto basta apresentar o testemunho do que se passa com as crianças, com elas que não podem ser vítimas de ilusões relativas às vidas precedentes, e isso porque a idade lhes não permite que pensem no problema do destino.

O fato seguinte é contado pelo ilustre Isaac G. Forster, na revista *Banner of Light*, de Boston:

— “Há doze anos morava eu no condado de Effingham (Illinois), onde perdi uma filha, *Maria*, no momento em que entrava em puberdade. No ano seguinte fui residir em Dakota. Lá nasceu-me outra filhinha em quem pusemos o nome de Nellie. Logo começou a falar, dizia que seu nome não era Nellie e sim *Maria*; que era esse o seu verdadeiro nome, aquele com que *outrora* a denominávamos.

“Ultimamente voltei ao condado de Effingham, para pôr em ordem alguns negócios, e levei Nellie em minha companhia.

“Ela reconheceu a nossa antiga residência e também muitas outras pessoas por ela nunca vistas, mas que foram antes perfeitamente conhecidas por *Maria*, minha primeira filha. A escola em que *Maria* estivera ficava à distância de uma milha. Nellie, que jamais a tinha visto, descreveu-a com exatidão, e mostrou-se desejosa de vê-la de novo. Levei-a e, mal chegamos, dirigiu-se ela diretamente para a carteira que a irmã ocupava, dizendo: — É este o meu lugar”.

A 5 de abril de 1900 publicava *Le progrès spirite* a seguinte entrevista havida entre o seu redator e Mme. N. D. F. Mary, então residente em Paris, rua Vauvillers, 5:

— “Eu tinha uma filhinha mui galante, que morreu pouco antes de completar cinco anos e meio. Em seus últimos momentos, vendo-me o querido anjinho debulhada em lágrimas e em profundo desespero, disse-me as seguintes memoráveis palavras: — “Não chores, querida mãezinha! Coragem! Eu não parto para sempre... Voltarei num domingo de abril”.

“De fato, num domingo e no mês de abril nasceu a menina que o Sr. tem a bondade de acariciar, e a quem chamamos Ninette. Todos que conheceram a primeira

Ninette a reconhecem na segunda. Ela só sabe dizer: *papai, mamãe*; portanto, imagine o Sr. qual não foi a minha felicidade, a minha imensa surpresa, quando, na semana passada, num momento em que eu a animava pensando na morta, e lhe dizia: *Ah! com certeza és Ninette!* — ela me respondeu: — *Sou, sim, Ninette*”.

Nem todos estes fatos têm o mesmo valor e significação; ainda assim merecem indagações sérias e exame metucioso, até que se lhes tenha alcançado o que encerrem de verdadeiramente científico. Outros da mesma natureza estão dispersos, ali e aqui, pelas revistas psíquicas. A brevidade aconselha que os deixemos de parte, posto que tais problemas reclamem documentação vária e abundante.

Entretanto, quem repele doutrina contra a qual não pode apresentar argumentos lógicos ou fatos que a refutem, deve interessar-se por essas reminiscências da infância, cavar-lhes o fundo psicológico, sondar-lhes o conteúdo. E se depois desse metucioso exame e desse estudo imparcial ressaltar a conclusão de que tais recordações não confirmam a grande tradição humana da reencarnação das almas, venham, a público os frutos desse labor, porque mui preciosos serão tais frutos para a ciência e para a humanidade.

Aprofundem os sábios o mistério; desfaçam ilusões, se as há; não temam, porém, que a verdade seja má, que ela produza consequências funestas.

Compete à ciência fazer que o homem se torne ciente e consciente do seu destino.

## CAPÍTULO XXIII

### Leibnitz e a palingenesia. — Experiências.

Não foram muitos os filósofos do Ocidente que se bateram pela doutrina da pluralidade das existências, mas do número deles se destaca o grande vulto de Leibnitz.

— “Como o nascimento, dizia ele, a morte não passa de uma transformação. Não há morte, mas sim um eterno e espontâneo progredir do mundo para o máximo de beleza e de perfeição universal cabíveis nas obras de Deus: — portanto, o mundo caminha para um estado que será cada vez melhor. A vida de todas as criaturas não é mais do que uma série de estados ligados todos entre si, como que uma cadeia em que, num dado momento, representa a existência atual uma espécie de anel que, posto que distinto, está, no entanto, ligado a toda a cadeia. É da própria natureza da substância criada o mudar continuamente de estado, de acordo com certa ordem que, por assim dizer, a dirige *espontaneamente* por todos os estados que lhe advêm depois, e isso de tal modo que, se alguém pudesse ver tudo, também veria nesse estado *presente* todos os seus estados passados e futuros”.

Eis aí a doutrina da reencarnação; o que lhe falta é simplesmente o nome. Passaríamos, agora, do domínio especulativo ao convívio íntimo dos fatos experimentais, se o metapsiquismo já tivesse transposto a sua infância. Os seus primeiros passos, o seu desenvolvimento, têm sido embaraçados pela rotina oficial, — tamanha é a força do preconceito, principalmente quando em íntimo conúbio com a opinião pública pouco esclarecida. O anátema do professor Haeckel resume a situação, mostra a intolerância que campeia no mundo dos sábios e, portanto, o obscurantismo, as trevas em que se debatem os que neles se louvam. Alguns cientistas entregam-se, às vezes, ocultamente a essas investigações, mas o fazem cercados de tão pudico e injustificável recato, que mais parece que vão cometer uma indignidade do que tirar a limpo um dos grandes enigmas da Natureza. É daí, desse escuso recanto, que saem a correr mundo observações e até livros, tudo, porém, sob a capa de pseudônimos, e tudo vago, indeciso, inconsciente. É por isso que, lutando nas trevas, crenças, aturcidas e sem guia, inteligências há que, ou se apegam indistintamente a tudo que de lá lhes vem, ou, então, tudo repelem cegamente, a esmo, sem bússola que as oriente, sem critério que lhes permita a compreensão e avaliação dos fatos.

O resultado, como se vê, é maléfico, profundamente maléfico. Daí o grande vagar com que se vai formando e desdobrando essa nova ciência que Richet batizou por *Metapsíquique*<sup>6</sup> em sua língua, e a que, talvez mais vernaculamente, melhor fique em a nossa o nome de *Metapsicologia* ou *Metapsiquismo*.

Seja como for, já sinais animadores começam de aparecer no horizonte. Mais ou menos claramente, já se vai percebendo que não tardará muito a inevitável desforra do magnetismo animal. Mesmer aí vem de novo. O gênio de Charcot só conseguiu eclipsá-

---

<sup>6</sup> Literalmente *Metapsíquica*.

lo por alguns anos; apagá-lo, nunca. O mesmerismo ressurgirá para maior benefício da humanidade enferma. Os sonâmbulos de amanhã vão cooperar largamente para a elucidação dos mistérios do ser e para a reintegração da psicologia no quadro das ciências. Vai se ver que o hipnotismo não contém o mesmerismo, como geralmente se pensa, e que a inversa é que é verdadeira.

Sabiamente manejado, projeta o magnetismo à luz da consciência os fatos de memória que pareciam profundamente olvidados e que se acham nas dobras do inconsciente humano. É que ele desprende parcialmente o *eu* da sua prisão carnal, restituindo, assim, à memória todas as páginas de suas vidas anteriores.

As investigações desta ordem, conquanto raras, prometem fecundos resultados. Curiosas entre as mais curiosas são as experiências do coronel de Rochas, a cujo respeito é grandemente lamentável que, no mundo científico, não tenham despertado a atenção que merecem. Para honra da ciência, é preciso que elas sejam meditadas, reproduzidas e até retificadas, se for possível. As dimensões deste trabalho não permitem que as transcrevamos. Entretanto, para que delas se tenha uma ideia aproximada, damos a seguir, por ser mais curto e do mesmo gênero, ainda que mais antiga, uma experiência do príncipe Galitzin, referida por Léon Denis:

— “O príncipe Adão Wisniewski, residente à rua Dabarcadère, em Paris, comunica-nos a seguinte narração que ouviu das próprias testemunhas, algumas das quais ainda vivem, mas que só consentiram em ser designadas pelas iniciais.

“No verão de 1862, nas águas de Hamburgo, estavam reunidos o príncipe Galitzin, o marquês de B..., o conde de R...

“Uma noite, terminado o jantar, que foi muito tarde, passeavam no parque do Casino, onde se lhes deparou uma mendiga deitada num banco. Aproximaram-se, indagaram e a convidaram para ir cear com eles no hotel.

“Tendo ela ceado, e com grande apetite, o príncipe Galitzin, que era magnetizador, teve a ideia de magnetizá-la, o que foi conseguido à custa de muitos passes. Qual, porém, não foi a admiração dos presentes, quando, profundamente adormecida, ela, que há pouco se exprimia em mau dialeto alemão, se pôs agora a falar em corretíssimo francês, dizendo que se encarnara como pobre por punição de um crime por ela cometido na existência anterior, no século XVIII. Nessa existência morava ela à beira-mar, num castelo da Bretanha. Como tivesse adquirido um amante, quis ver-se livre do marido e o atirou ao mar do alto de um rochedo. Indicou, depois, o lugar do crime, com bastante exatidão.

“Mais tarde, cada um por sua vez, ambos servindo-se dessas indicações, foram à Bretanha o príncipe Galitzin e o marquês de B..., que abriram devassa, cujos resultados foram idênticos. Muita gente aí foi perguntada do que sabia a respeito... E, se a princípio nada conseguiram, tiveram depois a confirmação de tais fatos na boca de

aldeões velhos, que os tinham ouvido de seus pais: — história de uma jovem e formosa castelã que matara o marido, atirando-o ao mar.

“Todo o referido pela pobre de Hamburgo em estado sonambúlico foi reconhecido como verdadeiro.

“O príncipe Galitzin, de volta à França, passando de novo por Hamburgo, interrogou o comissário de polícia a respeito dessa mulher. Declarou-lhe o funcionário que ela não tinha instrução alguma, que apenas falava um vulgar dialeto alemão e que vivia unicamente dos minguidos biscates de sua vida de prostituta da mais baixa ralé”.

Fatos dessa natureza desnorteiam, e, se bem autenticados, reduzem a bem modestas proporções as afirmações precipitadas da nossa ciência materialista, — sendo, por isso, sistematicamente negados, e negados só porque não foram vistos por quem nega.

E, negando-os, também negam o valor de testemunhas honestas, criteriosas, de boa-fé, — esquecendo-se de que aceitam numerosos fatos científicos pura e simplesmente consagrados por bem pequeno número. Não é isso o que se passa agora com as expedições polares? Quantas não são as observações e experiências que já estão incorporadas ao patrimônio científico e que, entretanto, não foram suficientemente repetidas!

Qualquer, porém, que seja a timidez de muitos sábios contemporâneos, pouco animados a enfrentar esses problemas; qualquer que seja a parcialidade de outros que negam os fenômenos porque fogem de se encontrar com eles, um fato é um fato, e não há no mundo forças que possam obrigá-lo a deixar de o ser.

## CAPÍTULO XXIV

### **O homem de gênio e as crianças prodígios. — Insuficiência da biologia.**

Num dos capítulos anteriores já nos referimos passageiramente ao fato das crianças prodígios, na música, na pintura, nas línguas. Citamos exemplos, e mais ainda citaríamos, caso quiséssemos alongar-nos na parte descritiva. Fosse esse o nosso propósito, que nos referiríamos circunstancialmente a Pepito Arriola, uma das revelações precoces do gênio musical moderno. E desse caráter de moderno adviria um alto valor, capaz de satisfazer às hodiernas exigências da crítica e do ceticismo. Com efeito, por que é que, aos dois anos e meio de idade, vai Pepito reproduzir no piano tudo que ouvira à mãe tocar, ele que nenhuma aprendizagem tinha? — Ele que ainda não havia completado três anos e já se exhibia perante um numeroso auditório de críticos e de músicos? — Ele que, aos três e meio, já se não limita a executar passivamente, mas improvisa e inventa? Pepito foi estudado pelo professor Richet: — basta isso para tranquilizar o ceticismo contemporâneo, porque sábios da estatura intelectual e moral de um Richet nada têm de suspeitos, mas antes tudo de veneráveis aos olhos do mundo. Por essa razão podemos tomar a Pepito como tipo e símbolo das várias manifestações de precocidade, para que assim se destaque o problema biológico e psíquico que elas representam.

Relativamente às línguas é o que se dá com Trombetti, o atual professor de filologia da Universidade de Bolonha. Nascido em família pobre e completamente ignorante, aprendeu por si só o francês e o alemão; e, no fim de dois meses, lia Goethe e Voltaire. “Aprendeu o árabe só com uma única leitura da vida de Abd-el-Kader em árabe. Um persa, de passagem por Bolonha, ensinou-lhe a própria língua em poucas semanas. Aos doze anos aprendeu simultaneamente, consigo mesmo, latim, grego e hebraico. Depois estudou quase todas as línguas vivas e mortas. No dizer de seus amigos, ele já está senhor de cerca de trezentos dialetos orientais. O rei da Itália o nomeou professor de filologia na Universidade de Bolonha”.

Mas o que importa não é descrever as minúcias de tais fatos, e sim procurar o que esses fatos significam, e extrair-lhes o suco de ensinamentos que ministram. É de toda a conveniência que se examinem os fenômenos que exorbitam do quadro das explicações científicas correntes. Ao contrário daqueles que os repelem e não hesitam em negar-lhes a existência, os que aceitam tais fatos têm a vantagem de alargar o espírito, obrigando-o ao esforço, sugerindo novas interpretações e mostrando as falhas do saber contemporâneo.

Acontece com os meninos prodígios o que acontece com o gênio: a hereditariedade não os explica. Há biólogos que lhe atribuem demasiada importância. Entretanto, aí estão fatos que a limitam. Outros atribuem grande exagero à influência do meio. Ora, nesses fatos, onde foi parar a amplitude biológica? É que a hereditariedade e o meio não bastam para explicar os prodígios nem os gênios. Uns e outros tiveram mui frequentemente ascendência modesta, às vezes medíocre, e progenitura vulgar senão

inferior. Alguns têm mesmo havido em quem o fastígio do poder mental e moral surge *ex-abrupto*, sem continuidade com o laço familiar, que era menos que modesto, os quais chegam mesmo a morrer sem progenitura. Foi o que se deu co Lao-Tsé, Buda, Zaratustra, Maomé e outros iniciadores religiosos; o que sucedeu a Platão, a Dante, a Newton, a Giordano Bruno, etc.

Os rebentos de Péricles foram dois filhos tolos, Parálios e Xantipo. Quem foi o descendente de Marco Aurélio senão Cômodo? Da semente de Germânico saiu Calígula; da de Vespasiano, Domiciano; da de Cícero, seu filho, o bêbedo Marco Cícero. Não insistiremos. Os exemplos estão em todas as raças, em todas as nações, em todos os meios.

São fatos que demonstram claramente a insuficiência do materialismo. Mas, para mostrar o insucesso da biologia materialista, não é necessário rebuscar fenômenos raros; bastam os comuns, os normais, os fatos de todo o dia.

É assim que a biologia estabelece perfeito paralelismo entre o grau de inteligência e a complicação da estrutura nervosa cerebral, concluindo daí que a inteligência é função do cérebro. Mesmo que essa relação se apresentasse através de toda a escala animal com a rigorosa exatidão de uma lei, só provaria uma coisa: — que a substância nervosa é o instrumento, o meio, o veículo, a condição das manifestações da inteligência.

Essa relação, porém, não é perfeita como se pretende. Nem sempre a inteligência é função da complexidade cerebral; as exceções são numerosas. Insetos minúsculos, como as aranhas, as abelhas, as formigas, cujos cérebros estão reduzidos a simples gânglios nervosos, enchem-nos de admiração por sua providência, por sua sociabilidade e por seu engenho na arte da construção, ao passo que no cérebro gigante de certos colossos do mundo animal a luz da inteligência apenas desponta.

Imaginou o materialismo biológico ter descoberto uma relação proporcional entre o grau de inteligência e o peso e o volume do cérebro. É ainda uma ilusória descoberta, como se vai ver no seguinte quadro, organizado pelo anatomista Debierre:

*Relação de peso entre o cérebro e o corpo*

Coelho .....	1 de cérebro para	140 de corpo
Gato .....	1 ” ” ”	156 ” ”
Raposa .....	1 ” ” ”	205 ” ”
Cão .....	1 ” ” ”	351 ” ”
Cavalo .....	1 ” ” ”	800 ” ”

Repare-se no quadro, e se verá como é inexata a lei que, tendo imaginado que é constante a relação entre a inteligência e o peso do cérebro, conclui que a inteligência é um produto da matéria cerebral. Então, dos termos dessa relação, não se depreende que o coelho é mais inteligente que o gato, a raposa, o cão e o cavalo? Quanto absurdo!

Também se tem querido encontrar relação proporcional entre o volume do cérebro e a capacidade mental. Ora, a esse respeito fornece-nos o mesmo anatomista provas em contrário:

Párias da Índia .....	1.332	centímetros	cúbicos
Australianos .....	1.338	”	”
Polinésios .....	1.500	”	”
Antigos Egípcios .....	1.500	”	”
Merovíngios .....	1.537	”	”
Parisienses Modernos .....	1.559	”	”

Provaria isto, diz o Dr. Pascal, que o povo construtor das pirâmides e de Karnack, povo que ergueu a 150 metros de altura monólitos tais, que qualquer deles exigiria pelo menos quinze cavalos para o transportar por boa estrada; que, sem argamassa nem cimento, justapôs essas pedras enormes com juntas quase invisíveis; esse povo que tinha o segredo do vidro maleável e de uma pintura que se não apagou com os séculos; que soube registrar dois anos siderais em seus zodíacos, etc., — provaria que esse povo é inferior aos atrasados merovíngios e apenas igual aos polinésios!

A ciência ensina, também, que o cérebro da criança atinge, na média, a 1.250 gramas, aos cinco anos de idade. Ora, basta refletir no quanto adquire o indivíduo, a partir dessa idade até à do adulto, sob o ponto de vista moral e mental, e confrontar com a fraca adição de peso de matéria cerebral no curso desse desenvolvimento, para se inferir á luz da evidência o quanto é falsa a suposta afirmação da biologia materialista, — de que a inteligência é função do cérebro.

Deixemos de parte os casos de Gambetta, de Tiedemann e de outros vultos de subido quilate mental, apesar da notável pequenez de sua capacidade craniana; toquemos apenas rapidamente nos seguintes fatos:

— A inteligência não está na matéria cerebral, e tanto assim que ha loucos que deixam de o ser quando postos em sonambulismo. — Em estado mesmérico, certos indivíduos de fraco intellecto se manifestam como pensadores eminentes.

Fatos dessa ordem demonstram que o cérebro é simplesmente um instrumento físico, um meio de expressão, um veículo temporário, e nada mais. Se, porque se não destaca do materialismo estreito, nada compreende o saber contemporâneo, nem mesmo o que se refere aos fatos normais, que poderá ele entender das crenças precoces, dos calculadores prodígios, do homem de gênio?

Se os não pode explicar a biologia, em compensação toda a gente os pode compreender, fácil e nitidamente, à luz fecunda e brilhante da pluralidade das existências.



## CAPÍTULO XXV

### **Objecções e respostas. — O esquecimento. — Objeção de Taine. — O espiritualismo científico e experimental.**

Já sumariamente exposta em suas linhas principais a doutrina da pluralidade das existências da alma, o que importa agora é aquilatar das objecções de maior vulto com que a assediam.

Também já ficou dito que a maioria não é, como pensa a ciência oficial, uma faculdade localizada no sistema nervoso. Se assim fosse, não seria possível evocar, despertar do seu aparente letargo fatos e acontecimentos que pareciam inteiramente olvidados, e isso por meio de simples modificações dinâmicas, quais os passes magnéticos, a sugestão hipnótica, o sonho, o delírio. Não compreendemos mesmo como é que uma substância material, incessantemente renovada por trocas nutritivas, possa servir de arquivo, de registro aos fatos da memória.

O que está comprovado pela observação é que a quase totalidade dos homens não conhece meio algum de libertar-se do véu de esquecimento que lhes cobre o passado. Salutar e vantajosa para o progresso do eu permanente, que subsiste apesar de todas as mutações do viver terrestre, essa circunstância é apresentada como uma das objecções contra a doutrina. Não querem perceber o que há de providencial nesta ordem de coisas.

Observemos o que se passa a cada momento em nossa vida social. X cometeu uma falta ou um crime e, por mui vivo que se lhe desperte na consciência o desejo da regeneração, da reparação da falta, por muito que ele procure enxertar um homem novo no homem do passado, os obstáculos se lhe multiplicam a cada passo, pela desconfiança e pelo ódio de seus concidadãos. Quase ninguém lhe perdoa; são poucos os que aceitam o carvão que se converteu em diamante. O meio social lhe fica hostil e desfavorável, não oferece terreno propício à germinação da semente nova. De sorte que, para regenerar-se, tem ele que empregar esforços sobre-humanos. Como um espelho fatídico, a sociedade lhe reflete incessantemente as faltas: — daí o pesadelo; do pesadelo, a revolta, a acender-se ao próprio malogro dos melhores intentos... É então que X reincide: — o abismo chama e atrai o abismo.

Imagine-se que o estado desse X reproduz todas as situações do homem encarnado, com simples variantes de graus, de matizes. Todos nós somos, mais ou menos, réprobos e sofremos as consequências de nossas ações. Que seria de nós se, novamente reencarnados, tivéssemos nítida consciência da encarnação anterior? Se, renascendo na posterior, para ela trouxéssemos as nossas prevenções e preconceitos? Se de novo nos reconhecêssemos mutuamente, pondo outra vez em ação os nossos antigos ódios? — Seria fechar as portas ao aperfeiçoamento dos seres, seria impedir as reparações necessárias.

O esquecimento do passado é condição do progresso, porque faz que os indivíduos se concentrem no presente e preparem o futuro, e tudo isso sem que se sintam embaraçados na sua marcha pelo doloroso reconhecimento de antigas decadências.

Acode-nos a objeção que foi formulada por Taine nos seguintes termos: “Se formos crer que o estado da desgraça é um efeito da punição das faltas, a que virão, então a caridade e a fraternidade? Podemos compadecer-nos do doente que sofre e desespera; mas, porventura, já não será menor a nossa compaixão diante de um criminoso? Digo até mais: — a compaixão não se justifica, pois chega mesmo a ser uma falta, uma vez que a justiça divina é que está em ação no sofrimento humano. Portanto, onde o direito que nos autorize a contrariar, a embaraçar a justiça de Deus? A própria servidão é legítima, e quanto mais castigados e mais humilhados são os homens pelo destino, tanto mais devemos encará-los como decaídos”.

Nessa objeção a solidez é aparente, e aparente porque, no fundo, o que se lhe descobre é, simplesmente, uma imperfeita assimilação da doutrina. Ela separa a evolução individual da evolução coletiva, cisão impossível para os que bem assimilaram o problema do destino.

A solidariedade é a lei. Somos todos solidários uns com os outros. Sofremos as consequências de nossas faltas passadas; mas, como vivemos imersos no meio social, as faltas coletivas repercutem sobre nós. Trabalhe cada qual para o melhoramento da sorte de todos, e terá mudado o cenário em que tiver de fazer novas experiências de vida. Relaxe, porém, o esforço, descure a lapidação de si mesmo, deixe preponderar o interesse individual, e terá contaminado não só o seu, como também o carma da coletividade.

Inexorável de justiça e de amor, essa lei não permite que ato algum deixe de produzir o seu efeito, seja ele embora o menor, o mais insignificante de todos os atos. A consequência é inevitável; a lei de causalidade opera infalivelmente.

Todas as iniquidades que forem por nós injustamente toleradas levantar-se-ão contra nós. Quem esmagou, será esmagado. Quem faltou com a caridade, terá sede de caridade. Quem esqueceu a fraternidade, por ela será esquecido.

Em que nos basearemos nós para do sofrimento visível do próximo inferir que se trata de uma expiação? Quantas vezes o que se nos afigura expiação não terá sido voluntariamente escolhido por um ser altamente evolucionado, como um meio de lhe tornar mais rápido o progresso?

E quem nos poderá dizer se a criatura sobre quem imaginou Taine ter caído a espada da justiça divina, e a cujo favor nos proíbe exercermos a caridade, tem ou não o seu destino mais diretamente ligado ao nosso, e só se acha em semelhante estado para obter de nós conforto e consolo?

Outras objeções, de menor valia, podem ser formuladas contra a doutrina, e às quais se poderia responder vitoriosamente.

Mas... já é tempo de terminar.

Temos procurado com um esforço sincero, porventura improfícuo, coordenar alguns fatos e interpretá-los à luz da concepção espiritualista. A nosso ver, os fatos científicos modernamente conhecidos demonstram a existência da alma. A demonstração científica excede em eficácia às antigas provas filosóficas e as sobrepuja em consequências práticas. Com efeito, as velhas provas da escola espiritualista, seja qual for o seu valor filosófico ou lógico, são, por sua natureza, de mui reduzida eficácia; nunca se poderão impor à universalidade dos homens, nem chegarão jamais a levar a convicção ao espírito popular.

O mesmo não acontece com as provas científicas. O raio de ação delas é muito mais extenso. Ora, nada há que exerça como as crenças tão decisiva influência sobre a marcha da história humana. Em última análise, é sobre as crenças que repousam todas as instituições. E aí está por que consideramos a demonstração científica da existência da alma como um fato de incalculáveis consequências, capaz de marcar uma era nova na evolução da humanidade. Não há dúvida que a concepção da sobrevivência é o ponto comum a todas as grandes religiões, e é também o seu núcleo de resistência. Os dogmas desta ou daquela sofrem os ataques da crítica científica ou filosófica, e muitos deles vão ruindo por terra; mas o sentimento religioso que tem por base a sobrevivência do ser e sua ligação ao Absoluto, esse teima em viver, resiste aos golpes da crítica e se levanta das próprias cinzas em que se desfizeram os mesmos dogmas.

Ora, se a própria ciência, que tem solapado a dogmática, essa parte acessória de todos os credos; se é ela mesma, que há de vir amanhã apresentar as provas da existência da alma, elemento essencial, ponto de convergência, afirmação comum de todas as grandes religiões; se é a ciência de amanhã que vai pôr em plena evidência a faceta da verdade que cada credo simultaneamente refratava e deformava a seu modo, como deixar de perceber a notável mutação por que vai passar o cenário em que se evolve o destino da humanidade?

Sociólogos e moralistas jamais se deverão esquecer de que as crenças são um fator preponderante na marcha da História, no desdobramento da evolução humana. E se a profissão de fé materialista devesse um dia universalizar-se, que poderiam esperar os homens do planeta que habitam e da sociedade em que cooperam? Qual o germe de dedicação e de sacrifícios que não será abafado por uma concepção da vida que mata a esperança? E sob que fundamento nos obrigaria a doutrina materialista ao dever que cada qual tem de cumprir, mesmo ao dever que se opõe, muitas vezes, aos seus interesses imediatos? Pois se o dia de amanhã é a velhice que aí vem, e se as amarguras da velhice já nos irmanam com a poeira terrestre; se o planeta que nos hospeda vai ser o túmulo de nossas ações; se o nosso ser, em quem vimos a crisálida capaz progredir indefinidamente, também morre para sempre, sem nada significar no Universo que é vazio como ele, nesse Universo mecânico, que só responde ao heroísmo dos mártires e

ao martírio dos santos com o movimento dos átomos e com as simples “combinações moleculares”; se é essa a solução final do enigma da vida e do Universo; — como compreender, então, a virtude, o heroísmo, o sacrifício, o amor? Apaguem-se, então, da nossa veneração as figuras ideais de um Sócrates ou de um Jesus, e cresçam em nossa estima, e aí se imponham como modelos, os tipos do ambicioso vulgar, do explorador, — do egoísta, numa palavra.

Sem dúvida, o amor do bem e da verdade, a prática dos deveres austeros, o apego à vida de família e o cultivo dos melhores sentimentos exornam, às vezes, o caráter de muitos materialistas e ateus. Mas é um ornato adventício, que lhes não resulta das crenças. É um ilogismo de ordem moral, uma inconsequência entre a doutrina e os atos. Feliz ilogismo! Santa inconsequência! Pois vinde provar-nos que, à vezes, o homem é superior às doutrinas que professa.

Se o esforço da evolução, o drama da vida, já esboçado nas primeiras palpitações da matéria, não visa a formação do ser moral, não colima o progredir incessante da mônada permanente, que subsiste e sobrevive a todas as mutações da forma em que se vai encarnando na escala dos seres vivos, então a Natureza é falsa, porque ela ensinou o sacrifício, desde o da semente que morre para a árvore, o da flor que morre para o fruto, até à concepção das mães, até as imolações heroicas dos mártires da vida cívica e dos apóstolos da fé religiosa.

Se o túmulo fosse o limite de nossa vida, eis como soaria o Sermão do Monte:

— Bem-aventurados os egoístas, porque gozaram o momento que passa!

— Bem-aventurados os duros de coração, porque souberam poupar-se ao contato das dores alheias!

— Bem-aventurados os ricos, que guardam o seu tesouro!

— Bem-aventurados os poderosos, que dominam pela força!

Mas, não. Os mortos vivem. O seu coração que sabe amar até morrer por seu amor; que pode odiar até a morte do próprio objeto do seu ódio, esse sobrevive ao instrumento físico que lhe serviu de veículo.

Os mortos vivem!

O espírito que interroga os astros e que sonda os espaços sem fim, é muitíssimo mais do que uma simples “combinação de matéria”.

Eterno, esse espírito não morre, não se desfaz nas infinitas praias do Universo como a espuma das ondas nas praias do mundo.

FIM